

Manuel de Oliveira

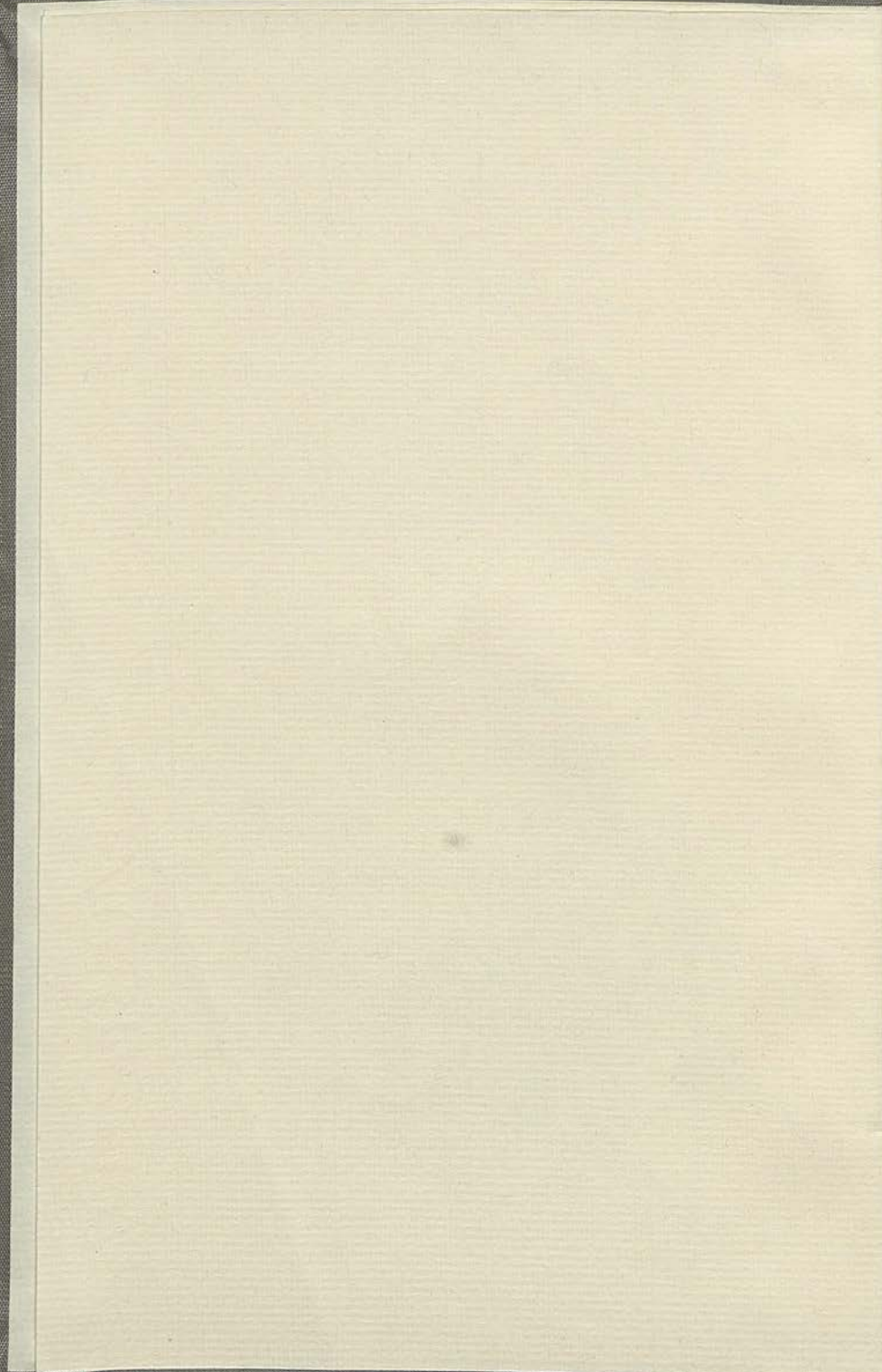


AS

FARPAS

VOLUME 9

EDITORIA
LISBOA



AS FARPAS

2 A 1 3 7 2

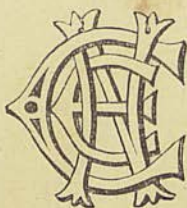
Vidal do Couto.
RAMALHO ORTIGÃO

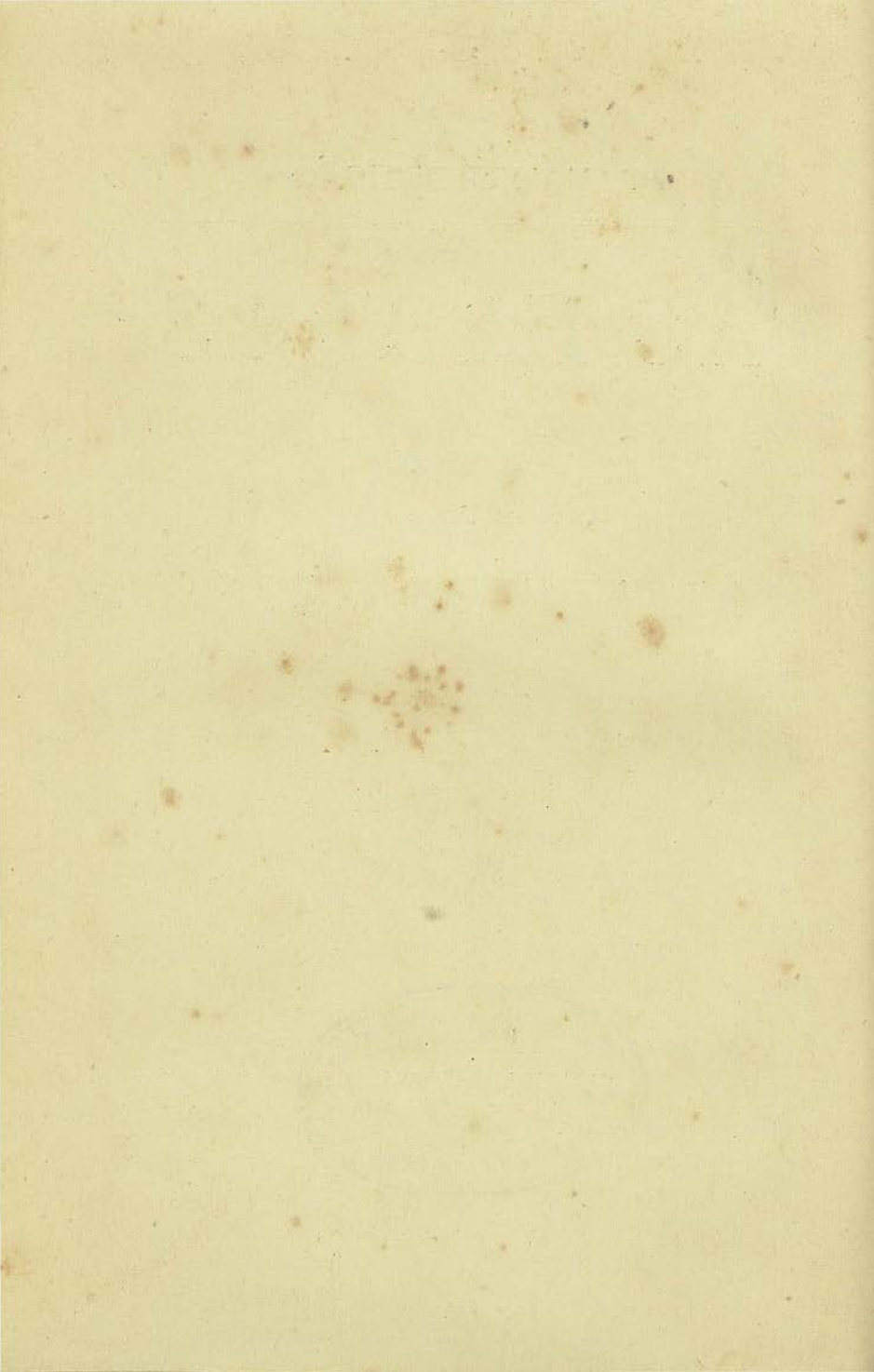
AS FARPAS

TOMO IX

O MOVIMENTO LITTERARIO E ARTISTICO

137--





I

Em Portugal um litterato do qual se propale que estuda fica por esse facto desacreditado perante a critica e perante o conceito publico. Tem-se em Lisboa a respeito do trabalho intellectual a extranha opinião de que só trabalha quem não tem talento. E d'aqui chegam ás vezes a deduzir que tem talento todo aquelle de quem se prova que não trabalha.

Assim as solidas e incontestaveis reputações de capacidade de espirito fazem-se nos botequins.

A immortalidade — do Loreto ao Rocio — repousa entre as dez horas e a meia noite n'um banho de cerveja da pipa.

A fonte da sciencia na Baixa é o pote do Martinho.

Os moços do café Central, se lhes pedirdes uma

celebridade litteraria, virão chamal-a á rua como se chama um trem.

No Gremio suppõe-se que não sabem lêr nem escrever os sujeitos que não passam alli a noite, a fumar, até as duas horas.

Ainda havemos de vêr individuos attestarem os seus merecimentos litterarios por esta forma: «Fulano de tal, bacharel formado em direito e freguez do Aurea!»

Appareça um temerario que se atreva a suspeitar de talento alguém que passe as noites em casa.

Oh!—responde-lhe logo o côro da opinião—é um bruto de estudo, é um quadrupede de trabalho, é um carnivoro de leitura!

Segundo esta convicção essencialmente nacional, a ociosidade é a mãe do genio. O Chiado, supremo aferidor da legitimidade dos nossos direitos perante a fama, só nos entregará de boamente aos braços da gloria depois de se encher de razão para affirmar do eleito: «Ahi vae um de quem não consta que abraisse livro.»

Um dos escriptores que o publico mais violentamente deprimia com as illações d'este criterio era o sr. Pinheiro Chagas.

Este litterato procedia realmente de um modo verdadeiramente irritante para a consideração do

publico! Como orador principiou por falar em uma série de conferencias organisadas pelo sr. Andrade Ferreira: discurso estudado!

Falou mais tarde no Gremio: discurso estudado!

O publico, que principiara por escutal-o com a mais benevola curiosidade, de desillusão em desillusão veiu finalmente a desprezal-o: elle estudava sempre!

Deputado na presente legislatura, chamado a intervir com a sua palavra na direcção dos negocios publicos, n'esse momento solemne de trocar a toga pretexta pela toga viril, o joven orador resolveu reconciliar-se com a patria que o elegera propugnador dos seus foros, e proferindo o seu primeiro discurso politico no dia 6 do actual mez de setembro, o sr. Pinheiro Chagas, representante do povo, provou brilhantemente que era tão capaz como qualquer outro de ignorar da maneira mais profundamente patriotica o objecto de que se tratava.

A patria reconhecida jubilou ao sentir palpitar em seu regaço o coração d'esse filho ingrato que por algum tempo se homisiara na reflexão e no recolhimento. Elle finalmente não estudava!

O illustre deputado tinha inimigos na camara; os seus precedentes justificavam honrosamente a desconfiança e a animadversão. O discurso a que alludimos foi um repique de pacificação universal. O

orador foi cumprimentado affectuosa e sinceramente pelos srs. deputados de todos os partidos.

N'esses abraços e n'esses apêrtos de mão a camara cumprimentava-se a si mesma:— tinha mais um cumplice.

A razão porque o sr. Pinheiro Chagas confundiu o poder judicial e o poder executivo, a razão por que não discriminou o socialismo do communismo, a razão porque misturou a lei de reunião com o regulamento dos theatros, a razão por que afirmou que o socialismo supprimia a familia, a razão finalmente porque fez do seu discurso uma especie de paizagem d'aquellas regiões dithyrambicas de que fala Flaubert, as quaes têm á esquerda um miranete tartaro, á direita uma ruina romana e ao fundo uma capellinha,—a razão por que tudo isto se fez está no assumpto que se escolheu para objecto d'esse quadro.

Sem analysarmos pois este discurso, exporemos apenas a moção que lhe serve de alicerce:

«A camara entende que as circumstancias especiaes, em que se achava a Europa, justificam o procedimento do governo em relação ás conferencias democraticas.»

Ora a camara effectivamente entendia isto. O sr. Martens Ferrão tambem o entendia. Enten-

diam-o egualmente os mais illustrados e respeitaveis magistrados, porque a magistratura é um poder eminentemente conservador, que entende perfeitamente tudo quanto não seja accrescentar a minima innovação ás cousas que estivera na vespera á noite a inventariar, commodamente embrulhado n'um cobertor de Papa. O sr. Pinheiro Chagas, escriptor liberal, democrata illustrado, com todas as convicções e todas as virtudes do homem moderno, é que não podia entender, nem fingir que entendia tal.

A portaria que mandou fechar as conferencias democraticas não foi só uma flagrante violação da lei applicavel áquelle caso, foi tambem um attentado claro e terminante contra a liberdade da palavra sem a qual é nulla a liberdade do pensamento.

Ora attentados contra a liberdade—e contra a liberdade no mais augusto dos seus foros—não ha circumstancia nenhuma que os justifique.

Sociedade em que o mais inviolavel direito do homem, que é discutir o seu destino superior, encontra uma condicional, uma attenuante ou uma restrictiva da parte do poder, é sociedade entregue ao despotismo.

Se a circumstancia *a* justifica hoje a suppressão da palavra, porque é que a circumstancia *b* não ha

de justificar amanhã a supressão da vida? Se hoje entendeis que para uma hypothese de segurança publica é legítimo o sacrificio minimo, porque não legitimareis amanhã o sacrificio maximo? Segundo a vossa theoria uma hypothese justifica, e ninguem vos pode impedir de accumulardes hypotheses. Com uma, condemnaes-me ao silencio; com dez, com cem ou com mil, podereis condemnar me á prisão, ao degredo ou á força. E sereis apenas coerentes e logicos.

Com respeito á supressão das conferencias democraticas ou a qualquer outra supressão da liberdade, a questão não pode versar senão sobre este ponto: se *perigou* ou se não *perigou* a segurança publica.

O *perigou* não se discute: é um argumento prohibido, que tem sido o escudo de todos os despotas, de todos os tyrannos e de todos os oppressores.

As cartas «de cachet» nunca se expediram em França sem violentas protestações dos parlamentares em favor da liberdade; os reis justificaram-se sempre com a *segurança publica*.

A Inquisição nunca queimou ninguem pelo simples prazer de fazer bifos humanos: o seu intuito era manter a *segurança publica*.

A expulsão dos judeus em Portugal e a carnificina

dos huguenotes em França foram exigencias da *segurança publica*.

Todos os actos de oppressão monstruosa, que nos espantam e nos aterram, foram recebidos em seu tempo com os regosijos que sempre inspiraram os justificados sacrificios á *segurança publica*.

O successo da Saint-Barthelemy foi celebrado em Portugal com repiques e luminarias, e na igreja de S. Domingos, onde houve *Te-Deum*, o padre frei Luiz de Granada prégou um sermão de parabens á *religião* e á *segurança publica*.

Assim é que a segurança publica encobriu sempre a violação do direito.

O sr. Pinheiro Chagas sabe todas estas cousas tão bem como nós, ou antes muito melhor do que nós. É um espirito esclarecido e recto. A contradicção que assignalamos entre o seu brilhante passado como escriptor publico e o seu primeiro discurso como deputado manifesta apenas o deploravel caso da influção perniciosa da politica portugueza nas intelligencias mais elevadas e mais dignas.

Vimos o sr. Pinheiro Chagas falar no Gremio a respeito da litteratura dramatica com a escolha de termos e com a compostura de gestos do mais correcto e grave parlamentar. Vêmol-o na camara falar das conferencias com a desenvoltura e o des-

mancho de um frequentador do Gremio. Tanto é verdade que em toda a parte se pode talvez hoje ser parlamentar, menos no parlamento!

Não somos dos beatos da palavra, dos gulosos de figuras e de tropos, que dão á eloquencia — no sentido vulgar d'esta palavra — uma adoração que ella não merece. Consideramos Longino e Quintiliano como uns pobres instructores de pedantes, pelos quaes professamos um respeito extremamente comedido.

Nas sociedades modernas a utilidade pratica dos rhetoricos vae-se tornando cada vez mais restricta, e é natural que dentro em pouco nos seja absolutamente impossivel atural-os, se elles se não derem ao trabalho de se acompanharem a si mesmos — ao piano.

Um homem que actualmente falasse como Demosthenes seria tão profundamente ridiculo e insupportavel como uma senhora que nos dirigisse cartas como as de madame de Sévigné.

Ha porém uma cousa tão intoleravel como a affectação oratoria, impropria das tendencias e dos destinos d'este seculo, é o desasseio ostentadamente ordinario, é a atrevida sem-cerimonia e a réles frescata da moderna tribuna portugueza.

Nunca se viu cousa mais corriqueira e mais esbandalhada do que essa pobre tribuna que esbeixa

e se esborôa em solecismos! Os discursos são um rebate de estafados palavrões grotescos e de banalidades descompostas de pensamento e de grammatica, indigestas e inspidas, proferidas de ordinario com um bambaleio de inflexões e de maneiras plebéas, por meio do qual se convencionou simular as naturalidades de uma improvisação truanesca. As poucas excepções que existem confirmam salientemente a generalidade d'esta regra.

Este phenomeno indica uma deploravel depressão no nivel geral da educação e da arte.

Se os homens novos, com o talento do sr. Pigneiro Chagas, se deixarem levar por esta corrente do palavrório relaxado, o parlamento portuguez cahirá em breve n'uma prostração que não poderá deixar de lhe ser fatal. O plebeismo da palavra torna rasteira a opinião. A baixeza indecorosa do estylo é um pêso que desloca insensivelmente o pensamento da sua dignidade e da sua elevação. Uma camara que fala mal é impossivel que proceda bem. Se ella tivesse concepções elevadas e rectas, a sua linguagem seria indispensavelmente commedida, clara e grave.

Esta clareza e esta gravidade, que constituem as principaes condições da linguagem parlamentar, não são o producto de um artificio rhetorico, são o resultado impreterivel da compenetração dos in-

teresses superiores da justiça, da dignidade e da honra.

Phocion, passeando junto da tribuna atheniense, e sendo-lhe perguntado se estudava o que devia accrescentar na sua arenga, respondeu com uma palavra, que é o mais bello preceito da eloquencia tribunicia: «Penso no que devo cortar no meu discurso para me tornar digno de ser escutado por um povo livre.»

Na tribuna moderna o homem cuja voz deixou clarrões tão intensos que parecem desagregados das immortaes irradiações da Biblia, foi Abrahão Lincoln, o libertador dos escravos. E comtudo elle não era um sabio nem um erudito, e muito menos um rhetorico; era simplesmente um espirito profundamente justo e um coração inteiramente dedicado á humanidade.

Nós não pedimos que venham Demosthenes ao parlamento portuguez: não cremos que elles sirvam para muito, nem que d'elles proceda grande bem. O que desejaríamos para crédito e recôbro da tribuna dismantellada seria simplesmente que em cada uma das cadeiras de S. Bento se sentasse um homem digno e um cidadão honesto.

Emquanto isto não succeder, as nossas *Farpas* continuarão a cahir sobre essa assembléa, d'onde em nossa consciencia entendemos que desapareceu a decencia.

Se o exemplo dado pelo sr. Pinheiro Chagas não acompanhar as recriminações verberadas por nós, restar-nos-ha lamentar que elle deixe devoluto na camara o logar que lhe pertencia para occupar um outro, que o sr. Arrobas poderá talvez invejar-lhe.

Setembro 1871.

II

Na reforma penal, votada em côrtes na passada legislatura e proposta pelo misistro Lopo Vaz de Sampaio e Mello, foram consideravelmente diminuidas as penas adstrictas aos crimes da imprensa; pelo que todas as folhas ministeriaes applaudiram com ardor os sentimentos liberaes do nobre estadista, que na revisão do Codigo quebrara mais alguns élos ao grilhão imposto pelas velhas leis á livre manifestação do pensamento.

Como a forma do julgamento de cada crime depende da pena que no Codigo se lhe attribue, a amavel attenuação do sr. Lopo Vaz aos castigos da imprensa dá em resultado que o jornalista cumplice de incorrecção de idéas perante a critica do

Código, em vez de ser julgado, como até aqui, pelo jury, passa a ser julgado em policia correccional por um só magistrado.

A reforma começou a vigorar ha dois mezes, e o primeiro jornalista delinquente chamado a responder perante as disposições da nova lei foi o sr. Polycarpo da Silva Lisboa, auctor de um artigo publicado na *Era Nova*, folha republicana, e tendo por objecto qualificar o procedimento do chefe do Estado perante a impunidade das auctoridades que por occasião das ultimas eleições na ilha da Madeira espingardearam o povo matando sete cidadãos.

Dada querela contra o referido artigo pelo delegado do Ministerio Publico, vem duas testemunhas e depõem que a *Era Nova* é uma folha diaria de grande publicidade, e que o numero que inseria o artigo incriminado tivera a publicidade ordinaria do jornal; vem em seguida dois *peritos* que, procedendo na presença do juiz e do respectivo escrivão ao exame do artigo de que se trata, declaram que n'elle *ha injuria*. Levantado o competente corpo de delicto sobre estas bases—o depoimento das testemunhas e a declaração dos *peritos*, é o réo chamado á barra do tribunal do respectivo districto e interrogado sobre o que se lhe offerece dizer em sua defesa.

Toma a palavra o advogado do réo, e procura de-

monstrar que, no artigo de Silva Lisboa, não existe a injuria que o aucto de exame do corpo de delicto lhe attribue.

O juiz, como de direito, faz ouvidos de mercador á laboriosa exposição do advogado do réo; e n'este ponto sou eu tambem completamente pela indifferença opposta ao argumento da defesa pela orelha da justiça. Effectivamente que é que um simples bacharel em leis está habilitado para entender do alcance moral que deve attingir a significação de uma palavra para que essa palavra constitua injuria? Na sua qualidade profissional de bacharel é evidente que o advogado carece de auctoridade legal para entrar na casuistica do ponto de honra, e determinar precisamente e indiscutivelmente o grau de intenção offensiva que com relação á pessoa a quem se dirigem podem, pelo seu significado inteiramente especial de individuo para individuo, ter as palavras que cada um emprega.

Para elucidar questões de uma tão subtil delicadeza pundonorosa, de um tão particular melindre cavalheiresco, não basta conhecer o Codigo e conhecer o lexicon; não basta ponderar o sentido legal, o sentido juridico, o sentido litteral ou o sentido metaphorico da linguagem; não basta conhecer a lei, e conhecer a lingua em todas as suas formas—classica e espuria, academica, litteraria, te-

chnica, vulgar, plebêa, obscena,— e em todas as multiplas e variadissimas accepções que pode imprimir na mesma palavra o estylo, a intenção benevola ou maligna, affavel, ironica, comica, desdenhosa, indifferente, provocadora ou ultrajante. É preciso tambem conhecer o nivel exacto da susceptibilidade geral da sociedade em que se vive, da susceptibilidade particular da classe ou do agrupamento em que a injuria se produziu, e ainda da susceptibilidade individual da pessoa que a articulou e da pessoa a quem ella se dirigia, pois que a mesma palavra, na mesma accepção, na mesma phrase, com o mesmo giro de estylo, com o mesmo sujeito e o mesmo verbo, os mesmos complementos e as mesmas virgulas, impressa no mesmo papel, com a mesma tinta, no mesmo prelo, na mesma forma de letra, no mesmo corpo de typo e com a mesma tiragem, pode ser ou não ser uma offensa, segundo foi dicta ou na sala do throno do palacio da Ajuda, ou logo ao pé na barraca da Pincha na feira de Belem, ou mais para cá no quartel dos marinheiros a Alcantara, ou nos salões do Gremio, ou no mercado da Ribera Velha, ou nas tabernas da Mouraria; já de vassallo para principe, já de anão de feira para palhaço de circo, de grumete para grumete, de janota para janota, de regateira para regateira, ou de fadista para fadista.

Para sopesar a um por um todos estes diversissimos elementos que constituem a natureza offensiva ou inoffensiva de uma palavra, e determinar em vista de todas as circumstancias que a rodeiam, se essa palavra encerra ou não encerra uma injuria, precisa-se de um homem especialissimamente apto, que é o que chamamos juridicamente — um *perito*.

Ora, desde que, no crime de que é accusado o jornalista Silva Lisboa, o magistrado está certo de que não só um *perito*, mas dois *peritos* constataram officialmente a existencia da injuria no artigo premeditadamente manipulado pelo malfeitor, o seu advogado pode em vão allegar o que muito bem lhe parecer; nos ouvidos de todas as pessoas amantes da legalidade e da ordem as palavras capciosas e sophisticas do jurisconsulto não encontrarão jámais senão aquella mesma impenetrabilidade cornea de encontro á qual recochetaram na integerrima trompa de Eustachio do meretissimo juiz.

Pela minha parte, logo que esses dois *peritos* falaram, eu acocoro-me. Quem elles são é que eu preciso de saber para governar a minha vida. Um d'elles chama-se o sr. Leonel Tavares de Mello, chama-se o outro o sr. Faustino Antonio Pires.

Quanto folgo de os conhecer! O meu prezado sr. Pires! O meu dilecto sr Tavares! Cá tomo nota para cumprir com os meus deveres pelas festas

do anno, no dia dos anniversarios natalicios de suas excellencias, ou, com a minha devida tarja preta, por occasião dos obitos das suas excellentissimas familias.

Artigo meu, directa ou indirectamente relativo á pessoa augusta e inviolavel do principe, nunca mais o metto á feira sem primeiro o mandar alveitar pelo meu estimado amigo Faustino ou pelo meu não menos estimado amigo Leonel. E depois os juizes que se mettam commigo!...

Viva Deus, que ainda ha peritos em Berlim!

Se jámais apparecer no reino, ou nas ilhas adjacentes, ou nas colonias, agente do Ministerio Publico que tenha a pouca vergonha de metter o bedelho a escabichar injuria em palavra de que eu faça presente á posteridade por intermedio dos papeis publicos, atiro-lhe á cabeça com o Pires ou atiro-lhe com o Leonel, que o esborracho!

Perante as manifestas provas do crime, assignaladas pelos peritos, o jornalista Silva Lisboa teve de inclinar a fronte nefanda sobre a qual o juiz verberou a seguinte sentença:

«Attendendo a que se acha provado nos autos que n'esta cidade se publica o jornal politico intitulado *Era Nova*, de que é editor responsavel João Augusto Torres;

«Attendendo a que o editor d'aquelle jornal de-

clinou a sua responsabilidade para o réo Antonio Polycarpo da Silva Lisboa, como auctor do artigo incriminado e que se acha a fl. 13, responsabilidade que este accitou, como se vê do termo a ff. 29;

«Attendendo a que o artigo incriminado contém materia claramente offensiva e injuriosa para El-Rei, tornando-se notorios os periodos seguintes:

«1.º Esse alguém, contra quem nada valem a lei nem a justiça, é o irresponsavel, é o impunivel, é o rei, a chave, segundo a Carta, de toda a organização politica. Essa chave é falsa, é uma gazuá infame.»

«2.º Confessam-se capazes de todas as vilanias e pedem á constituição um salvo conducto para os seus crimes. São simplesmente infames.»

«Considerando que o art. 5.º da lei de 17 de maio de 1866, punindo o abuso na manifestação do pensamento, permite ao mesmo tempo no § 2.º d'esse artigo a discussão e a critica ás disposições tanto da lei fundamental do Estado, como das outras leis, e isto com o fim de esclarecer e preparar a opinião publica para as reformas necessarias;

«Considerando que o réo, bem longe de discutir para esclarecer e preparar a opinião no sentido benefico da lei, só tratou de injuriar a um tempo o codigo fundamental da nação e o rei, sabendo que o depositario do poder moderador não está sujeito a responsabilidade alguma;

«Considerando que o réo, com a reproducção que hontem fez do artigo incriminado, offerecido hoje pelo Ministerio Publico, no jornal *Era Nova*, mostra-se recalcitrante e contumaz :

«Por estas razões, e em conformidade com o art. 7 e art. 169 da Reforma Penal, condemno a Antonio Polycarpo da Silva Lisboa em tres mezes de prisão e um mez de multa a 500 réis, e mais o condemno nas custas e sêllos do processo.

«Era ut-supra, 24 de novembro do 1884. — *Manuel Celestino Emygdio.*»

E em seguida foi o criminoso conduzido sob custodia á cadeia do Limoeiro, onde se acha a cumprir sentença até inteira satisfação da justiça e completa regeneração da sua alma perversa, flagrantemente convencida de haver chamado calumniosamente *chave falsa* a um bondoso principe tão pouco *chave* e tão pouco *gaçua* que, com excepção das sessões parlamentares, nunca talvez em sua vida abriu cousa alguma, levando o seu magnanimo escrupulo n'esta materia até o ponto de nem na propria litteratura ter entrado senão pelas portas abertas ha tres seculos por Shakspeare, seu sumilher da cortina.

No dia immediato ao do julgamento d'este jornalista uma folha de Lisboa, accesa em zêlo pela inviolabilidade das leis, perguntava o motivo por que

se permittira arbitrariamente e escandalosamente a Silva Lisboa o fazer-se conduzir do tribunal até o Limoeiro n'uma *carruagem de praça*. O nobre jornalista sôlto pretende que o seu confrade prêso deveria ser levado á masmorra n'uma *carruagem celular*, como outro qualquer faccinora.

A este jornal respondeu um outro com rasgo não menos bello de solidariedade e fraternidade litteraria, dizendo-lhe que, em pouco tempo, a cumprirem-se as leis, a carruagem celular pararia não á porta da *Era Nova* mas á do jornal que fazia a pergunta, afim de levar para os ferros de El-Rei o seu redactor, prêso por traficante.

As folhas conservadoras mais moderadas que aquella a que me refiro, contentaram-se em regar com os aljofares da facecia a tremenda enxadada que este processo cava na terra em que se tenta sepultar o direito de opinião. Ha cêrca de duas semanas que o jornalismo ministerial orvalha de desusado espirito este acontecimento extraordinariamente alegre. Têm apparecido suppostas cartas de Luiza Michel, dirigidas ao condemnado e redigidas em estylo de petroleira, pois que em Lisboa ainda se está no convencimento de que Luiza Michel não passa de uma petroleira. E não se imagina a bella troça d'estes notaveis escriptos ao sr. Silva Lisboa e a madame Michel!

Têm apparecido igualmente engraçadissimas epistolas attribuidas a Victor Hugo e pedindo o perdão do condemnado com idéas escriptas com *i* maiusculo e muitas outras galhofeiras invenções de equal saber e effeito. O *Diario de Noticias*, absten-do-se, como de costume, de tomar parte no regosi-jo dos seus confrades por meio das extravagancias litterarias da phantasia, lembra opportunamente em artigo de fundo que, tendo de ser naturalmente avultado o numero de jornalistas que, pela nova re-forma penal, o Limoeiro se acha destinado a hospedar por algum tempo, conviria que o governo to-masse as disposições necessarias para que os escri-ptores alli encontrem aposentos proprios, pois que o mesmo *Diario* acha que alguns inconvenientes podem provir da reclusão commum nos mesmos carceres de individuos prêsos por matarem gente no Bairro Alto e individuos prêsos por exporem idéas contrárias ás do Ministerio Publico nas colum-nas dos jornaes.

E effectivamente esta lembrança do *Diario de Noticias* poderá talvez merecer alguma acceitação dos poderes constituídos. Sendo com frequencia notavel as masmorras do Limoeiro theatro de san-grentos combates travados a braço armado entre os seus habitantes, haverá porventura, como o *Diario de Noticias* observa, uma ligeira iniquidade em

collocar individuos, que não manejam senão uma penna de aço, frente a frente com cavalheiros apercebidos de facas de ponta, dizendo-se-lhes em seguida, tão naturalmente como se se tratasse do juizo de Deus entre leaes irmãos de armas, o sacramental *Allez, Messieurs!*

A isto porém pode-se contrariar que cada um se arranje como puder, porque, como muito bem dizem os burguezes honestos e pacificos,—culpados a passear á sôlta pelas ruas pode haver muitos, innocentes na cadeia é que não consta.

Com um d'esses burguezes conversei eu sobre este caso, e não posso deixar de exarar como documento complementar essa valiosa opinião.

«—Silva Lisboa—dizia-me um antigo lojista do Chiado—é um homem de bem, sério e que não precisava de se metter n'esta dansa, porque tem de seu. A sua familia é a dos primeiros cuteleiros de Lisboa; a sua officina é excellente e acreditadissima. Porque é que elle não faz tesouras e canivetes, como seu pae e seu irmão? Porque é tôle. Dizem que escreve bem! pois então que escreva em termos e com proposito! Eu sou um homem pacato, não tenho partido, occupo-me do meu ramo de commercio, e embirro com esse genero de descomposturas. Se eu fôsse juiz, desterrava-o por toda a vida. Quer descompor, descomponha na Costa d'A-

frica! Tem a sua casa e tem o seu officio, olhe pelo que tem, e deixe-se de polemicas! É asno, vá ser asno para o diabo que o leve!... Nós cá não estamos em paiz de guerras, nem de birras, estamos em paiz de paz, e o que queremos é paz, união e socêgo. Os que não estão satisfeitos, Costa d'África com elles, que é para acabar com questões!... Basta de asneiras. Esta, meu caro senhor, é a minha opinião.»

Uma das cousas que eu não explico nas relações do Estado com a opinião do paiz é o medo pueril dos governos á publicidade das idéas.

Este terror, hoje em dia absolutamente absurdo, data de seculos, e parece uma enfermidade mental transmittida por infecção local, de geração em geração, na zona do poder.

Muito antes de se ter descoberto a imprensa, existia já a instituição official da censura. N'esse tempo comprehendia-se a intervenção fiscalisante do governo na circulação das idéas. Os livros e os pamphletos em manuscripto passavam secretamente de mão em mão. Os que governavam não podiam ter mais que uma vaga e bem incompleta noção do que se lia. As idéas viviam e procreavam invisivelmente, lentamente, surdamente, minando quasi que por baixo da terra os poderes estabelecidos, e roen-

do devastadoramente as construcções de apparencia mais solida e mais rija, como os escalrachos ou como os formigueiros.

Entendia-se então que os governos tivessem medo á palavra escripta como se tem medo a todo o perigo encoberto, á escuridão, ao silencio.

Mas no tempo de hoje! Quando o descobrimento da typographia tresdobrou muitos milhares de vezes a sua primitiva fôrça de expansão na publicidade e na luz; quando quasi toda a gente sabe lêr; quando ha o prelo Marinoni, movido a vapor, e ha o grande jornal a 10 réis, tirado a milhares de exemplares por hora, redigido por milhares de reporters aos guichets de todos os telegraphos do mundo; quando já não ha idéa, concebida em qualquer parte que seja, que em vinte e quatro horas não tenha dado a volta do globo, e não appareça ao mesmo tempo formulada, redigida, impressa, affixada, apregoada, vendida, dada de graça, em milhões e milhões de exemplares, por toda a superficie do orbe, agora digo, o perigo que poderia ter a idéa desapareceu inteiramente.

Não ha já segredos.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não têm mais do que lêr, e resguardar-se. Acabou para os governos a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que têm ainda contra si, posto que mantidos e pagos por elles proprios, os unicos poderes occultos que subsistem no regimen das sociedades modernas: os reconditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a policia secreta, a intriga de côrte para côrte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliaria, a busca aos papeis de cada um, etc.

Se nós, particulares, tivéssemos de garantir-nos contra os governos com a mesma segurança com que os governos se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imporíamos seria a de terem um jornal e de imprimirem n'elle em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, *para bem e para mal*, mas principalmente *para mal*, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Se dispuzéssemos da faculdade de nos precaver-mos contra o governo com a mesma efficacia com que o governo se acha precavido contra nós, todo o nosso plano de defesa se basearia no emprêgo dos meios attinentes a tornar para elle forçada a liberdade absoluta de imprensa, não facultativa mas *obrigatoria* e levada até os ultimos excessos a que pudesse chegar a penna dos seus escriptores,

sem freio, sem barreira, sem limite de especie alguma.

E sempre que o chefe do Estado ou os seus ministros pudessem ser accusados de não nos descomporém sufficientemente, de nos não injuriarem na medida de todo o seu desejo, chamal-os aos tribunaes como impostores e como sediciosos, e obrigal-os a dizer tudo, applicando lhes para esse fim a tortura, exactamente como elles nos faziam a nós no tempo em que, em vez de escrevermos nos jornaes, nós nos calavamos com o jôgo.

Ora, este meio admiravel, infelizmente inexequivel, pelo qual nos seria possivel fiscalisar os sentimentos e as idéas do governo, pondo-nos de sobre-aviso para combater ou para resistir aos seus projectos e aos seus actos, este meio unico de nos informarmos do que o governo verdadeiramente pensa a nosso respeito, é exactamente aquelle de que em todos os paizes em que ha jornaes e em que ha liberdade de imprensa, o mesmo governo dispõe para se pôr ao facto de tudo quanto pela nossa parte nós pensamos d'elle.

E é d'esta completa e inteira publicidade de todas as nossas opiniões que o governo tem medo?!...

E é esta publicidade que elle quer regulamentar, que elle quer restringir, que elle quer suspender?!...

Quando o governo nos fala na *necessidade*, na

conveniencia, ou na *vantagem* de pôr o chefe do Estado a dynastia, a corôa, a real familia, as instituições fundamentaes da monarchia ao abrigo da imprensa que a injuria e que a descompõe, eu não sei realmente se o governo nos desfructa ou se fala serio.

Sempre quereria vêr a cara do governo portuguez, por exemplo, no dia em que o partido republicano cessasse para sempre de publicar jornaes em Portugal, e techasse os clubs !

Imaginem o effeito ! Todos os telephonos officiaes em vibração em Lisboa, do Commissariado da Policia para o Governo Civil, do Governo Civil para o Ministerio do Reino, do Ministerio do Reino para o palacio da Ajuda, do palacio da Ajuda para o quartel das Guardas Municipaes.

Desappareceu o *Seculo* ! desappareceu o *Trinta* ! desappareceu o *Patriota* ! desappareceu a *Folha* ! desappareceu a *Era* ! Foi-se ás redacções : abandonadas ! Foi-se aos clubs : desertos ! Por todas as esquinas, por todas as ruas, nas portas de muitas casas, nos mostradores e nas vitrines de muitas lojas este lettreiro : *Cada um em sua casa, no seu posto. Esperar. Silencio* !

Ao cabo de algumas horas d'este espectaculo, que não seria no fim de contas senão o resultado ideal da mais completa e da mais perfeita lei das

rôlhas, toda a policia de Lisboa estaria em movimento, a guarda municipal triplicaria as patrulhas, os regimentos ficariam nos quartéis prompts á primeira voz, sua majestade el-rei não viria ao theatro lyrico n'essa noite, e antes da madrugada do dia seguinte centenas de republicanos teriam sido directa ou indirectamente convidados a falar pelas mesmas auctoridades encarregadas agora de os fazer calar á fôrça.

D'ahi vêmos que desde que n'um paiz existe quem deseje injuriar as instituições e os individuos que as representam — cousa que nenhum poder do mundo pode obstar que se dê — a grande vantagem para a segurança d'essas instituições e d'esses individuos está em que a injuria, latente no espirito de cada um, se formule e se publique em jornaes onde o governo e a policia se informem integralmente não só dos actos mas dos pensamentos do publico.

Tal é a questão do abuso da liberdade da imprensa considerada pelo lado da conveniencia do Estado.

Examinemol-a agora como facto de justiça e de equidade.

É frequente dizer-se — e eu mesmo já alguma vez repeti este logar commum — que é levemente odioso offender pessoalmente um individuo, que pela sua

posição especial não pode, como o rei, mandar-nos as suas testemunhas, ou procurar-nos directamente para nos dar bengaladas.

Á primeira vista parece que effectivamente assim é, e esta illusão procede de considerarmos o soberano como um individuo que fora da sua profissão de chefe do Estado é um cidadão como qualquer de nós. N'isto porém ha um erro enorme. O rei nunca, para qualquer effeito que seja, pode ser considerado um cidadão como os outros.

N'elle, como nos padres, o officio imprime caracter pessoal e é inalienavel do individuo. O rei é um homem á parte assim como é um funcionario á parte de todos os demais. Em tudo elle é um ser de excepção, fora da jurisprudencia commum. É excepção á grande lei moral da responsabilidade, sendo constitutivamente irresponsavel. É excepção á lei de concorrência e de concurso, á lei de habilitação e de competencia por provas, á lei de selecção juridica, da escolha por votos. Estabelecida para todos a egualdade do nascimento, o principe primogenito continua a ser rei de nascença como antigamente se era alcaide, coronel ou almirante. Abolidos os morgados e abolidos os vinculos, elle continua perpetuamente vinculado á posse do throno pelo anachronico direito, por elle mesmo condemnado, da primogenitura; e quando todas as relações dos

homens na sociedade se regulam pelo direito humano, só o rei é o que é por um direito especial, privativo d'elle, que é o direito divino.

Ethnologicamente, physiologicamente, juridicamente, sempre excepção. Excepção em tudo, por tudo, para tudo.

Este direito de excepção, de que é objecto um individuo entre todos privilegiado, é, de resto, perfeitamente legal. Como tal se acha definido no codigo da nação, e é a base de todo o systema por que ella se governa. A nossa obrigação, para não incorrerem em rebeldia, é submetter-nos e inclinarmos-nos com a reverencia devida a todos os poderes legalmente constituídos.

Que se diga, porém, ao tratar-se de injuria á pessoa real, que o rei é um cidadão como outro qualquer, e que, quando um cidadão não pode pessoalmente defender-se, é odioso injurial o, isso é sophistico, porque não se pode admittir que o mesmo sujeito seja excepção em tudo, e ao mesmo tempo não seja.

A injuria só tem realmente importancia quando imprime deshonna. Ora a deshonna não se dá senão para os individuos que se conformam com ella. Nem evidentemente, poderia ser de outro modo. O nosso crédito e o nosso decôro é o fructo dos nossos proprios actos e não dos actos dos outros. Para qualificar

o pundonor de cada um, ha na sociedade uma conção, que serve de criterio geral. Se alguém me chama cobarde, a sociedade, para julgar do alcance que tem essa injuria sobre a minha honra, olha para mim e espera. Se eu não respondo, estou com effeito deshonrado. Se eu porém replico ao sujeito que me injuriou, cobrindo-o de chicotadas, eu reabilittei-me amplamente na opinião social, e o deshonrado é o outro.

Quando o injuriado se acha inhibido de retorquir, porque é um velho, porque é um doente, porque é um bispo, ou porque é um rei, a honra do offendido permanece intacta, e a injuria deixa realmente de existir, porque cessa de deshonrar.

Pode ser uma injustiça, mas já não é um aggravado, porque o pundonor do injuriado em taes condições não é posto em prova, e, perante o mais rigoroso tribunal de honra, o offendido está n'este caso tão illibado depois da offensa como o estava antes.

O que para outro qualquer seria a injuria, para o que se não pode desaffrontar é apenas uma calumnia ou é uma simples opinião desfavoravel.

A calumnia desdiz-se pela contraprova nos tribunaes competentes. Não era este o caso de Silva Lisboa, em que era inadmissivel a prova.

Resta, pois, como corpo de delicto d'este proces-

so, a opinião desfavoravel de um jornalista a respeito de um soberano.

Ora, pergunto eu:

É justo, é razoavel, é admissivel, que a um cidadão se recuse a faculdade de ter, ácerca de um dos poderes publicos, uma opinião differente d'aquella que esse poder deseja?!

Então estamos n'um paiz de systema representativo, ha um parlamento de que todos os poderes dimanam, é-se eleitor, é-se elegivel, tem cada um voto para resolver, e não se ha de poder ter uma opinião para discutir?!

Admitte-se que eu tenha por officio analysar os factos publicos, sociaes e politicos, eu faço d'isso a minha habitual profissão, o Estado considera este exercicio uma industria lícita, encorpora-me n'uma determinada classe de trabalhadores, collecta-me por esse facto em 407000 réis de imposto annual, e depois de tudo isto, o Estado não permite que eu tenha senão as opiniões d'elle, em vez de ter as minhas?!

Satisfaço o tributo de sangue e o tributo de dinheiro, sirvo como soldado e sirvo como contribuinte, pago para o exercito e pago para a marinha, pago para os juizes, para a policia e para as cadeias, pago para a côrte, pago para o rei, pago para a real familia, e não hei de ter licença para

dizer, pelo menos, aquillo que penso de toda esta cousa?! . . .

Sua Majestade é o chefe nominal e honorario de todo o systema, pelo qual eu sou dirigido, commandado, tributado, recrutado, educado, policiado, processado, aprisionado, e condemnado, e não hei de poder dizer o que se me offerece ácerca de tudo isto a Sua Majestade?!

O rei é irresponsavel, é inviolavel, é inamovivel, é hereditario, é vitalicio, não tem nada que arriscar, não tem que perder, e não hei de eu ter licença, de longe a longe, quando o coração m'o peça, como o mais inoffensivo e o mais platonico de todos os desabaços, para fazer troça ao rei?!

Por tres tostões, desde que pago o meu logar na galeria, eu posso ir patear Victor Hugo ou Shakspeare a qualquer theatro, sem que por esse facto ninguem deduza que eu os injurio; e do meu canto na sociedade, que eu sustento por muito mais dinheiro do que aquelle com que me sustento a mim, não hei de poder opinar que o rei me desagradou, sem que os tribunaes me processem porque eu offendi Sua Majestade?!!

O sr. D. Luiz I, cuja obrigação é ser rei, discreta sobre crítica litteraria com os redactores da *Revue Politique et Litteraire*, que publicam os seus reaes juizos, e acha Sarah Bernhardt má; e eu, que

tenho por obrigação ser crítico, não hei de poder discretear com os leitores das *Farpas* sobre phenomenos politicos da minha terra senão com a clausula de achar o sr. D. Luiz I bom?!...

A imprensa está desbragada, a imprensa está impudica, a imprensa está indecorosa, a imprensa está indecente! — dizem os legisladores. E preciso regulamentar a imprensa.

Effectivamente o jornalismo decae n'este momento em Portugal, como decae a religião, como decae a arte, como decae a politica, como decae toda a expressão do sentimento e do espirito publico. Mas não é pela repressão da liberdade que os jornalistas hão de apprender a ter estylo e a ter grammatica, a ser correctos, espirituosos, elegantes e dignos.

O medo á lei não serve na escripta senão para abandalhar ainda mais a linguagem, fazendo-a desleal e traiçoeira, afadistando o estylo, introduzindo-lhe *escovinhas*, fazendo da controversia uma espera de encruzilhada, um jôgo de fadistas, de mariolas ou de pretos capoeiras.

Depois que Silva Lisboa foi prêso, um jornal de opposição republicana substituiu nos seus artigos de controversia politica o nome de El-Rei pelo nome de *rato branco*, eximindo-se por esta forma á responsabilidade juridica de offensas á pessoa real.

Ora, não me parece que nem o prestígio da corôa, nem a dignidade da discussão jornalística aproveitem muito em que ao rei se chame *rato* em vez de se chamar Rei.

O rebaixamento lamentavel dos processos de crítica e da forma litteraria não é no jornalismo contemporaneo senão um resultado fatal do rebaixamento da tribuna. Em todos os paizes de controversia constitucional, o jornalismo é um écho do parlamento.

Se, portanto, os legisladores pretendem elevar o nivel da dignidade do pensamento, era por si mesmos que deveriam principiar.

Para que nós escrevamos como Tacitos, falem elles como Ciceros.

Ora, é precisamente o contrario que succede. A camara toca o *Pirolito*. A imprensa afina por ella as suas banzas e responde-lhe com a *Chula*.

Examinemos agora a questão experimentalmente, abstrahindo de toda a theoria de Estado, de administração, de justiça e de direito, e vejamos qual é a licção da historia nos conflictos dos governos com a liberdade das idéas.

A Hollanda e a Inglaterra são os dois paizes da Europa em que mais amplamente tem sido exercida durante tres seculos, desde a invenção da typo-

graphia até o tempo presente, a liberdade de escrever e de pensar.

Qual é o damno que d'ahi veiu á segurança publica, ao respeito reciproco dos cidadãos, á dignidade das letras, á honra do jornalismo, n'essas nações mães da opinião e da publicidade moderna?

Esses dois paizes têm sido os de menos interrompida continuidade no desenvolvimento do trabalho, no augmento da riqueza, na manutenção da ordem, no commedimento da controversia, na dignidade da palavra.

N'esses dois paizes, que no seculo xvii, no seculo xviii e ainda no seculo xix, foram o refugio de todos os pensadores perseguidos no resto da Europa, e cujo immenso movimento typographico encheu o mundo de livros prohibidos, em França, na Italia, na Hispanha e em Portugal, são ao mesmo tempo os paizes em que menos obras offendem a moral e o pudor.

A indecencia, a obscenidade, a pornographia é o fructo clandestino dos regimens de oppressão, dos prelos policiados, da imprensa submettida á censura régia e á censura catholica, ao Desembargo do Paço, e ao Santo Officio.

Em nenhuma parte a tradição dynastica é tão indiscutida e tão incontestada como na Inglaterra e na Hollanda.

Nas Sete Provincias a familia de Orange é como um symbolo vivo da democracia, um glorioso documento historico da liberdade tradicional do povo hollandez; todavia, sempre que o rei desagrade ás municipalidades, as municipalidades assobiam o rei. E não é sómente a pessoa do soberano que cada um tem a faculdade de discutir do modo mais amplo, é a sua propria casa que, em parte, é do dominio publico: os rapazes da rua têm livre acesso no palacio real de Amsterdam e, por antiga posse e direito consuetudinario, jogam a rôlha nos pateos e na escadaria do paço como nas suas proprias casas.

No Reino Unido o nome da rainha é em toda a imprensa objecto de um respeito quasi cultural e sagrado, e, não obstante, todos os subditos britannicos podem dizer d'ella o que muito bem lhes pareça. Nas mais licenciosas cantigas entoadas entre o fumo dos cachimbos e o vapor da cerveja, no tablado das tabernas populares de Londres, chama-se-lhe *bebeda*. Um *constable*, com o seu capacete de sola na cabeça, o seu bastão no cinto, em pé, de braços cruzados, representante da rainha ultrajada, ouve. E a sua missão, em nome d'essa mesma rainha, é manter, pela auctoridade que ella lhe conferiu, a liberdade que assiste a cada um de a injuriar e de a offender.

Nos Estados-Unidos, onde a liberdade de imprensa é absolutamente illimitada, o menor desvio da integridade do character, da correcção moral dos jornalistas, é severamente punida pela opinião. As folhas da America vendem-se nas ruas; o jornal que n'um dos seus numeros emprega uma palavra ambigua ou um giro de phrase em que se possa vêr uma offensa a ouvidos puros, não encontra para o seu numero immediato um só comprador. São vulgares estes desastres na historia da imprensa americana. E quando um jornal ultraja mais abertamente o bom senso e a justiça pela venalidade, pela corrupção ou pelo cynismo, o publico invade, como por muitas vezes se tem visto, o escriptorio da redacção e a officina da imprensa, e vinga a opinião menosprezada, arrasando as carteiras, arrasando os prelos, e correndo os escriptores.

O simples tribunal da livre opinião americana é mil vezes mais efficaçmente repressivo dos abusos da escripta do que toda a policia official das monarchias européas.

Em nenhuma nação da Europa é o jornalismo tão moderado, tão tolerante, tão equitativo, tão escrupulosamente informado, tão geralmente veridico como nos Estados-Unidos. Ainda ha pouco, a proposito de uma intriga dos jornaes de Vienna e de Pariz, ácêrca do procedimento de um dos principes

de Orleans, como official do exercito americano durante a guerra dos Estados o *New-York Herald* dizia: «O amor dos americanos pela verdade, pela franqueza, o seu jôgo franco (*fair play*) impõem ao *New-York Herald* o dever de dar um desmentido formal e categorico á tentativa feita na Europa para manchar a honra de um bravo e cavalheiroso militar francez que, como Lafayette, combateu com o sabre em punho pela constituição da America.»

Tomemos para termo de comparação o mais adeantado paiz da nossa raça, a qual, apesar de latina, tão esquecida se mostra das tradições de Roma, onde Cicero dizia que cada cidadão deveria trazer escripta na frente a sua opinião a respeito do Estado: *scriptum in fronte uniuscujusque civis quid de Republica sentiat.*

Em França os governos constituídos não cessaram ainda, desde o seculo xvi até hoje, de procurar reprimir as manifestações do pensamento.

Depois do estabelecimento da typographia, durante todo o antigo regimen, desde Luiz XI até Luiz XVI, o monarcha que mais perfeitamente concebeu uma lei de imprensa foi Francisco I, o qual em 1534 supprimiu radicalmente, sob pena de garrote, o exercicio da arte typographica em França.

E esta, a meu vêr, a unica lei decente, a unica disposição verdadeiramente sensata e perfeitamente

logica, até hoje formulada para obviar os perigos da publicidade. Ella, porém, cahiu logo, revogada pelo mesmo soberano, que, em seguida, restabeleceu a imprensa limitada aos impressores regios, devidamente abonados, munidos de um privilegio, e prestando todas as cauções precisas para não publicar senão livros préviamente approvados *para o bem da cousa publica*.

Pouco depois o impressor Etienne Dolet era condemnado como infractor d'esta lei e queimado a fogo lento na cidade de Pariz, por ter impresso livro de doutrina reconhecidamente *perniciosa e heretica*.

De Francisco I aos nossos dias a questão, mais ou menos sensivelmente modificada na letra da lei, no forma do processo, no rigor da pena, não tornou mais a sahir d'este barranco:

O que é *pernicioso e heretico*? o que é *orthodoxo e proficuo*?

E para solução d'este problema, continuavam a accender-se fogueiras, a armar-se fôrças, a construir-se tribunaes de psychologia, jurys de linguagem e de estylo, processos criminaes de idéas e de arte;— perante o que, os homens que pensam e que escrevem fora das raias prescriptas pela orbita ordinaria da intelligencia official e da critica da policia não cessaram ainda de ser perseguidos e condemnados á morte, á tortura, á deportação, á antiga Bastilha

ou á moderna penitenciaria, por offensas á religião, á moral, aos costumes, ao Estado, por tentativas de perturbação da paz e do socêgo publico, por subversão dos principios, das crenças, das opiniões e das idéas.

Resulta de uma estatistica authentica que só em França, desde 1660 a 1756, oitocentos e sessenta e nove auctores, impressores e livreiros foram prêsos e encarcerados na Bastilha, por terem publicado obras contrarias aos bons costumes, á religião, ao rei e ao governo.

Eu mesmo vi em Anvers, pregado ainda na porta da antiga loja dos editores Plantin-Moretus, o cartaz contendo a relação dos livros prohibidos na Belgica por ordem do duque de Alba: *Librorum prohibitorum index ex mandato regiæ catholicæ majestatis et illustris ducis Albani*.

Este quadro, impresso em miudo typo da renascença, enche meia porta. No alto da primeira columna lê-se: *Auctorum nomina, quorum libri, de religione, aliquid tractantes... etc., etc., prohibentur*.

Os antigos perseguidos chamavam-se: Galileu, Giordano Bruno, Luthero, Calvino, Erasmo, Descartes, Damião de Goes, Diderot, Voltaire, Montesquieu, Turgot e Mirabeau.

Os modernos chamam-se: Paul Louis Courier, Chateaubriand, Armand Carrel, Proudhon, Littré,

Raspail, Cavaignac, Edgard Quinet, Gustave Flaubert, Victor Hugo, Michelet...

A enumeração é tão longa quanto é gloriosa.

Chega-se a perguntar se é lícito ser alguém na sciencia ou na arte, sem haver tido a honra de incorrer na desapprovação dos poderes constituídos e dos partidos conservadores, e se a ordem, passada pelos magistrados que políciam as lettras, para entrar na cadeia, não é indispensavel a todo o litterato para entrar na posteridade.

É assim que, por meio das suas leis repressivas da liberdade do pensamento os governos dadivosos premeiam aquelles que têm o privilegio de desagradar-lhes.

Para os governos que as decretam estas leis apresentam resultados menos beneficos que para os escriptores contra quem se fazem.

Nos tempos modernos, em que o grau de liberdade concedida á imprensa em cada paiz determina precisamente o nivel politico d'esse paiz, o seu estado de prosperidade ou de decadencia, a estabilidade ou o desequilibrio das suas instituições, a segurança ou a incerteza do seu futuro, n'estes tempos, digo, todo o governo, que attenta contra as liberdades do pensamento, ou recua ridiculamente ou cae de um modo tragico sob as consequencias d'esse attentado.

É o que os factos demonstram, como vamos vêr.

O antigo regimem de despotismo absoluto começa a baquear em França pela destruição da Bastilha, que não era propriamente um carcere de criminosos como Bicêtre, mas um verdadeiro sepulcro de sentimentos e de idéas perniciosas ao Estado.

O grito de revolta do pamphletario Camille Desmoulins ao povo reunido no jardim do Palais Royal não é mais do que um protesto contra a repressão dos direitos da razão e da consciencia humana.

Encetando a sua obra monumental de reivindicação e de justiça pela destruição da cadeia aristocratica e artistica em que por tantas vezes fôra encarcerado o espirito litterario da França personificado em Voltaire, o povo comprehendia por um admiravel instincto, apparentemente de desinteresse, de grande tactica no fundo, que a primeira das liberdades a conquistar n'uma nação é a liberdade do pensamento.

A assembléa Nacional principia por affirmar a sua fôrça e a sua auctoridade, propondo a liberdade de imprensa que de todos os lados se solicita, nos cadernos de Riom, de Rennes, de Nimes.

Mirabeau exclama: «O verdadeiro remedio para todos os males é a liberdade da imprensa, filha d'essa arte tutelar da typographia, deposito immor-

tal dos conhecimentos do homem, consolação dos sabios, luz dos povos, terror dos tyrannos. Sem a liberdade de imprensa não pode haver constituição nem pode haver ensino.»

No dia 24 de agosto de 1789 a Assembléa decreta que todo o *cidadão pode falar, escrever, imprimir livremente.*

Em 1791 a Constituinte apresenta como legislação da imprensa os artigos que lhe dizem respeito na *Declaração dos direitos do homem.*

A Convenção começa a restringir o direito de escrever. A legislação repressiva torna se cada vez mais estreita e a Convenção não vê — cegueira de todos os poderes condemnados! — que ella se suicida, matando a liberdade de pensar.

Apparece o jornal de Camille Desmoulin, essa obra prima de veia comica e de elegancia classica, intitulado *Le Vieux Cordelier.*

No mesmo dia em que Robespierre pretendia na Convenção estabelecer a *junta de justiça*, o jornal de Desmoulin pedia o estabelecimento de uma *junta de clemencia.*

Robespierre queixa-se a Danton do artigo *subversivo* de Desmoulin. Danton, que aliás votara o decreto de repressão, que fizera condemnar os jornalistas Du Rozoy e Cazotte, defende Desmoulin. Esta questão de imprensa discute-se no celebre jan-

em *tête-à-tête* de que os dois campeões se retiram malquistados.

A opinião de Robespierre predomina; Saint-Just recebe da mão d'elle os apontamentos para uma accusação á Junta da Salvação Publica, e o tribunal revolucionario sentença á guilhotina Danton e Desmoulins.

A suspensão da liberdade de pensar tinha, porém, de ser fatal ao proprio Robespierre, que a decretara, como fôra fatal a Danton.

No 9 thermidor, de todos os bancos da Convenção se levanta de repente o grito tragico: *Abaixo o tyranno!* E todas as mãos extendidas apontam ao dedo Robespierre. Elle quer falar. Uma commoção terrivel embarga-lhe a voz. — *Le sang de Danton l'étouffe* — brada Garnier de l'Aube.

E o sangue de Danton representava ahi, solemnemente, o de todo o jornalismo intérprete da opinião, — sangue derramado pelo dictador, que por seu turno morria afogado n'elle.

Com o advento do imperio inicia-se para com a imprensa um systema de despotismo verdadeiramente asiatico.

Um decreto reduz e prefixa no numero de *quatro* os jornaes de Pariz auctorizados a publicarem *noticias* da politica.

Os jornaes, especialmente litterarios, são vigiados de perto e não publicam senão os artigos agradáveis ao imperial fanfarrão, que na campanha de Italia subsidiava um desenhista para o representar em batalhas em que elle não estivera, e levava nas ambulancias um premiado de rhetorica encarregado de ir compondo pelos caminhos as proclamações que elle *improvisava* deante do inimigo,

A perseguição de Bonaparte a madame de Staël, as ofertas de dinheiro que lhe mandou propôr, a confiscação dos seus livros, o seu captiveiro, a sua expulsão do territorio francez, a espionagem que mais ou menos a seguiu a Vienna, a Moscow, a S. Petersburgo, a Berlim, a Weimar, a Florença, a Roma, constituem uma das mais vergonhosas páginas que jámais assignalaram a historia de uma alma de sargento nas suas relações com o espirito de uma mulher superior.

A sua ameaça a Chateaubriand, que incorrera no imperial desagrado pelo modo de analysar n'um trabalho historico uma das derrotas de Pompeu, — *Mando-o espadeirar na escada do meu palacio* — define bem toda a insolente arrogancia que um vilão, de palacio posto e de espada á cinta, pode assumir perante a mais fina e a mais aristocratica delicadeza da arte.

Que ganhou o poder, o nome, a fama de Napo-

leão I n'essa regulamentação tarimbeira da litteratura do seu tempo, que elle pretendeu fazer manobrar como um corpo de recrutas sob o junco de um cabo de esquadra?...

De tantas campanhas, que cobriram quasi toda a Europa de lucto e de lagrimas, de tantas victorias alcançadas por esse guerreiro feliz e inclemente, cujo espirito — como diz Fichte — não se vivificou já-mais no menor sentimento do destino moral do genero humano, uma só cousa gloriosa resultou: a irradiação enorme das idéas philosophicas da França, dos principios da Revolução, que ella suffocou e desdisse, mas que as suas tropas, apesar d'elle, espalharam no mundo, levando pela communicacão dos espiritos um eterno clarão de liberdade a todos os logares que o invasor sinistro julgava allumiar apenas com o ephemero fusilar das escorvas.

Eile, emfim, cahiu, acabou, no meio da indifferença, do desdem ou da reprovação dos homens, convicto d'esta verdade, que é a licção e a philosophia de toda a sua existencia :

— Nada mais inefficaz e mais esteril do que a fôrça bruta no destino da humanidade.

Segue-se o governo da Restauração; e, á semelhança do que fizera a Republica, do que fizera Bonaparte no regresso da ilha de Elba, do que fazem

todos os governos que procuram raizes na opinião, a Restauração começa por afirmar os direitos do pensamento e a liberdade de imprimir. A Restauração, porém, envelhece rapidamente, e a adopção do systema repressivo dá em pouco tempo origem a repetidos processos de imprensa.

O attractivo do fructo prohibido faz apparecer innumerous pamphletos, consecutivamente condemnados.

Dentro de um só anno, 1820 a 1821, quarenta e dois escriptores são julgados, multados, condemnado á prisão.

Paul Louis Courier comparece perante o tribunal, accusado de *ultrage á moi al publica*, pela publicação do seu pamphleto *Sim le Discours*, em que o auctor contesta as vantagens de uma subscrição nacional, destinada a comprar as terras de Chambord, para as offerecer em presente ao duque de Bordeus. Courier contou com minudencia a historia d'esse processo celebre nas mais picantes paginas da sua obra, primorosa de ironia e de bom senso.

«Foi no dia 28 de agosto passado — diz elle. A sala do tribunal estava cheia. Julgaram primeiro um mancebo que, ao que parece, dera com a cabeça pelas paredes, perdendo quanto tinha n'uma casa privilegiada pelo governo, com mulheres toleradas pelo governo, protegidas pelo governo, almotaçadas

pelo governo; depois do que, o mesmo governo passou a accusar Paulo Luiz, vinhateiro, do crime de offensa á moral publica, por ter escripto um discurso contra a devassidão!»

Courier transcreve o interrogatorio em que ha particularidades em extremo interessantes. Por exemplo :

«*Juiz*. — Como ousou dizer que a nobreza se não illustrara nem engrandecera senão pelo assassinato, pelo vicio, pela prostituição?»

Courier. — O que eu disse foi: Não ha para os nobres nem para os individuos que não têm nada que fazer, senão um meio de chegar á fortuna; esse meio é a prostituição. O tribunal chama-lhe galantaria. Eu chamo-lhe pelo seu nome.

Juiz. — Nunca a palavra galantaria teve semelhante significado. E, se no fim de contas, a historia tem algumas exprobrações que fazer ás familias nobres, essas exprobrações podem igualmente applicar-se ás familias plebêas.

Courier. — Exprobrações não, sr. juiz. Todas as memorias do tempo elogiam, pelo contrario, essa galantaria. A nobreza entendia que só ella devia fornecer amantes aos principes, e quando Luiz XV escolheu as d'elle na plebe as senhoras titulares queixaram-se.

Juiz. — A historia nunca louvou a prostituição.

Courier. — A prostituição decerto que nunca... a galantaria, sr. juiz, a galantaria.»

Outra circumstancia curiosa d'este processo mostra bem quanto é variavel o sentido offensivo das palavras, e como a injuria muda facilmente de character, chegando em pouco tempo a converter-se em louvor.

Toda a gente sabe que a locução *officio de reinar* era particularmente sympathica ao sr. D. Pedro V, e que elle folgava de a repetir em todos os seus discursos. Pois bem; uma das *injurias* de que é accusado *Courier* consiste em ter dirigido ao filho de Carlos X esta phrase: «Terás o officio de reinar.» *Ton métier sera de régner.*

São egualmente consideradas injuriosas as palavras *faxas* e *babadouros*, empregadas para designar algumas peças do vestuario do joven principe herdeiro.

O bom *Courier* sorri, dôcemente resignado... Que se lhe ha de fazer! Uma vez que elles no paço são todos feitos de cerimonia e de baixeza, e não entendem por estylo nobre senão o estylo de braço! Se têm um calão privativo d'elles, formado de solecismos e de etiqueta! Se entendem que se não fala aos reis senão de rojos na lama, e que é faltar-lhes ao respeito falar-lhes em lingua vernacula, com a cara levantada e limpa! Que sabem elles,

os das côrtes e os que os representam, da arte de exprimir por palavras os sentimentos e as idéas?... Não tiveram nunca a convivencia do povo, que é o grande mestre das linguas. São os apóstolos do grande seculo litterario de Luiz XIV e pregam em linguagem de herejes botocudos a orthodoxia das elegancias classicas. Celebram Bossuet, Racine e Fénelon em estylo de Marat, e elogiam a polidez das salas de Versailles em giria villosa das ante-camaras de Fouché.

Accusaram-o tambem de não escrever as cousas que são lisonjeiras, escrevendo as que são desagradaveis á realeza, de fazer folhetos em vez de fazer historia; como se um auctor pudesse ser condemnado não sómente pelo que diz mas tambem pelo que não diz, como se a verdade se pudesse pôr nos grandes livros maçadores, que ninguem lê, e só fôsse prohibida desde que todo o mundo a lê n'um folheto espirituoso e alegre — *Vil pamphletario!* lhe chama com execração o delegado do Ministério Publico, e Courier continua a sorrir, porque elle bem sabe que *pamphletario* não quer dizer senão *historiador lido*; e *vil* quer dizer que o governo lhe não mandou pagar para que mentisse.

Emfim, Courier consola-se... Pobres senhoras offendidas, innocentes na pena infligida ao offensor! pobres senhoras de Brantome, das chronicas do

Eueil de bœuf e do *Parc aux cerfs*? apesar de serem de toda a gente, menos de seus maridos, ellas não seriam nunca do Ministerio Publico contra Courier, e o seu grande espanto, se revivessem, não seria de que um escriptor as accusasse, mas de que um tribunal as defendesse.

De resto, que importa o que pensam ou o que dizem os juizes da moralidade de um escriptor? Não foi Catão cinco vezes condemnado? não morreu Socrates por ter offendido a moral?

O julgamento e a condemnação de Paul Louis Courier deram grande brado em Pariz. O prestigio d'este escriptor eminente augmentou rapidamente na mesma proporção em que se despopularisava o governo que o perseguia.

La Fayette e Béranger foram á cadeia comprimentar o prêso.

Pela mesma época foram igualmente condemnados, entre outros, o bispo de Pradt e o sr. de Jouy, auctor do *Ermita da Chaussée d'Antin*.

Era a nobilitação do crime pelo acto que Courier considerava o mais bello na vida do homem — a resistencia ao poder. Era a desautoração da cadeia cessando de ser um estigma para se converter n'uma auréola.

N'esta anarchia geral, o governo determina-se a um acto supremo de auctoridade, a um rasgo deci-

sivo de fôrça, apparecem as famosas *ordonances*, publicadas no *Moniteur* de 26 de julho, declarando suspensa a liberdade de imprensa.

É bem conhecida a historia do *30 juillet*.

Foi a redacção do *National* quem levantou o grito da revolta por meio da publicação d'esse eloquente protesto, que ficará na historia como um titulo immortal de gloria para a imprensa franceza.

N'esse documento, redigido por Thiers, lêem-se estas linhas; «O *Moniteur* acaba de publicar os memoraveis editos, que são a mais flagrante violação das leis. Acha-se pois interrompido o regimen legal; vae começar o da fôrça. Na situação em que nos achamos, a obediencia deixa de ser um dever. Os cidadãos chamados a obedecer em primeiro logar são os escriptores dos jornaes; cumpre lhes ser os primeiros a dar o exemplo da resistencia á auctoridade que se despojou do seu character legal!!» Seguem-se as razões juridicas em que se baseou o protesto, que termina pelas seguintes palavras: «Pello que nos diz respeito, resistimos; á França compete resolver até que ponto deve chegar a sua propria resistencia.»

Hesitou-se em decidir na reunião dos jornalistas convocada pela redacção do *National* se este perigoso manifesto deveria ou não apparecer anonymo; mas Thiers disse:

«Trata-se para nós de arriscar a vida. E preciso pôr *cabeças* no final d'este documento.»

E tomando uma penna, elle mesmo se inscreveu em primeiro logar. Assignaram todos em seguida: Armand Carrel, Miguet, Pierre Leroux, Charles de Rémusat, Nestor Roqueplan, todos os representantes do jornalismo de Pariz, emfim.

O *Temps* e o *National* publicaram o protesto. Os typographos foram despedidos das officinas. As imprensas fecharam-se.

No dia immediato a população de Pariz respondia ao chamamento da imprensa. O antigo estandarte da revolução, a gloriosa bandeira tricolor, tremulava entre o fumo da polvora no alto das barricadas. A mocidade das escholas sahira impetuosamente para a rua, de cabeça descoberta, e sabre em punho. *Ás armas! Ás armas!* E o canto da *Marsaillaise*, que toda a gente sabia de cór, como se cada um tivesse guardado no coração esse grito de liberdade, symbolo sagrado da arte condemnada e prohibida, entoava-se por toda a parte, cobrindo com o arranco impulsivo das nobres emoções estheticas o calculo rasteiro da realidade e o mesquinho terror do perigo.

Pariz inteiro se sublevou e se bateu. Durante o dia 28 e 29, enquanto o povo resistia á fôrça armada, a tiros de espingarda como n'um campo de

batalha, sobre as barricadas improvisadas em cada bairro, á esquina de cada rua, o rebate contínuo dos sinos e o rufar dos tambores voluntarios não cessaram de chamar os cidadãos á revolta.

No dia 3o achavam-se inteiramente destroçadas as tropas reaes. O povo tinha occupado successivamente o Louvre, o Hotel de Ville, as Tulherias e a caserna da rua de Babylone, ultimo entrincheiramento da guarda suissa.

O marquez de Chateaubriand, dirigindo-se corajosamente para o seu posto na camara dos pares, através das barricadas victoriosas e ainda fumegantes da peleja, é successivamente acolhido pelas multidões armadas com este grito ovante e singularmente expressivo:

— *Viva Chateaubriand! Viva o defensor das liberdades da imprensa!*

E na reunião dos pares, profundamente commovido, taciturno, passeando em silencio ao longo da sala, repetidamente instado a que proponha um alvitre para salvar o rei, que espera em Saint-Cloud, o illustre legitimista responde:

— Tratae de salvar primeiro que tudo, meus senhores, a liberdade da imprensa.

Em Saint-Cloud, onde se julgava inteiramente incolume e seguro contra o motim popular, o soberano, recebendo pelo duque de Raguse a inesperada

noticia da tomada do Louvre, do Hotel de Ville e das Tulherias, decide-se enfim a demittir o ministerio. Mas isto já não bastava.

Então, que mais pedia o povo?

O povo tinha cessado de pedir.

O rei teve de recuar um pouco de Saint-Cloud para Versailles, de Versailles para Rambouillet, de Rambouillet para Cherbourg, de Cherbourg para o exilio.

Em menos de um mez depois do decreto da supressão da liberdade de imprensa, um dos reis mais generosos e leaes que teve a França era apenas um excellente particular, emigrado na Escocia... Mas quem conhece hoje as virtudes e as qualidades pessoas de Carlos X, a não ser algum erudito curioso de velhas monographias!

A data melancholica da queda da Restauração e da extincção da dynastia em França corresponde ao alvorecer de uma nova forma da arte, para a qual se voltaram as attenções do mundo.

Quem se importava com o destino dos Bourbons? Os homens que incendiavam as imaginações, monopolizando as curiosidades do espirito europeu, chamavam-se: Lamartine, Victor Hugo, Musset, Augustin Thierry, Michelet, Théophile Gautier, Alexandre Dumas, e Balzac.

Luiz Philippe, no momento de subir ao throno,

seguia o conselho de Chateaubriand, e declarava terem cessado de existir em França delictos de imprensa. Quatro annos depois, um só jornal de Paris, *La Tribune*, havia incorrido em cento e dois julgamentos promovidos pela monarchia de julho, o que não obstou a que a monarchia de julho cahisse como a da Restauração, e que Luiz Philippe morresse, como Carlos X, no destêrro

A Republica de 48, começando por libertar completamente a imprensa de toda a regulamentação official, teve medo dos primeiros excessos a que deu naturalmente origem o repentino levantamento do dique por tão longos annos imposto á livre manifestação das idéas, e acabou por supprimir a liberdade com o mesmo direito—o da fôrça—por via do qual pouco depois Luiz Napoleão supprimia a Republica com o golpe de Estado de 2 de dezembro.

O governo democratico de 48, amedrontando-se cobardemente com a inundação das folhas licenciosas, que então transbordaram dos prelos francezes, mostrou ignorar as leis psychologicas que regulam todo o advento dos novos regimens de liberdade.

Garrett, ao voltar da emigração, contava a impressão que tivera ao assistir pela primeira vez ao *jôgo das grandes aguas* nos jardins de Versailles. No primeiro impeto, ao abrir os registos, não sa-

hia senão lôdo espesso das bicas e dos repuxos. A pouco e pouco, porém, a vasa foi se successivamente adelgçando; o liquido crasso converteu-se n'um liquido apenas turvo, que ia aclarando e dilucidando-se a mais e mais, como um gradual desvendamento de apotheose, até que enfim, a agua depurada, crystallina, translucida, começou a refulgir ao sol, diaphana, limpida, immaculada, gloriosa, espelhando, reflectindo, reverberando, em prismaticas scintillações, vividas e cantantes, todos os esplendores da vasta paizagem verdejante, do profundo céo, da infinita luz.

E Garrett accrescentava:

— Assim é a liberdade moderna explodindo do seio das velhas sociedades despoticas.

E, evangelizando a tolerancia aos depositarios da revolução liberal portugueza por meio d'essa parábola:

— Deixae sahir, deixae sahir o lôdo — dizia o grande artista — a agua pura virá!

O segundo imperio, exercendo largamente a corrupção dos caracteres e dos espiritos por meio do regimen desarticulador de uma excentrica elegancia acanhada, mordente, de um encanto artistico que nunca mais se verá, e de que não havia exemplo no mundo depois da queda do imperio romano,

fascinara completamente as imaginações, depravara os caracteres, amollecera os temperamentos, e, creando na historia um cyclo de dandysmo absoluto, tornara-se o arbitrio dos destinos, fazendo-se o mestre das elegancias.

A sua origem criminosa, de traidor e de bandido, tinha-se esvahido no esquecimento de uma sociedade narcotizada, que o terceiro Bonaparte dispuzera tão estrategicamente para a obediencia em linha de cotillon, como o primeiro Bonaparte a tinha disposto em linha de batalha. Morny foi um marechal Massena de artilharia a trufas, a vinho de Champagne e a *marrons glacés*, enquanto as mulheres celebres que acolhiam os philosophos e dirigiam pela graça o destino dos sentimentos, em vez de virem do portico atheniense sagrado ás musas, vinham do templo romano da deusa Meretrix, e chamavam-se madame Paiva e madame Córa, em vez de se chamarem madame de Staël e madame Récamier.

Tudo no regimen imperial apresentava um aspecto concordantemente equilibrado, harmonico, consistente, seguro, duradouro.

De repente o imperio commette a imprudencia de processar um jornalista accusado de provocar uma manifestação patriótica, abrindo uma subscrição publica para erigir um monumento a um heroe da

antiga liberdade. Gambetta comparece no tribunal como jurisconsulto defendendo o jornal accusado. A voz do tribuno dispunha no fôro de uma excepcional independencia de palavra, coarctada na imprensa e na tribuna parlamentar. Fez-se então publicamente, pela primeira vez, deante da justiça e deante da opinião, a historia do crime do dia 2 de dezembro.

A eloquencia de Gambetta foi um relampago inesperado e terrivel. Enorme victoria da razão e da arte! A opinião da França vibrou por um momento na alma de um adversario do poder constituído.

Desde esse momento o segundo imperio, condemnado, destruido pela base, oscillou no espaço, e, tendo-lhe fugido a terra, só lhe restava acabar. Uma bella manhã alguns curiosos, desarmados, que estacionavam nas Tulherias junto da barreira que separava o jardim publico do jardim reservado, viram descer ao longo do mastro, e sumir-se por traz da fachada, o pavilhão que attestava a presença da dynastia no palacio imperial. A imperatriz, representante do supremo poder do Estado, desaparecera secretamente pelo lado das galerias do Louvre, e batera para o exilio n'um fiacre de praça. O povo então, dirigindo-se tranquillamente do jardim para o Carrousel, através do pateo das Tulherias aban-

donadas, foi pelo caminho mais curto para o *Hotel de Ville* vêr acclamar a republica.

Conclusão: Toda uma serie de governos, de proveniencia e de character diverso, entrando invariavelmente no poder pela affirmação da liberdade da imprensa, e cahindo consecutivamente, já apesar da repressão, já em consequencia d'ella.

D'este conjunto de phenomenos invariaveis, isochronos, correspondendo regularmente ao impulso de determinadas circumstancias com a infallibilidade de um pendulo, permittem uma previsão, constituem os elementos deductivos de uma lei.

Essa lei toda a gente a vê clara, nitidamente enunciada na evolução do poder politico. Só o mesmo poder a não vê; e os governos continuam, apesar da historia, a regular-se, empiricamente, pela contingencia dos factos particulares e fortuitos, em vez de se regular pelos principios definitivos e demonstrados, pelas leis geraes da analyse e da experiencia.

Todo o systema liberal portuguez é uma communição de civilizações estrangeiras, de França e de Inglaterra, o producto da infiltração das idéas da revolução, introduzidas no paiz, apesar do cordão sanitario da mais severa policia exercida pelo Ordinario e pela Inquisição nos annos de 1788 a 1793.

Estavam cheios os carcereos da Inquisição e os calabouços do forte da Junqueira.

O intendente da policia Pina Manique estabeleceu o mais completo systema de espionagem e de repressão.

A mesa da Inconfidencia devassava toda a correspondencia diplomatica.

São presos os livreiros de Lisboa, Lequens e Dubi, accusados de venderem *livros incendiarios escriptos pelos philosophos*, como diz Manique.

É expulso Jacome Raton, e bem assim todo o cidadão francez suspeito de jacobinismo.

Na Alfandega são abertos e queimados todos os pacotes de livros vindos de França para o duque de Lafões e para o abbade Correia da Serra.

Os cidadãos são perseguidos por cantarem canções em francez, por terem caixas de rapé com figuras da liberdade, por jogarem a bola ao uso francez, por falarem do governo dos francezes pelos botequins, por trazerem certa flôr na casa da sobre-casaca.

Francisco Manuel está refugiado em Pariz.

Bocage é repetidamente prêso.

É prêso igualmente Agostinho de Macedo.

O duque de Lafões, o padre Antonio Pereira de Figueiredo, o abbade Correia da Serra, o padre Theodoro de Almeida, Monsenhor Gordo, os princi-

paes representantes da sciencia e das letras são vi-
giados como suspeitos e seguidos de perto pelas
móscas da policia.

Nunca a liberdade do pensamento foi objecto de
uma repressão mais estupidamente fanatica, mais
ferozmente arbitraria e despotica!

Nunca tambem foi mais longe o desbragamento
da phrase, a corrupção dos costumes, a baixaza do
sentimento, a deshonra da litteratura.

A simples historia da sociedade e da imprensa
portugueza, durante este breve periodo, bastaria
para demonstrar toda a impotencia do governo no
regimen das idéas, e toda a funesta influencia da
acção da policia no dominio da litteratura.

Aprofundar o cyclo poetico do reinado da sr.^a D.
Maria I, da regencia do sr. D. João VI, e da inten-
dencia policial de Manique, equivale a descer em
espirito ao interior de uma latrina. Nunca a preoc-
cupação da indecencia, nunca a monomania da ob-
scenidade occupou uma tão vasta superficie na phan-
tasia de um povo. Nunca as instituições de um paiz
foram mais acintosamente e gratuitamente ultraja-
das.

Magotes de povo vão cantar o *Ça-ira* e dar vivas
á liberdade e morras á nobreza debaixo das pro-
prias janellas do paço da Ajuda, em frente das sen-
tinellas.

Uma roda de peraltas penetra clandestinamente no côro do convento do Carmo, e, de noite, á hora a que os frades rezavam ás escuras prostrados no chão, caem n'elles á surra, açoutando-os até o sangue.

As cellas dos conventos tinham-se convertido em succursaes das tabernas da Ribeira e dos botequins do Bairro Alto, sempre cheios de ociosos e vadios.

Os frades escrevem versos eroticos e versos obscenos.

As meninas cantam, com os olhos em branco, acompanhadas pelos seus confessores, *lundús* chorados, em uma lingua de preto, e de uma lascivia de macaco.

Não ha penna bastante torpe, nem tinta assaz abjecta para transcrever em nossos dias as estrophes dos poemas mais em voga n'esse tempo.

Sem embargo d'esta espessa crusta de podridão nacional, as *idéas execrandas dos philosophos da França* penetraram nos destinos politicos do paiz, e penetraram exactamente por intermedio das classes conservadoras e das instituições officiaes, por via da Academia das Sciencias e por via da aristocracia perseguida pelo marquez de Pombal, que, emigrada, viajara e se instruiu no estrangeiro. Foi d'essa infiltração de principios condemnados pelo governo que resultou a revolução de 1820 e o

conflicto dynastico de 34, que collocou sobre o throno a familia reinante do sr. D Pedro IV.

Durante o regimen liberal que corresponde ao reinado d'esta familia não houve em Portugal senão um governo verdadeiramente governante, auctoritario e forte — o governo dos Cabraes.

Ora, foi exactamente sob a administração cabralina, em pleno vigor do regimen repressivo, a cadeia, a mordança e o cacete, que a familia real foi mais cruamente injuriada pela imprensa. A verrina partidaria invadiu a propria alcôva da rainha e arrastou na lama das ruas a sua reputação de mulher, de esposa e de mãe, calcando, apedrejando, esphacelando tudo quanto ha de mais inviolavel, de mais sagrado, de mais defeso á analyse — o lar de uma familia, o pudor de uma senhora.

É ao cabo de todos estas experiencias de perto de um seculo, que um governo senil, cachetico, estafado, um ministerio a que qualquer dos Cabraes, o Antonio ou o José Bernardo, triplicaria o pêso e levantaria encambulhado na ponta do dedo minimo, se lembra de propôr ao parlamento, de mandar approvar pela camara, e de fazer executar pela magistratura uma nova lei das rôlhas para o jornalismo!!..

Seja pelas bemdictas almas dos desembargadores

da antiga mesa censoria, os quaes a estas horas gemem ainda porcerto no fogo do purgatorio, e que, em attenção aos erros do sr. Fontes, se amerceie dos do intendente Pina Manique o divino adversario politico de suas excellencias, Nosso Senhor Jesus Christo!

III

A Sociedade Instrucção do Porto, que conta por emquanto mui pouco tempo de existencia, e que é já benemerita pelos esforços persistentes e esclarecidos com que tem procurado elucidar por todos os meios o difficil problema da educação nacional, acaba de resolver organizar, no edificio do Palacio de Crystal, uma exposição, que será aberta no dia 29 do proximo mez de abril, e que se intitulará *Exposição de trabalhos mechanicos e das industrias caseiras*.

A illustre corporação portuense define bem o character e a importancia d'este certamen em uma noticia que acompanha o programma lançado a pu-

blico, e da qual eu não posso eximir-me ao prazer de transcrever os seguintes periodos:

«A Sociedade de Instrucção do Porto, promovendo uma exposição dos productos mechanicos feitos por *curiosos*, e das industrias caseiras, que se tem conservado tradicionalmente no seio da familia portugueza, tem em vista rehabilitar uma serie de trabalhos e occupações, que não recebem a protecção e o favor a que têm incontestavelmente direito. Em todos os paizes onde ha idéas claras e sãs sobre a economia domestica, os trabalhos das industrias caseiras têm merecido a maior attenção ao Estado, ao municipio e á familia. Todos comprehendem e avaliam ahí os incalculaveis beneficios que resultam d'esses exercicios, que começam nos primeiros annos da infancia, como mera distracção e passatempo, e que são muitas vezes o ponto de partida para as carreiras mais brilhantes na vida futura. Esses exercicios, repetidos todos os dias em milhares de familias por dezenas de milhares de individuos, representam um trabalho lento, insensivel á primeira vista, mas que, continuado de geração em geração, cria essas aptidões mechanicas que tanto invejamos a certas nações estrangeiras, aptidões que se transmittem de paes a filhos e a netos, e que, em ultima instancia, são a origem de industrias tradicionaes antiquissimas, e de inestimavel

valor, por isso que se alimentam de um fundo, que se renova constantemente. Dar uma applicação util ao tempo é, desde a infancia, um dos problemas mais importantes da educação. E que melhor uso poderá fazer o individuo do tempo que lhe sobeja dos negocios ou dos estudos, do que occupando-se em trabalhos que lhe desenvolvem as fôrças, robustecem a saude, e o distraem de vicios funestos, como o jôgo, para citarmos só um, entre muitos? Um instrumento humilde, a enxó, a garlopa, o formão, já salvou muitas vezes uma casa que os reveses da sorte lançaram do auge da fortuna para as luctas da vida; uma modesta tesoura, habilmente dirigida, pode alimentar a familia mais numerosa. Recordemo'-nos só do enorme tributo que pagamos por aquillo que se chama *confeccões*, e que representa o producto de um trabalho, que não é, de modo algum, nem o segredo, nem o privilegio de uma nação ou de uma classe de individuos. É simplesmente a resolução de um dos muitos problemas da educação domestica, que temos esquecido; requer instrucção, exercicio bem regulado, bons môdêlos, que se vão buscar a um enorme material, accumulado pela sciencia humana durante seculos, em livros, quadros, estampas, em bibliothecas, galerias e museus. A tão gabada originalidade e novidade que nos vem de fora, com um rotulo francez, in-

glez ou allemão, é muitas vezes uma idéa antiga, resuscitada a tempo, um motivo imitado, um processo technico, que fôra esquecido. Por isso, repetimos: ensino e estudo perseverante é o que nos falta, porque as aptidões patenteiam se aqui e acolá, isoladamente, todos os dias, mas ou definham e morrem por falta de alimento apropriado, ou vegetam por ahi, ao acaso, como documento da nossa incuria.

«O que falta, é aproveitar essas fôrças inconscientes; accordar n'esses individuos as fôrças latentes, a consciencia de si mesmos, a fé do proprio engenho. Fazer isto em larga escala, com systema, com sciencia, com dedicação, em toda a parte, buscando o fio de tradições preciosissimas— seria o mesmo que fazer reviver o genio nacional, popular, que nos legou mais de uma maravilha.»

As palayras que traslado, bastam para assignalar a competencia das pessoas que se incumbiram de organizar a futura exposição portuense.

Os objectos que com tão alta sagacidade e com tão perfeita comprehensão dos interesses artisticos do paiz vão ser reunidos no Porto, são precisamente aquelles cuja falta se torna mais deploravel na exposição lisbonense da arte ornamental.

A industria caseira, cujo trabalho enorme, persistente, através de muitos seculos, se não acha in-

felizmente representada no palacio das Janellas Verdes, é effectivamente, como pensa a Sociedade de Instrucção do Porto, o grande deposito da tradição artistica e o mais completo e puro documento do genio original de um povo.

Tomando para base do nosso juizo a exposição da Arte Ornamental, tal como ella se acha constituida, nós temos de dizer, á vista de raes dados: se Portugal não soube produzir senão os trabalhos de que temos presentes as amostras, Portugal é um paiz sem tradições estheticas e sem arte. Porque a triste verdade é: que a arte portugueza, segundo os documentos da Exposição de Lisboa, se resume em algumas joias de egreja, em cujo desenho, ou se reproduzem servilmente os motivos da nossa architectura chamada manuelina, ou quando esses desenhos se não reproduzem, a originalidade não brilha senão pela ausencia.

A Exposição das Industrias Caseiras virá — se não me illudo grosseiramente — dar a este importante problema uma face inteiramente diversa d'aquella que elle n'este momento apresenta.

Uma simples exposição das cangas dos bois minhotos, dos bordados e dos tecidos dos costumes populares, das joias e das louças de barro tradicionais nos usos domesticos da nossa gente do campo, bastaria para revelar da parte do povo portuguez

um sentimento esthetico e uma aptidão artistica, de que a Exposição da Arte Ornamental não nos offerece o minimo vestigio.

Os estudos da arte estão — como é notorio — atrazadissimos em Portugal, por falta de materia observavel, recolhida e systematisada, sobre a qual esses estudos se exerçam. Esta simples questão prévia — *Existe ou não existe uma arte original portugueza?* — não sómente não foi tratada, mas nem sequer foi ainda proposta. Estamos n'essa materia approximadamente no estado em que se achava a Russia, antes de lá ter ido Viollet-Le-Duc dilucidar o problema. Com esta differença, porém: que o governo da Russia tinha um conhecimento perfeito da importancia d'essa lacuna na educação slava; ao passo que o governo portuguez, em sua dôce ignorancia, não chegou ainda a ter a consciencia, um pouco amarga, mas fecunda, das cousas que lhe conviria aprender.

A existencia de toda a arte plastica, original, no seio de uma nação, presume a existencia de uma certa linha abstracta, linha-mãe, para assim dizermos, a cuja flexão obedecem instinctivamente e fatalmente, nos seus desenvolvimentos mais imaginosos, todas as formas artisticas. Discriminar, isolar e fixar essa linha no immenso labyrintho de composições de todo o genero, em que ella serpenteia sem-

pre, já dominando, já submettendo-se ao arbitrio pessoal do artista através das edades, eis o trabalho inductivo que cabe ao critico de arte nas sociedades em que o problema a que nos referimos se acha por tratar.

Reduzir essa linha ancestral commum a symbolo schematico, a nucleo e fecho de todos os desenvolvimentos do contôrno na evolução das formas da arte, é dar a um povo a chave da sua inspiração nacional, retemperando-o do modo mais efficaz e mais seguro para a producção das grandes obras, por isso que todo o progresso, assim como toda a decadencia da arte nos diversos periodos do seu movimento, resulta sempre e invariavelmente da proporção da distancia em que os typos particulares da producção se approximam ou se afastam da linha ancestral de que procedem.

As grandes épochas da arte são aquellas em que a linha inspiradora e predominante mais se generalisa e se accentua, dando um character de harmonia e de homogeneidade ao conjunto de todas as diversas producções.

É o que succede, por exemplo, com a antiga arte grega e com a arte romana, onde todos os productos, por mais diversos que elles sejam, desde a columna até a amphora, desde a fachada do templo até a ornamentação do candelabro, parece provirem

todos de uma origem de inspiração commum, a qual não é mais do que a consciencia da forte solidiedade de uma raça, o espirito da nacionalidade de um povo expresso no seu trabalho artistico.

Outro tanto se pode dizer do estylo decorativo da Edade-Média e da Renascença, no qual o angulo da ogiva e a curva da florescia predominam tão accentuadamente em todas as formas do desenho, que a vista menos experimentada difficilmente se pode illudir com a origem dos objectos procedentes d'essas épochas, e tão fortemente marcados de uma expressão commum nas edificações, nos moveis, nas louças, nas joias, nas armas, nas cathedras, nas credencias, nos bancos, nos lampadarios, nos arcos, nos pequenos cofres, nos relicarios, nos punhaes, nos estribos, nas trempes dos lares e nas fechaduras das portas.

Os povos que nas differentes applicações da arte ás suas industrias carecem d'esta harmonia de correlatividade, que caracteriza os grandes seculos artisticos, estão na decadencia, e só podem ser reconduzidos ao progresso da arte pelo estudo e pelo respeito das tradições, de que o povo—o povo dos campos principalmente—é nas suas pequenas industrias caseiras, o depositario, o cultor e o guarda.

Para obter de Viollet-le-Duc o seu bello livro sobre as origens e sobre os elementos constitutivos

da arte russa, o governo russo gastou alguns milhões de rublos, reunindo á fôrça de despesas, a que se não consignou limite, todos os documentos que o illustre critico exigiu para formular o problema cuja resolução lhe fôra incumbida.

Em Portugal, será sobre as exposições tão proficuas, que hoje começam apenas a inicia-ser, e sobre os museus, que talvez um dia venham a constituir-se, que terá de exercer-se o estudo dos differentes criticos, com os quaes nós possamos fazer, em miudos, o trôco de Viollet-le-Duc.

Pela minha parte, esperando anciosamente a importante licção que a interessante exposição da Sociedade de Instrucção do Porto se acha destinada a ministrar, contentar-me-hei apenas por agora em citar dois simples factos, em abôno da grande importancia artistica das nossas mais humildes industrias populares, tão pouco conhecidas dos estudiosos e tão desprezadas dos governos portuguezes.

Ha poucos mezes, recebendo em minha casa a visita de um erudito director do museu de Londres, vi-o fixar, com a maior attenção e com um declarado interesse, um pequeno gomil de barro vidrado côr de bronze, que se achava collocado sobre um dos meus moveis, ao lado de um moderno vaso inglez da bella faiança artistica de Minton, de tôrno um pouco semelhante ao do gomil, que toda-

via se destacava d'elle pela mais delicada e mais pura forma classica. Esse gomil era um simples vinagreiro, feito nos suburbios de Mafra, e que eu havia comprado em uma feira de mez, em S. Pedro de Cintra, pela quantia de um vintem.

Um dos membros da grande familia industrial dos Ferreiras Pintos, tendo estado por algum tempo a estudar em Sèvres a fabricação da porcellana, que mais tarde dirigiu na Vista Alegre, offereceu ao museu da fabrica franceza uma collecção das nossas louças nacionaes, que até esse tempo eram alli desconhecidas. D'essa collecção faziam parte vários exemplares da chamada louça preta de Ovar, a qual, pelo seu preço modicissimo e pela vantagem de não estalar ao fogo, é geralmente usada em todas as cozinhas pobres das duas Beiras. A direcção de Sèvres recebeu com agradecimento os especimens da nossa olaria popular, e collocou os no museu, onde até então a nossa industria ceramica era apenas representada por um solitario moringue de Extremoz.

Um anno depois, alguns dos nossos modêlos de louça preta de Ovar tinham sido reproduzidos na mais fina porcellana de Sèvres. Um d'esses modêlos tornou-se classico. O bule cuja forma é conhecida hoje em todas as lojas de louça pelo nome de *bule de Sèvres*, e que todas as fabricas têm reproduzi-

do, é, juntamente com a leiteira e o assucareiro respectivo, a cópia fiel feita no museu de Sèvres de uma das panellinhas portuguezas do barro preto de Ovar.

Os nossos grandes industriaes, em geral, destituidos absolutamente de imaginação e de talento, não tendo feito mais do que imitar do estrangeiro os artigos impostos pela moda, poderão ter recebido nas exposições muitas medalhas e muitas menções honrosas; nenhuma d'essas distincções valerá aquella a que eu acabo de me referir, e de que foi objecto um pobre e obscuro oleiro de Ovar, inteiramente desconhecido e despremiado na fabricação anonyma dos seus primores artisticos.

Abençoados aquelles que, por sabios esforços analogos aos que está pondo em prática a Sociedade de Instrucção do Porto, contribuem para dar ao oleiro varino a quem eu me refiro e a muitos outros artistas superiores, tão obscuros e tão ignorados como esse, a consciencia do valor que têm, e do poder enorme que estão destinados a exercer um dia na regeneração da arte portugueza, hoje tão lastimavelmente decahida e abandonada pelos contactos fataes de um governo ignorante e de uma burguezia dominante, feita de *parvenus* insufficientemente educados.

IV

O *Diario Popular* e algumas outras folhas entendem que a *Historia de Portugal* escripta pelo sr. Pinheiro Chagas e editada pelo sr. Pedro Correia é muito boa para o povo, mas que não satisfaz para academicos.

Esta distincção entre historia para povo e historia para academicos não é talvez excessivamente democratica, mas é espirituosa.

A historia destinada ao povo considera-se de uma categoria subalterna, sem compromissos, sem responsabilidades, sem cerimonia... Verdadeiramente mesmo, como se lhe deve chamar não é historia para o povo, mas sim historia para as Hortas, — uma especie de dobrada litteraria com poucas notas e algumas hervilhas, que faça sempre lembrar um pouco menos o doutor Momsen do que o doutor Rôxo. Tal se figura á critica jornalistica a historia para o povo!

De modo que chega, por exemplo, o historiographo aos amores de Pedro I. Ponto. Vamos primeiramente a saber se isto tem de ser para povo ou para academicos.

Se é para academicos tenho de achar-lhe a verdade, preciso de folhear antigos codices, de ir á genealogia, de seguir os assentamentos, de visitar o Museu Britannico e de trazer perfeitamente limpida a versão scientifica de que os amores de Ignez foram simplesmente adulteros e pornographicos.

É para o povo? Ah! então accendo um charuto, ponho-me em mangas de camisa, vou para o quintal lêr os *Lusiadas* debaixo da figueira, converso de tarde no Gremio com o sr. Julio de Castilho, e principio á noite o meu capitulo para o povo com estas palavras: *Estava a linda Ignez palitando os dentes*, etc.

— Mas ó senhor, olhe que na sua historia, logo a paginas 1, linha primeira, ha uma pêta...

— Ora! pudera não! puz-lh'a lá de proposito: é uma pilheria para o povo.

Quereis escrever simplesmente historias—exclama a imprensa— com jocosidades romanescas, com facecias de velha tradição portugueza, com algumas boas pêtas nacionaes e authenticas, tiradas do *Monge de Cistér*, de José Balsamo, do *Diccionario*

da Conversação, ou de Frei Bernardo de Brito? Fazei-o, e sereis grandes! O povo lêr vos-ha. Terá o vosso livro na sua prateleira com as escôvas da graxa e o *Bertoldinho*. À hora terna e feliz em que, depois da salada, passa de mão em mão o prato das amendoas torradas, o vosso nome correrá também, venerado, de bôcca em bôcca, no *Retiro dos pacatos*. Aquelle, cujo appellido uma sagrada promessa nos inibe de proferir, anunciará a vossa obra no *Commercio do Porto*. Finalmente tereis escripto a *Historia para o povo*, e sereis talvez tão popular como o cambista Fonseca, ou mesmo como o outro supra não citado douto, de que um compromisso de honra nos veda falar.

Se porém uma tresloucada phantasia, uma passageira allucinação dos vossos sentidos vos induz a escrever a historia séria, corrente, averiguada, clara, veridica, ah! então tremei!

Depois que o grande historiador depoç o seu buril...

Depois que com mão firme aquelle, cujo ostracismo litterario...

Depois que o grande homem, que proprios admiram e extranhos nos invejam...

Depois que o grande nulto, para quem sete palmos de terra foram sempre...

Etc...

Ah! depois d'isso, quem tentará? quem será tão ousado, tão temerario, tão estolido, que se atreva a esgaravatar com o bico da sua penna inexperiente e pueril as profundidades historicas da sua patria?! Para traz! para traz, insensatos! Depois que o sr. Alexandre Herculano deixou de escrever a *Historia de Portugal* ninguem mais em Portugal poderá escrever a historia!

Mas — permittir nos-hemos nós a liberdade de observar com a devida timidez — parece-nos que desde que deixou de escrever historia o sr. Alexandre Herculano, *o gigantesco vulto etc.*, chegou exactamente o momento de continuar a escrevel-a o primeiro que appareça.

Quereis aterrar-nos com o alto exemplo que nos impondes do sr. Alexandre Herculano, mostrando-nol-o de longe no escuro, entre uma sombra remota e confusa, como um phantasma?!

N'este caso temos de nos approximar, trémula-mente sim, com um certo sobresalto, mas emfim com resolução, levando n'uma mão uma lanterna e na outra um escarafunchador. Para o que der e vier.

Ora, olhado assim de perto, á luz, ao alcance da mão, o exemplo que o sr. Herculano nos está dan-

do é simplesmente o de um grande historiador, que deixou de fazer historia para fazer azeites.

Depois d'isto, se tiramos bem do facto as conclusões que n'elle se comprehendem, o que se deduz é:

Que está igualmente auctorisado qualquer azeiteiro a deixar de fazer azeites para fazer historia.

Nota-se uma particularidade: ao tempo em que o sr. Herculano escrevia a historia de Portugal, e principalmente depois que elle deu a mais palpitante e mais manifesta prova de bom senso negando os milagres e as côrtes de Lamego, vós, ó imprensa querida e consequente, não tivestes injuria que lhe não dirigissem, dichote que lhe não lançassem das vossas trapeiras, immundicies com que lhe não junçassem o caminho. Na base da estatua do *eminente nullo* em que inscreveis agora: *Roga-se ao viandante que se prostre!* inscrevieis n'esse tempo: *Pedem-se as sujidades do viandante!*

De que procede este movimento revolsivo da critica a respeito do mesmo homem? Como é que se converteu agora em dogma e em idolatria o que primeiro era negação e insulto?

O sr. Herculano n'esse tempo trabalhava: agora não trabalha.

N'esse tempo combatia: agora repousa.

N'esse tempo ensinava: agora não ensina.

N'esse tempo batia os ignorantes filauciosos e alentava as vocações tímidas: agora virou igualmente as costas á ignorancia atrevida e ao talento modesto.

N'esse tempo vivia na lucta ruidosa mas fecunda do seu tempo: agora está sepultado nas anticipações da posteridade — gloriosas mas estereis.

Não ha senão um ponto d'estas duas biographias comparadas em que a actividade intellectual do biographado actualmente sobrepuje: o grande escriptor produz azeite.

Se é isto, como parece evidente, o que commove, o que decide, o que exalta, o que arrebatava a imprensa, então que ella claramente o diga! Porque nós tambem queremos libar a taça dos licôres divinos, tambem queremos pregostar em vida as sensações olympicas e immortaes da gloria. E, n'este caso, para o mez que vem, em vez do proximo numero das *Farpas*, terão os leitores noticias nossas em um annuncio que diga assim:

ÁLERTA PATRIOTAS!

Na calçada nos Caetanos, n.º 30, o legitimo da oliveira. Os srs. Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, que de uma vez para sempre resolveram deixar as suas pennas immortaes, lá estarão com bom modo para receber o publico. Ávante, portu-guezes!

Dezembro 1871.

V

Setubal levantou uma estatua ao poeta Bocage, pelo que se nos não offerece senão fazer os nossos complimentos a Setubal.

Bocage era o litterato mais popular do seu tempo. Os triumphos de botequim, de outeiro e de salão, a esgrima constante a que as glosas, as polemicas, as satyras e os epigrammas abrigavam o seu espirito, o grande esforço dos centros nervosos para prover de vitalidade esta existencia tempestuosa, o abuso das bebidas alcoolicas e do tabaco de fumo, desorganisaram aquella debil constituição, e Bocage morreu em Lisboa, na flôr dos annos, em um terceiro andar da travessa de André Valente.

Bocage tinha mais dignidade do que a maior parte dos seus companheiros e confrades nas letras: em quanto, por exemplo, Nicolau Tolentino de Almeida, o *bom Tolentino*, fazia memoriaes de creado de servir para que lhe dessem a esmola de um emprêgo publico, ou enviava sonetos ao marquez de

Angeja para que este lhe mandasse da sua mesa uma fatia de perú, Bocage rejeitava orgulhosamente o logar que lhe fôra offerecido na Bibliotheca Publica, e quando não tinha de comer — tragava a fome.

O arrabido José Mariano Velloso, director da officina chalcographica dava ao poeta uma gratificação de 247000 réis mensaes pelo trabalho que este lhe prestava revendo provas typographicas e vertendo para vernaculo alguns auctores latinos.

Bocage morreu na miseria, sendo seu unico protector o arrabido Velloso.

A cidade de Setubal, não tendo dado jamais durante a vida do poeta nem um passo nem um ceutil para o livrar ou da perseguição politica e religiosa que se lhe fez, ou da penuria que o consumiu, não querendo mesmo saber dos restos mortaes do vate, que se não sabe onde repousam, parece-nos que fez bem petrificando em marmore para propria licção o seu arrependimento e o seu remorso.

Uma cousa porém notamos: a maneira especial por que foi celebrada a inauguração d'este monumento, a qual, a nosso vêr, deixa singularmente compromettida a clara fama de varios cavalheiros. Comprehendemos que Setubal eleve um monumento a Bocage. Não explicamos que o sr. marquez de Avila e de Bolama presida á inauguração d'essa memoria.

E vamos dizer porque.

A sociedade a que pertenceu Bocage era uma sociedade empoçada e putrida.

Estava-se n'um reinado de sacristia, freiratico, beato, quieto, estacionario, gordo, não inteiramente destituido d'esta parte da benevolencia que constitue o genero bonacheirão. Faziam-se outeiros pelos pateos dos conventos. Comiam se merendas pelas casas particulares. Glosavam-se motes. Rimavam-se madrigaes e epicedios. Trazia-se rabicho. Amava-se a orelheira de porco com feijão branco. Jogava-se o gamão Representavam-se entremezes. O exercito tomava rapé. A arte cevava-se na mythologia. As mulheres chamavam-se Marilias e Anardas. O sermão constituia um passatempo elegante. Na sociedade tocava-se espineta e cantavam-se modinhas. Dansava se o menuete. Os inimigos do throno e do altar eram queimados. Usavam-se as fivelas grandes, os penteados altos e o bico do pé para fora. As senhoras vestiam uma especie de *crinoline*, imitação dos *paniers* da côrte de Luiz XV, e conhecida pelo nome um tanto *shocking* de *guarda infante*. Os periodicos e as revistas redigidas pelos homens de espirito mais eminente intitulavam-se *Ritornello do pardal*, *Symphonia do Cochicho*, *Gaitada do anão dos assobios*, *Dueto de laberco e taralhão*.

O reverendo José Agostinho de Macedo, o erudito sacerdote, fazia rir as senhoras com as obras denominadas *Os burros* e *A tripa virada*. A Inquisição e a censura prévia sustentavam a ordem. A paz era inabalavel. As pessoas tementes a Deus faziam circumloquios para não proferirem o nome de Voltaire. No seio de muitas familias era suspeito de atheismo o marquez de Pombal—por ter vivido em Londres.

Em tal meio social o talento não tinha onde fincar o pé. Bocage serviu a civilisação derrocando como pôde o seu velho mundo carunchoso, tabaquento e inepto. Honra lhe seja! Ninguem no seu logar teria feito mais. A sociedade portugueza d'esse tempo não dava margem a maiores beneficios. Havia uma academia—a Nova Arcadia,—cujos serviços litterarios consistiam em depravar o gôsto e abastardar a critica. Esta academia teve a imprudencia de receber no seu gremio o espirito juvenil e ardente de Bocage. Elle roeu-lhe as entranhas com a voracidade de um abutre, e espalhou no espaço os restos cadaverosos das reputações litterarias do padre Caldas, do doutor França, de Severino de Campos e de quejandos sabios.

A indole atrabiliaria, obscena e fradesca de José Agostinho escumou e estrebuchou por muitas vezes

debaixo dos dentes anavahlados e das garras agudas da satyra bocagiana.

Os politicos do tempo não tinham a minima noção dos direitos do homem e das franquias do povo. Os grandes problemas da civilisação que por esse tempo agitavam a França não encontraram o minimo écho no fundo da empoçada sociedade portugueza. Os espiritos eram inteiramente extranhos á discussão dos seus destinos. Nem das reformas da revolução franceza nem das liberdades decretadas pela constituição britannica, chegou noticia sequer a Portugal senão muito mais tarde por occasião da restauração de 1820.

Bocage era casualmente um instrumento, imperfeito e inutilisado pelas circumstancias que o cercavam, do espirito revolucionario que mordia no centro intellectual da Europa a medulla das velhas instituições.

Seria injustiça pedir á debil e desacompanhada iniciativa do poeta Elmano mais do que a manifestação a que lhe era possivel arrojarse. Bocage era tão republicano quanto era licito ser-se no seu tempo. Era republicano como um latinista. A democracia nos homens mais adeantados do reinado da senhora D. Maria I era um ideal archeologico e litterario. Na occasião porém da victoria de Bonaparte sobre os Estados Pontificios, Bocage abalançou-se

a fechar um dos seus sonetos com os seguintes versos :

O rapido francez vae lhe ás cannellas ;
Dá, fére, mata . . . ficam-lhe em despojo
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas.

Estas e outras audacias do «inimigo de hypocritas e de frades» como elle a si mesmo se qualificava, renderam o poeta á amorosa correcção do Santo Officio. O sr. Diogo Ignacio de Pina Manique, intendente geral da policia, mandou prender o poeta a casa do cadete da armada André do Quental, e officiou ao juiz do crime do bairro de Andaluz para que abrisse devassa sobre o procedimento de Manuel Maria, accusado de auctor de papeis impios, sediciosos e *criticos*, e ainda «de ser remisso na prática dos Sacramentos.»

Todos os manuscriptos de Bocage foram então apprehendidos, e passou-se ordem de prisão contra os seus companheiros e amigos, afim de se conhecer se estes o imitavam no sacrilegio das opiniões e na dissolução dos costumes.

Pelas suas offensas ao altar Bocage esteve encarcerado nas masmorras da Inquisição. Pelas suas offensas ao throno coube-lhe um carcere no Limoeiro.

Ora não nos parece que o sr. marquez de Avila

e de Bolama seja a pessoa mais acertadamente escolhida para desvendar para a posteridade a imagem, immortalisada pela gratidão, do poeta Elmano, o celebre e arrojado conferente do botequim das Parras.

Bocage é a contestação acerba e crua de todos os titulos que concorrem no sr. marquez de Avila e de Bolama.

Se o sr. marquez aceita e confirma os merecimentos do poeta nega por esse facto os seus merecimentos proprios. Como figura n'esta inauguração o sr. marquez?

Como representante do functionalismo? Bocage despreza o functionalismo devolvendo ao governo a sua nomeação de bibliothecario.

Como amante da ordem e politico conservador? Bocage é revolucionario e desordeiro.

Como catholico, apostolico e romano? Bocage ri do Papa, da sua tiara e das suas bulas e applaude o francez «*que lhe vae ás camellas.*»

Como cidadão morigerado e grave? Bocage, amante das rixas e dos alcools, assignalado no livro negro do corregedor do Rocio, offende a morigeração e a gravidade.

Como monarchico? Bocage era republicano.

Como economista? Bocage era um perdulario.

Como governador do Crédito Hypothecario? Bo-

cage era um pobretão sem crédito e sem hypotheca.

Como vice-presidente da Academia? Bocage destroncou, espalmou e pulverisou a academia do seu tempo.

Como escriptor? O sr. marquez é auctor da portaria que mandou calar os conferentes do Casino, Bocage é auctor da *Pavorosa illusão da eternidade*.

Nada pois de commum ou de correlativo entre o celebre poeta e o illustre ministro de Estado. Um desdiz o outro. A cortina que descobre a figura de Bocage encobre a do sr. marquez de Avila. S. ex.^a affirmando o futuro ao poeta denega e retracta por esse mesmo facto o seu proprio passado.

O sr. marquez de Avila, solidario por tal modo da personalidade de Bocage, é um facto tão expressivo e tão digno de nota como o pensamento immortalizado na estatua inaugurada.

O facto praticado pelo sr. marquez equivale evidentemente a uma nova profissão de fé, a uma declaração de novissimos principios da parte de s. ex.^a

Folgamos de registal o.

Conciliando agora os dois factos do levantamento da estatua e da inauguração d'ella, achamos esta exegese d'esse duplo caso:

Setubal, levantando uma estatua a Bocage, testemunha o seu remorso pelo que deixou de fazer.

O sr. marquez de Avila inaugurando essa estatua declara o seu arrependimento por aquillo que tem feito.

Áquella cidade e áquelle cidadão, os nossos parabens!

Novembro 1871.

VI

Deu-se durante o corrente mez um facto litterario. Representou-se no theatro de D. Maria a *Princesa Georges*, de Alexandre Dumas filho.

Em França, tendo-se ouvido, depois do abalo dado nos espiritos e nas consciencias pela catastrophe do segundo imperio, a palavra da critica e da historia, houvera grande curiosidade de verificar na peça de Dumas, primeira obra de theatro posta em scena depois de cêrco de Paris, qual fôra a influencia da guerra e da desgraça nos trabalhos da imaginação e nas creações da arte. Isto inspirou o grande interesse que cercou em Pariz o apparecimento da nova peça do auctor do *Demi Monde*.

Trazida a Portugal e vertida em vulgar, a *Prin-*

ceza *Georges* alcançou do publico em enchentes successivas um dos maiores exitos que o moderno drama tem achado em Lisboa. O que em Portugal suscitava discussões e promovia interesse não era como em França a curiosidade artistica do espectador, o sobresalto do espirito na expectativa de uma revelação da nova arte arrancando o seu ideal, o typo intimo das preoccupações geraes, do seio das palpitantes incertezas de uma sociedade renascente. Em Portugal a attenção era mais restritamente movida pela substancia dramatica e sobretudo pelo problema moral da peça.

Considerado n'este ponto de vista, o successo de uma obra de arte vem a ser um elemento perfeitamente expressivo para a critica da moral e dos costumes na sociedade que julga e que decide.

No estudo do character de uma nação pelas revelações das suas platéas cabe este aphorismo:

«Dize-me as peças de que gostas, dir-te-hei as manhas que tens.»

Ora Lisboa, tanto quanto podemos julgal-o pelos applausos do publico e pelas apreciações da imprensa, gostou da *Princesse Georges*. Para extrahirmos d'este facto a íntima verdade psychologica que elle encerra é preciso vêr a peça e é preciso vêr o publico.

Principiemos pela peça.

Versa o drama sobre cavalheiros e damas do *fau-bourg Saint-Germain*, a porção mais aristocraticamente pundonorosa, mais recolhida e mais grave da sociedade franceza. Estas senhoras apparecem todas grupadas no segundo acto, no qual as tímidas meninas de Dumas filho dizem sem pestanejar cousas, que não poderiam ouvir sem corar até o branco dos olhos os intrepidos e valentes mosqueteiros de Dumás pae. Em nenhuma outra peça, nem na *Dame aux Camelias* nem no *Demi Monde* se cerziu em tule perfumado de *Jockey-Club* dialogo decotado tanto abaixo como aquelle em que se entretêm as jovens senhoras honestas que a *Princeza Georges* recebe nas suas salas. Os homens pela sua parte não têm principios nem palavras, nem sequer maneiras: as esposas acham-lhes os modos brutaes.

O sr. de Birac, marido da princeza, tem por amante madame de Terremonde, uma das relações íntimas de sua mulher. Esta descobre uma noite, depois de um jantar com as suas amigas, uma carta do principe á amante; a princeza dirige-se ao ponto do salão em que se acha a senhora de Terremonde, sua amiga, e diz-lhe: «Passaste a noite de hontem com meu marido; sae, se não queres que te expulse ruidosamente.» A outra toma o seu *burnous* e responde-lhe: «Adeus, querida.»

Depois a princeza Georges discute o seu plano de vingança com sua propria mãe, uma especie de dueña sem altivez senhoril, sem prestigio maternal, e com um velho tabellião, variante de lacaio, agalado de todas as condescendencias baixas, de todas as curvas humilhantes e de todos os sorrisos indecorosos da senilidade inepta.

No espirito e no coração da princeza, duplamente atraçoada pelo esposo e pela amiga, luctam dois unicos elementos: a paixão no que ella tem de mais máterial—a posse, e o despeito trazido da origem menos legítima que elle pode ter—a vaidade. Com tão baixos conselheiros de vingança a esposa não podia deixar de se desaggavar pela baixeza. Eis o que ella faz: Denuncia ao sr. de Terremonde os amores clandestinos de sua mulher, sem lhe revelar o nome do portador do adulterio ao seu lar domestico — «Procure o», lhe diz ella.

O marido enganado esconde-se no cubiculo do seu porteiro, espera o amante da esposa, e mata com um tiro de revólver um homem, que não é o sr. de Birac.

Tal é o drama!

Perante as accusações do seu erro o marido não tem para a esposa senão palavras de tédio e de desprezo. Perante o seu infortunio a esposa não encontra na sua alma senão conselhos de reacquição

immediata, ou de vingança prompta. Isto pode ser a paixão da mulher, mas não é decerto a dignidade nem o decoro da esposa. Nas considerações revoltas que o abandôno do amor inspira á princeza não entra nunca a ponderação do recato em que era antigamente costume envolver as negociações domesticas da dignidade e da honra. Ao encontro dos desvarios de seu marido ella oppõe a sua belleza, a sua dedicação e o seu amor...

Nem um appêllo sequer para o dever, para a dignidade, para a justiça! Para essa mulher a sua casa e a de seu marido, o seu nome e a sua familia são uma questão adstricta ao pequeno espaço tepido, molle e perfumado do seu *boudoir*.

— Achas-me bonita ou não me achas bonita? — eis o ponto de honra!

Que o pae de meus filhos seja um cobarde, um inepto ou um tôlo, que importa isso á intensidade dos meus prazeres ou das minhas amarguras? Que te salves ou que te percas pelas loucuras da tua mocidade no conceito das pessoas justas e honradas, pouco se me dá! Estás extendido no chão sobre um tapete aos pés de outra mulher? Quero que estejas assim a meus pés. Se o não fizeres denunciarei a seu marido a tua amante, produzirei um escandalo, escancararei as portas da tua culpa,

lançarei o teu nome á lama das ruas. Se porém substituirees na tua carteira, junto do teu coração, a chave dos aposentos d'ella pela dos meus, se bebermos Champagne reunidos, se te deitares a meus pés, se me forçares docemente a usar por dia tres pares de luvas de vinte botões e um par de sapatos de setim em cada noite, se me offerceres todas as manhãs um ramalhete de gardenias, se finalmente, dando-me a prova suprema do amor, te arruinares por mim e fizeres por minha causa *mil loucuras*, ah! então perdôo-te, e tu serás para todo o sempre o meu bem, o meu amado, o meu querido!

Tal é a solução achada ao grande problema da existencia quando ella se estuda com os pés nús em pantufos de setim, defronte de um espelho, entre o pó de Florença com que se branqueia a pelle e o lapis de col com que se alarga o contôrno dos olhos, dentro de uma alcôva convertida em centro moral da vida humana.

A princeza Georges pensando por tal modo é Margarida Gautier, casada e honesta... honesta não: casada e — *portando se bem* Por baixo do aspecto externo da mulher pura sente-se ondular o morbido contôrno da Venus sahida das espumas da cidade para a tranquillidade casta de um lar domestico.

As demais senhoras d'esta peça valem todas ainda menos que a protagonista.

Alexandre Dumas filho, á fôrça de pintar as damas equívocas do *Demi Monde*, affeiçoou se, insensivelmente talvez, mas de um modo inteiramente positivo, ás suas heroínas. A ultima peça d'este escriptor não pretende pintar a sociedade clandestina a que elle tinha consagrado a sua paleta, mas é para ella evidentemente que o quadro foi destinado. O mais mimoso e mais captivante presente que se pode dar a uma *petite dame* é o espectáculo de uma verdadeira princeza desconjuntada e demolida. A dama das Camélias nunca agradecerá bastante ao seu antigo idealizador o abrir agora á posteridade uma galeria de duquezas muito mais desprezíveis do que ella.

Nada temos que allegar contra as predilecções femininas de um escriptor, que está inteiramente no seu direito procurando-as na sociedade que lhe apraz. O que porém nos parece menos lícito é que para lisonjear aquelles com quem sympathizamos lhes sacrificemos aquelles que nos são antipathicos ou indifferentes.

Se o drama *Princesse Georges*, falsissimo e calumnioso como pintura social, se nos apresenta apenas como uma hypothese litteraria, entendemos ainda que essa hypothese não pode ser admittida a um

francez como o sr. Dumas filho, que, aproveitando os ocios de uma pacifica vilegiatura no campo, debaixo dos lilazes, escreve comedias insultantes para os homens que a esse tempo tinham abandonado todos os palacios do Faubourg Saint-Germain para se alistarem no exercito e jogarem a sua vida pela salvação da patria.

Agora o publico. Vimol-o applaudir, e ouvimol-o criticar a *Princeza Georges*.

Aos homens em geral não desagradaram as grosserias do sr. de Birac. Este principe que maltrata sua mulher quando esta lhe lança em rosto as suas relações de amor com outra, tomal-o-hiam por acaso os senhores burguezes de Lisboa como um typo elegante e *chic* das regiões ignotas do alto dandysmo? Não, burguezes amigos, desilludi-vos: Dumas filho, o Racine das *Phedras* do segundo imperio, esteve zombando vilmente com a vossa credulidade! O primeiro preceito da elegancia entre os homens bem educados é sacrificarem se sem hesitação e sem clausulas por toda a mulher que involuntariamente fizeram soffrer — embora essa mulher seja a d'elles. A intrepidez varonil contra as lagrimas de uma mulher desgraçada é essencialmente de mau gôsto e de má creação.

As senhoras que applaudiram o procedimento da

princeza Georges sancionaram a mais deploravel tactica que mulher alguma pode ter perante os desvarios conjugaes do homem. Não é assim, nunca assim foi, que o terrivel factó do adulterio masculino se combateu ou se modificou. O vosso amor, minhas senhoras, a vossa dedicação e a vossa belleza sómente são para nós um argumento quando o argumento não é preciso, isto é: quando a paixão nos acorrenta a vossos pés. Extincta a paixão, esse prestigio que primeiro nos dominara desaparece. Ai de vós, esposas honestas, se quizerdes acceitar com armas eguaes a lucta da vaidade com as amantes de vossos maridos! Desgraçadas se sois vencidas! Mais desgraçadas ainda se conseguis vencer! porque n'esse caso tereis abdicado um poder que oscillava na indifferença para o trocades por um predominio grosseiro e ephemero que terminará pela repulsão ou pelo tédio!

A quadra das violentas rebelliões do temperamento passa depressa. Depois vem a quieta estacção melancolica das recordações e dos desenganos. O contórno dos labios descae aos cantos da bôcca, a luz dos olhos esmorece, o rosto é vincado pelas rugas, e a cabeça cobre-se de cabellos brancos...

Querida leitora amiga, consente que n'esta pagina te deixemos um conselho, de que dependerá uma

grande parte da tua felicidade n'esse tempo e muito da tua elevação e da tua dignidade já:

Faze sempre do teu caracter o primeiro dos teus titulos de mulher.

E tem a certeza de que nunca teu marido, ainda que elle seja tão exorbitantemente grosseiro como o sr. de Birac, te dirá como á princeza Georges: *Allons donc! tu m'ennuies!* Porque tu terás sido para elle aquillo que nunca no mundo nos aborrece — um companheiro corajoso e um amigo verdadeiro.

Janeiro 1872.

VII

A Academia Portuense das Bellas Artes deu os seguintes pontos para o concurso trienal que deve realisar-se este anno:

Pintura — *S. João prégando no deserto.*

Esculptura — *S. Jeronymo fazendo penitencia.*

Architectura — *Projecto de uma igreja destinada para freguezia central de qualquer cidade.*

Inclinemos a cabeça deante da comprehensão que,

em vista de semelhantes pontos, a Academia Portuense das Bellas Artes denota ter do destino e dos fins da arte. Pobre academia! que sympathica perplexidade não seria a tua se nós tivéssemos a impertinencia de te perguntar o que é a arte e qual o seu fim!

Não! não pertubaremos com vozes indiscretas o silencio augusto do portico portuense. Que seja a arte o que muito bem quizer. Que seja ou que não seja um instrumento de aperfeiçoamento physico e moral da nossa especie, como a queria Prudhon. Que o seu verdadeiro objecto seja o corpo humano, segundo a opinião de Miguel Angelo. Que imite a vida real nos seus usos e costumes, como faziam os flamengos. Que seja italiana ou franceza. Que acaricie a belleza material da forma. Que seja espiritualista e dramatica. Que especialise as tragicas attitudes da eschoa bolonheza. Que seja ideal, olympica, domestica, psychologica, metaphysica, pedagogica, íntima, social ou scientifica. Que nos importa isso, tanto a nós como á academia portuense!

Querem dizer que nos diversos periodos da historia da arte se observa que ella decae sempre que acceta as inspirações de segunda mão, que, pelo contrario, se constitue e revalida embebendo se na natureza. Para que o artista crie em vez de copiar importa que o objecto da sua obra exista dentro

d'elle mesmo, nas suas convicções resultantes da educação adquirida no meio em que vive. Não nos parece, por este lado, que a imagem de S. João constitua nos principios, nas idéas, nos sentimentos ou nas aspirações do homem contemporaneo o germen intimo de uma manifestação artistica, original.

Por mais religiosos, por mais mysticos, por mais asceticos, por mais contemplativos que queiramos suppor os membros do illustre corpo docente da academia portuense de Bellas Artes, hesitaremos sempre em acreditar que elles possam desentranhar do fundo dos seus respectivos repositorios de ideal a idéa precisa dos caracteres que devem distinguir o S. João actual do sadio S. João de Raphael, que existe em Florença, ou do pallido adolescente, apaixonado e feminil, de Leonardo da Vinci. Em todo caso pode ser que, contra a nossa expectativa, os senhores professores se achem perfeitamente penetrados d'aquillo que á geração actual cumpre inserir ou desgastar — para maior esplendor da arte — nos Sãos-Joões que a precederam.

São porém de ordem menos esthetica as observações que se nos offerece fazer aos senhores professores da academia portuense.

As perguntas que temos de levar á decisão dos

senhores cathedrauticos fautores dos pontos, são simplesmente as seguintes:

Quaes são os característicos por meio dos quaes os senhores professores distinguem um S. João pré-gando no Deserto de um S. João pré-gando em qualquer outra parte? Se a ausencia de ouvintes — feição capital de um auditorio no deserto — pode influir na gesticulação do pré-gador, supprimendo-lh'a por inutil, é natural que pelo mesmo modo lhe modifique tambem a palavra, excluindo-lh'a por escusada. N'este caso será difficil, — por demasiado metaphysico, — representar pré-gando um pré-gador que nem gesticula nem fala.

Se pelo contrario os auditorios do deserto se compõem de ouvintes, como os demais auditorios, sobreavem então outra difficuldade: a de achar os toques especiaes que distingam prédica e prédica — a prédica no deserto e a prédica no povoado.

Ácêrca de *S. Jeronymo fazendo penitencia* suggerem-se-nos eguaes duvidas. Na pintura uma figura individual só pode ser perfeitamente determinada ou pela cópia das feições, que dá o retrato, ou pela representação de um facto ou de uma acção historica que assignala e individualisa uma personagem celebre. Ora a acção da penitencia, sendo o effeito de um uso commum em todos os ascetas, não pode

determinar a especial physionomia, a personalidade religiosa de S. Jeronymo. Pergunta-se por tanto se os senhores professores da academia portuense estão no caso de facultar aos candidatos ao cuncurso do corrente anno um retrato authentico da personagem cuja figura tem de constituir a prova escultural?

A execução do ponto de architectura apparece-nos envôlta em trevas ainda mais impenetraveis.

Modêlo de uma egreja que possa servir de freguezia central em qualquer cidade!

Em que se differença a egreja de uma freguezia central de qualquer cidade. da egreja de uma freguezia suburbana ou de uma freguezia rural? Nem por sombras, as mais ténues e mais remotas, o podemos nem levemente conjecturar!

Dar-se-ha o caso de que nas *freguezias centraes* exista uma religião especial, se exerça differente culto, se congreguem crenças diversas ou se interponham particulares elementos de civilização municipal nas relações particulares do homem com Deus?

Succederá porventura que nas villas os fieis entrem no templo pelas janellas, e que nas aldeias se cantem as missas pela claraboia?

Achamos muito proveitoso para a arte que sobre

os referidos casos de duvida os senhores professores da academia portuense, se dignem de dar-nos a sua obsequiosa e esclarecida opinião.

Março 1872.

VIII

A Real Associação Central da Agricultura Portu-gueza é uma sociedade que tem uma casa e um parque no pateo do Duque de Cadaval.

Na casa quatro cavalheiros jogam o whist. No parque, sob as arvores, algumas senhoras fazem partidas de croquet.

Além d'isto ha um album onde se consignam todos os serviços relevantes prestados na roda do anno á agricultura nacional. N'esse registo consta, por exemplo, qual a forma do canivete com que, no anno tal, o barão de tal podou uma pereira franceza, que tinha no jardim; de como em tal era o cidadão fulano achou boas as suas hervilhas; quaes as dimensões que em tal data tinham os pêcos do visconde cicrano; quantas em dado prazo as bigonias da estufa de miss X.; quaes na mesma época os nenufares da piscina de madame Z, etc.

De quando em quando, na estação do campo, alguns socios da Real Associação da Agricultura Portugueza, caçando a codorniz nos restolhos, ou pescando a truta em algum ribeiro, falam, aos agricultores com quem se encontram, na existencia da associação agricola, e os lavradores, então, tiram commovidos o seu chapéo, e coçam reconhecida-mente na cabeça.

Tal é em resumo o character da Real Associação da Agricultura Portugueza, e a sua influencia nos destinos da terra.

Algumas vezes o socio sr. X. penetra concentra-do, pallido, profundo, nas casas da associação, sus-pende o *rober* que se está jogando, leva os parcei-ros para um canto, e communica-lhes a *idéa*.

A idéa é fundar um banco rural e estabelecer colonias agricolas no Alemtejo.

Os parceiros tomam nota da idéa. Um d'elles vae á janella, e diz ás senhoras que estão jogando o croquet no jardim:

— Cá está o homem com a idéa!

As senhoras tambem tomam nota.

Depois do que, continuam os jogos. Emquanto o socio sr. X., enxugando o suor do seu rosto, vae lêr as folhas.

Ha tempos, quando sua majestade o imperador do Brazil expunha n'estes reinos a mala suspensa da sua augusta mão, deliberou a Real Associação da Agricultura Portugueza celebrar uma sessão.

Fez um ensaio do spectaculo premeditado. Esteve tudo arranjado para a grande sessão. Estava falado povo para assistir. O povo rugiria de impaciencia, estaria em bicos de pés, levantaria brados de commoção e de enthusiasmo. Havia uma acta da sessão *antecedente*, e pessoas que pediriam a palavra sobre essa acta, rectificando-a, ampliando-a. Durante a sessão chegariam homens com cartas, com officios, com telegrammas. Apareceriam tambem agricultores cobertos da lama e do pó dos caminhos, vindos á ultima hora a trazer communicções, a fazer perguntas, a pedir sciencia. Vozes diriam na galeria: «ouçam! ouçam!» Muitas pessoas bateriam ás portas chegando com musicas e com dádivas dos povos reconhecidos. Um dos socios encarregar-se-hia dos rumores «de impaciente curiosidade»; outro dos clamores «de jubilo insoffrido»; várias familias incumbir-se-hiam de fazer desmaios de senhoras, cujos maridos fôssem coroados pela associação. A correspondencia viria datada dos mais remotos pontos do globo. Os telegrammas chegados durante a sessão diriam:

«Senegal, tantos de tal. Que ha de feijão?»

«Cairo... Achamo'-nos a braços com o pulgão. Fulminae o pulgão.»

«Londres... Diga de boi.»

«Washington... Que devemos acreditar do gravanso?»

E a mesa responderia — espargindo o pensamento pelas pennas dos seus secretarios.

Tinha havido o ensaio geral; estava tudo combinado. Afinal a sessão não se fez — não sabemos porque.

Ultimamente a associação achou-se em crise. O paiz tremeu pela sorte de tão fecundo instituto. Os socios vinham-lhes as lagrimas aos olhos, davam sôccos de desesperação nos chapéos, e diziam mordendo os beiços de dôr: «Não estamos em paiz para nada! assim acaba uma instituição d'estas!»

Fôra o acaso que deixara de funcionar a mesa do whist por falta de um parceiro, o qual trocara a Real Associação Central da Agricultura Portugueza — pelo Club.

A secção *croquet* entendeu então que devia estender a sua mão feminina e aristocratica á secção *whist* combalida e amputada. Com este fim a secção agricola *croquet* resolveu dar um baile de sub-

scripção, para o qual está designada a noite de 1 de junho proximo. Com o producto da subscrição d'este baile a Real Associação da Agricultura Portuguesa poderá instituir e crear um parceiro de whist de reserva para futuras contingencias.

Em nome da patria agricultada os nossos agradecimentos por tão benefica iniciativa ao vívido elemento civilisador, a cujos pés delicados e breves não deixaremos de ir no dia 1 implorar — em nome da terra agradecida — uma volta de valsa.

Abril 1872

IX

Secretos e mysteriosos são os destinos do talento quando elle se consagra á musica e habita no Fundão! Bemaventurados foram Meyerbeer, Rossini e Auber, porque morreram sem terem passado pelo Fundão! No Fundão pôr um clarinete aos beiços é alongar uma perna para a masmorra. Quem no Fundão se entrega á musica entrega-se ao mesmo tempo á grillheta. A corneta no Fundão é um attentado com chaves, e a caixa de rufo é um abysmo com

vaquetas. No Fundão recolher em casa um fagote é muito mais perigoso do que recolher no corpo um ataque de bexigas. No tribunal do Fundão quando se fala no *instrumento do crime*, especifica se sempre: *instrumento do crime—de arco! instrumento do crime—de sôpro! Vêde, senhores jurados, o instrumento do crime não tem caravelhas! etc.*

No Fundão appareceu ha tempos um homem, o qual foi levado pela bossa do crime até o ponto mais profundo a que a musica pode precipitar um desgraçado! Elle era bom, compadecido e benefico. O seu passado estava limpo de toda a mácula. Ninguém ousara nunca assacar-lhe nem uma semifusa! Elle não manchára nunca a pureza dos seus labios unindo os ao orificio de uma flauta dissoluta! Nunca tivera nem as mais platonicas relações com a rabeça venal! Nunca a sua mão casta palpara o braço lascivo e nú de um cavaquinho!

Repentinamente porém o homem treslouca, e, aggravando o infando crime que ia commetter com uma premeditação repugnante, compra uma folha de papel de musica.

Depois o miseravel, recluso, escondido, a occultas da familia, por horas mortas, como quem fabricasse uma nota falsa, escreveu na dicta folha de papel um hymno.

Ora um hymno faz differença de uma valsa. A valsa pode intitular-se *Ella, A estrella, Os suspiros*; o hymno não pode ter titulo. O hymno tem dedicatória. Quem faz um hymno precisa de o fazer a alguém ou a alguma cousa. A quem havia de dedicar o criminoso o seu hymno? A El-Rei? Já tem. A Sua Majestade a Rainha? Já ha. Á Carta? Está servida. Ao trabalho? Já se fez. A Pio IX? Tem um. Aos artistas? Têm uns poucos...

Ha ainda uma cousa: se o homem do Fundão offerecesse o seu hymno a alguém, arrastava consigo uma victima, uma especie de cúmplice, um có-réo.

Se o offerecesse a uma cousa, como todas as cousas têm dono, o dono da cousa obsequiada com o hymno poderia vir a padecer com o auctor d'elle.

Era preciso por tanto offerecel-o a uma cousa sem dono, a uma instituição impessoal, a alguma cousa de vago, de incoercível, de irresponsavel, de convencional, de hypothetico. O homem do Fundão achou, nas citadas condições, como a mais innocente de todas as dedicatorias para o seu crime, o seguinte: *Á republica*.

Apesar da sagaz penetração com que o musico conseguiu por tal modo desligar da sua composição todo o elemento que podesse compromettel-o na sociedade, porque finalmente consagrar um hymno

á Republica, no Fundão, onde a Republica não existe, é absolutamente o mesmo que não o consagrar a cousa nenhuma — apesar d'isto, dizemos — a justiça do Fundão condemnou a um anno de cadeia o auctor do hymno

Se os musicos do Fundão não tomarem ensino com esta amostra do panno, achamos que a justiça da localidade fará bem fuzilando-os. E assim a sociedade do Fundão virá um dia a dormir tranquilla, principalmente se, depois de subjugar a musica, ella conseguir refrear — os persevejos.

Abril 1872.

X

O sr. Alexandre Herculano acaba de publicar sob o titulo de *Ofusculos* um livro em que, além de uma refutação eruditamente argumentada e inedita da portaria que suspendeu as conferencias democraticas do Casino Lisbonense, se encontram apenas reedições de algumas antigas obras do illustre escriptor.

Reapparecendo assim na publicidade, reentrando na lucta das idéas novas com os velhos engenhos de guerra despendurados dos arsenaes de 1836 ou 1843, sua excellencia lembra-nos demasiadamente o antiquario que sae a combater fôrças vivas á frente das naturezas mortas do seu museu, formando em batalha contra os entes animados da criação os jacarés empalhados e os monstros em espirito de vinho da sua galeria curiosa.

Os discursos d'estas paginas antigas, a que sobejam por um lado os accessorios artificiaes da rhetorica e a que faltam por outro lado, com as oppor-tunidades do momento em que foram concebidas, as condições de uma existencia necessaria e real, fazem nos o effeito de armaduras primorosamente cinzeladas, mas suspensas em ripas de pinho, finos capacetes de viseiras caladas sobre caraças de papelão, com verniz de cera côr de rosa, e olhos de vidro.

E causa-nos pena isto: que tantos apparatus de fôrça e tão solidos instrumentos de guerra se prestem a desabar, com o estampido ridiculo dos louceiros que se quebram nas velhas farças, aos golpes de *stick* do primeiro irreverente que passe trazendo na cabeça as exaltações de dois dedos de Proudhon ou de um copo de Champagne!

Serão injustos depois os que bradarem contra a decadencia, contra a corrupção, contra a irreligiosidade do seculo com o fundamento de que, n'estes contactos das antigas armas consistentes e das novas modas futeis, é o espesso arnez de Carlos Magno o que rende, e a fina *reste Benoiton* a que triumphá.

Ai! perdoae-nos... Nós preferimos ás impenetra-veis armaduras dos vossos gigantes, que não servem hoje a ninguem e que não trazem ninguem dentro, a simples flanela vulgar, talhada por Poole para as formas exiguas dos macacos sabios da geração nova, dentro da qual flanela todavia se abo- toam homens, pequenos e frageis, mas emfim mais ou menos vivos, graças ás capsulas ferruginosas ao *Rob Lafacteur*, podendo impunemente, perante e os minotauros de cartão, n'um rasgo de can- can, chegar-lhes com o bico do pé á ponta do na- riz.

Sobre a cerviz d'estes fracos mortaes, que ain- da não estoiraram de todo nos galopes da vida, as effigies dos antigos semi-deuses, inoffensivos e inuteis como estatuas de louça branca — na attitu- de classica dos Abrahões de jardim — suspendem os seus alfanges, como poleiros aereos, cuja immobi- lidade tem convidado ao somno quarenta gerações de pardaes!

Aqui temos nós, por exemplo, *A voz do propheta*, com paginas sibyllinas, em estylo emphatico, allegorico, confuso, tremendo.

É uma especie de *Dies iræ* — de salão.

Cada periodo ronca lugubrememente como um estertor de moribundo, imitado n'um figle.

Em cada phrase ha um vácuo premeditado que lembra a orbita sem ôlho da caveira de um cyclope.

A locução, pintada como uma actriz vestida de branco, com os cabellos desgrenhados, que se predispoz ao espelho para uma scena de delirio, tem tons cadavericos, produzidos por grossos riscos pretos sobre gesso esverdinhado e branco: ella passa mysteriosa e terrivel; não se sabe de onde vem nem para onde vae, nem quem busca, nem o que pretende — ella, desvairada, tambem o não sabe! — mas pisa o tablado a largos compassos tectricos, brandindo um punhal, olhos fixos e dedo descarnado e livido apontando o espaço. A orchestra, a golpes taciturnos e tremidos de rabecão, imita os rumores das tempestades. E os espectadores angustiados, presentindo que alguma cousa pavorosamente tragica vae occorrer, desdobram os seus lenços nas mãos abertas, apromptando-se para acolher aquella porção de sensibilidade oppressa de que a imperfeita natureza humana se descarrega — ai de nós! — pelo nariz.

O monologo porém termina; está volvida a ultima pagina da prosa melodramatica do sr. Herculano; elle, o propheta, principiou por estas palavras:

«O espirito de Deus passou pelo meu espirito, e disse-me: vae, e faze resoer nos ouvidos das turbas palavras de terror e de verdade. E eu obedecerei ao meu Deus no meio dos punhaes de assassinos...»

E conclue assim:

«N'este momento a visão desapareceu, e achei-me banhado em suor frio e repassado de amargura. E por impossivel tinha que tão negro futuro houvesse nunca de verificar-se: mas subito ouvi muitas vozes que diziam: — Guerra á relegião do Christo! Então cri na visão que o Senhor me enviava, e apagou-se-me, na alma, o ultimo clarão de esperança.»

Ao terminarem a leitura, as turbas obscuras e humildes a quem o auctor se dirigira, e das quaes nós temos a honra de fazer parte, perguntam contristadas e attonitas:

Mas, bom Deus, poder-se-ha saber por que altos motivos está s. ex.^a o propheta *banhado em suor frio e repassado de amargura*?!

Ser-nos-ha dado apreciar quaes as razões por que

o digno socio de merito de Jeremias e da Academia Real das Sciencias, apagou dentro da sua alma o *ultimo clarão de esperança?*

Sim! N'esta recente edição do seu opusculo, s. ex.^a o anjo, incumbido directamente por Deus de *fazer resoar palavras de terror*, explica satisfactoriamente o phenomeno pathologico da desesperança em sua alma e dos suores frios em seu corpo, por via de algumas laudas de introducção, destinadas a preencher cabalmente os votos d'aquelles que tinham promettido aos deuses um propheta de cêra, se os deuses lhes consentissem penetrar o sentido da *Voz do propheta*.

A explicação d'essa voz que diz ao povo *«que a sua hora extrema vae soar, que elle é empestado, que é pustulento e pôdre, vil e malvado, escória, imundicie e relé,* — a explicação da voz que diz e re-diz isto em 118 paginas de uma prophesia de extermínio e de morte para o povo e para o paiz, é que:

A revolução de setembro triumphava com a democracia, o sr Alexandre Herculano não acreditava na democracia, tinha-a pela *«declamação interessada de engenhos superficiaes que pretendem jungir ao carro das proprias ambições as turbas más, porque ignorantes, odientas, porque invejosas, espoliadoras, porque miseraveis;»* e Elle, o prophe-

ta, Elle, o anjo exterminador, Elle, o enviado de Deus ás gerações... era — cartista!

Se o sr. Herculano escreveu isto, que parece uma blasphemia pavorosa «*O espirito de Deus passou pelo meu espirito e disse-me: vae, e façe resoar nos ouvidos das turbas palavras de terror...* — é que naturalmente Deus era tambem — cartista.

E assim rompe um livro, tendo por base a mancommunicação de um Deus e de um propheta, conchavados para espancarem patuléas a cacetadas de Biblia e de rhetorica!

Permitta se-nos dirigir uma pequena pergunta humilde ao grande historiador:

Se s. ex.^a nos affirma que o espirito de Deus o tocou e lhe disse: *Vae*, — o que acreditamos sob a palavra de s. ex.^a — como ousa s. ex.^a negar que o mesmo Deus tivesse egualmente apparecido a Afonso Henriques e lhe tivesse dicto: *Vence?* Porque, em fim, a verdade é que o milagre que precedeu a victoria de Ourique é exactamente o mesmo que inspirou a *Voç do propheta*. Ao grande escriptor, assim como ao grande rei, Deus appareceu e falou. Se um d'estes cavalheiros nega a visão do outro, não poderá a critica julgal-os suspeitos como officiaes do mesmo officio? Não será plausivel que ca-

da um d'estes Joões Marias Farinas dos divinos cheiros queira para si o privilegio de ser o unico João Maria Farina, authenticico e legítimo?

Mais encerra o sobredicto livro dos Opusculos:

Primeiro — Uma «consulta apresentada á Academia Real das Sciencias ácêrca do estado dos archivos ecclesiasticos do reino e do direito do governo em relação aos documentos ainda n'elles existentes» — questão que se acha resolvida desde 1857. Tem essa actualidade.

Segundo — «Os Egressos, petição humilissima a favor de uma classe desgraçada.» Mais: «As freiras de Lorvão», especie de petição em favor da parte feminina da sobredicta classe, acto philantropico que declarado hoje, quarenta annos depois da extincção das ordens religiosas, nos obriga a meditar nas razões por que o auctor não aproveitaria este ensejo para peticionar igualmente em favor das familias dos companheiros de Pharaó, victimas da terrivel catastrophe da passagem do Mar Vermelho.

Terceiro — «Theatro, moral, censura», discurso em que o auctor propõe que a censura dramatica não seja eliminada mas sim substituida por «uma lei para o theatro em harmonia com a lei politica da nação» — especie de carta constitucional da monarchia da rua dos Condes e do Salitre. O sr. Her-

culano quer *um jurado especial encarregado de defender a moralidade, punindo com multas pecuniaras e com cadeia todo o delicto dramatico em offensa da moral*,—o que nos parece ser, sem a minima duvida, o restabelecimento puro da santissima Inquisição, ou a renovação dos jogos da eloquencia, de Caligula, em que o vencido era lançado no Rhodano, sempre que não preferia apagar o seu discurso com a lingua.

Quarto e ultimo—Uma *advertencia preliminar*, na qual o auctor explica que compoz a sua obra *com o fim de*—matar o tédio das longas noites de inverno na solidão da sua granja. D'onde somos levados a deduzir que os fins da arte para o illustre solitario de Valle de Lobos—no inverno pelo menos—são simples parceiros de jôgo, questão de passar tempo. Para s. ex.^a a antiga «cousa sagrada» de Platão substitue—a bisca sueca O «fim moral» retira-se, havendo uma perna para o *voltarete*.

E nada mais se contém no ultimo livro recentemente publicado por aquelle que justamente se considera o primeiro dos escriptores portuguezes!

Esse livro, que se não baseia em nenhuma das necessidades da sciencia, da razão ou do sentimento do mundo moderno, caminhando no ar como as pinturas chinezas em que não ha solo, é uma pessima

ma obra. Vem de alto, firma-a um nome prestigioso, está escripta no estylo relimado a que Michelet chama a *indigente correcção de Malherbe*: tem portanto as condições da voga; é um exemplo funesto. Porque esse livro não instrue, nem ensina, nem esclarece, nem consola ninguém.

Referindo-se ás conferencias do Casino repisa a velha questão catholica, e esquiva-se á apreciação da theoria artistica, economica e scientifica da Revolução, que essas conferencias propagavam.

Na politica é auctoritario, conservador intransigente.

Impõe-nos a Carta, como Carlos IX impunha a missa a Henrique de Navarra e ao joven Condé, depois da Saint-Barthelemy. Nega a revolução democratica com um desdem banal, como quem ignora ou finge ignorar que toda a revolução que se oppõe á corrupção e á miseria. filhas das instituições, não é uma theoria contingente mas sim uma lei fatal. Estava n'este ponto bem mais adeantado, do que s. ex.^a nos quer mostrar que se acha, aquelle velho ministro francez que ha mais de cem annos exclamava: *La légalité nous tue*.

Na economia social, sem uma palavra para algum dos principios que constituem o systema de crédito é a organização industrial, preconisa as *caixas economicas*, escondendo que a questão de coarctar a

miseria não é de estabelecer o *mealheiro* mas sim de crear o trabalho.

Na arte quer a manifestação do pensamento adstricta ás sentenças de um jury tirado da Academia das Sciencias, da Eschola Polytechnica e de não sei que outros tribunaes regularisadores do direito da palavra, justificando assim aquella definição do sublime dada por Galiani: «a arte de dizer as cousas sem ir para a cadeia»; quando a verdade n'este ponto é que nada ha que mais avilte a intelligencia e o character do que o exercicio hypocrita, imposto pela legislação repressiva, de encobrir o pensamento ou de disfarçar a verdade.

No momento actual, quando a Europa inteira, grande martyr, se agita na polemica e no sangue, procurando nobremente e santamente resolver para a justiça o problema do destino dos povos, reconhecendo com Proudhon que a negação da sociedade feita em 93 implica uma affirmação subsequente, que ainda não está feita, e que, depois de desorganizados os privilegios, nos é hoje preciso organizar solidamente e firmemente o trabalho na paz, no bem-estar e na virtude, — n'este momento supremo, um dos mais graves em que se tem achado a humanidade, quando mais do que nunca se precisa para a verdade do concurso de todos os espiritos elevados

e rectos —, um philosopho, um pensador educado nos severos estudos historicos, o mais auctorizado dos nossos escriptores, entretendo-se no seu gabinete a reconstituir antigos opusculos banaes para passar o inverno, lembra um pouco o imperador Theodosio entregue ás especulações theologicas, e compondo symbolos no gynecceu, quando Genserico estava em Carthago e Attila nas margens do Danubio.

Diz-nos o sr. Alexandre Herculano que está velho, desilludido, desalentado. . .

Donde lhe veiu tanta amargura e tão singular abatimento, que nem os annos nem os desgostos justificam?

Comprehende-se a tristeza d'aquelles que, consagrando a sua vida a uma grande obra, absorvendo-se n'ella, pertencendo-lhe integralmente, se acham repentinamente desacompanhados e sós ao vêrem a obra terminada. Michelet consumiu quarenta annos a escrever a historia da sua patria. «Pois bem, minha grande França, — exclama elle, — se foi preciso para achar a tua vida que um homem se tivesse entregado e passasse e repassasse tantas vezes o rio dos mortos, esse homem consola-se, agradece-te ainda, e o seu maior pesar é ter emfim de deixar-te.» Gibbon, tão frio e tão sêcco, não larga o seu

livro sem uma commoção profundamente melancolica: «Pensei que acabava de despedir-me do antigo e agradável companheiro da minha vida.» Oh! sim, comprehende-se bem essa mágua profunda, que absorve o homem ao cabo da missão a que elle se dera no mundo! Comprehende-se Alexandre morrendo de tristeza depois de conquistar a Asia, e Alarico depois de tomar Roma; comprehende-se Godofredo de Bulhões, com a sua herculea natureza que resistiu inalteravel ás fomes, ás sêdes, ás pestes, ás guerras, a todas as tragedias da Cruzada, sossobrando finalmente ao ter de embainhar a espada, e morrendo — por ter chegado!

Mas não se comprehende definhando de tristeza em Valle de Lobos o sr. Herculano, porque elle não venceu, não conquistou, não concluiu a sua obra: abandonou-a apenas, retirou-se, foi se embora.

Como antigo litterato, historiador, romancista e poeta, s. ex.^a não se pode contristar. Deve consolal-o a vida rural, que elegeu em substituição da vida artistica.

Se o não satisfaz a solução que deu ao seu destino, se no remanso da sua granja, na abundancia, no saudavel exercicio da lavoura, na familia, na saude, na paz, na consideração e no respeito publico, s. ex.^a se sente effectivamente velho, desalen-

tado e triste, creia s ex.^a então que não é o litterato que ainda soffre, é o agricultor que já começa a padecer. A padecer o que? Esta molestia— a nostalgia da arte.

A tristeza não é nunca um estado de espirito normal no organismo de um homem são. A tristeza é um symptoma de enfermidade physica ou moral. A tristeza habitual quando se não cura com as pilulas de Radway e com as aguas mineraes, cura-se com uma acção boa. Se com isso não passa, é então uma lesão profunda e mortal.

O homem que durante vinte annos viveu no trabalho intellectual, na applicação, no estudo, na poderosa contensão da arte, escrevendo, publicando, dilatando-se, repartindo-se pelos seus semelhantes, amassando e forneando para elles o divino pão da verdade, nunca mais pode sem perigo retirar-se d'esse meio.

Nos serios trabalhos do espirito consagrados a uma idéa elevada ha uma luz vivificante e serena que não sómente alumia o operario, penetra-o tambem, alimenta-o, conforta-o. A sua obra não é inteiramente d'elle, elle pertence tambem á sua obra. Elle cria-a, torna-a viva, poderosa, immortal, á fôrça de amor, de verdade e de justiça; ella, generosa e grata, educa o, aconselha-o, consola-o, fortifica-o.

Os dias passam, tenebrosos ou limpidos, serenos ou revôltos no mundo externo; na immutavel região da arte ha a pacificação permanente. Embebido na doce mocidade eterna da sua obra, o verdadeiro artista, perfeitamente fiel ao trabalho, não sabe nunca se envelhece ou não.

Veja o sr. Herculano aquelles que deixou nas letras, ha alguns annos, muito mais edosos que elle! Como ainda hoje são novos!

Quem guia, quem governa, quem encaminha hoje no mundo a grande marcha das idéas modernas, a que o illustre agricultor de Santarem se oppõe, no seu recente livro de torna-viagem, com epigrammas cacheticos e vetustos? Veja-os s. ex.^a, escute-os, atenda-os: como têm os labios vermelhos, a voz clara e metallica, os cabellos loiros, os musculos fortes, o sangue vermelho, salgado e alegre! Reconhece os?...

São Victor Hugo, Michelet, Quinet, Thiers, Raspail, Karl Marx.

Companheiros de infancia de s. ex.^a eil os ahi ainda, na mais perfumada e viçosa flôr da idade, entre os setenta e os noventa annos!

Quando uma vez se habitou o paiz luminoso da sciencia e da arte é impossivel o expatriamento para os frigidis climas sombrios dos interesses práti-

cos e positivos. A mão que por vinte annos mane-
jou uma penna, não poderá jámais ageitar-se á ra-
biça de um arado. Sequestrar-se á sciencia é rou-
bar a sociedade. Para onde quer que te recolhas
com a porção de luz e de verdade que tinhas no
teu cerebro e que subtrahiste do thesouro commum
da humanidade, para onde quer que te escondas, ó
triste foragido, irá sempre contigo, pungindo-te na
parte mais nobre do teu ser, não contaminada pelo
egoismo, o remorso de uma acção má. Debalde pro-
curarás justificar o plano da tua deserção com os
desgostos que atravessaram a tua carreira! Desgôs-
tos, tu! o filho mimoso da tua patria! a unica glo-
ria official da litteratura do teu paiz! tu sempre lido
sempre glorificado, sempre retribuido! Oh! como
se rirão dos teus pretendidos desgostos todos aquel-
les que tiveram no mundo uma idéa, que se lhe
consagraram, que viveram e que morreram por
ella!

Pobre homem sem fé! que pensarão do teu mar-
tyrizinho de album, da tua pequenina cruz de ber-
loque, aquelles que realmente tiveram um martyrio
e uma cruz, onde padeceram e morreram, resigna-
dos e austeros?!... Spinoza, que muitas vezes co-
meu hervas por não ter pão; Campanella prêso vin-
te e sete annos, sendo cinco vezes julgado e soffren-
do sete vezes a tortura; João Jacques dormindo

n'um fôso por não ter outro asylo; Diderot desmaiando de fome; Proudhon, vivendo com um tostão por dia, caminhando oitenta leguas a pé para ir vêr o seu amigo, só, odeado, perseguido, caminhando sem meias, com os pés nús embrulhados em palha dentro dost amancos das suas montanhas do Jura!

Se o sr. Herculano, agricultor, está triste, volte a ser litterato, restitua-se á sua patria, á sua geração e ao seu tempo.

Se definitivamente não quer ser mais um escriptor, poupe então a nossa sensibilidade ás repetições da historia dos seus desgostos. Como simples proprietario rural os jubilos ou as melancholias do sr. Herculano são absolutamente indifferentes á humanidade.

Quando Quinet publicou a «Historia das suas idéas», procurando dar sob uma forma individual a historia moral da geração de que fez parte, á semelhança do que parece ser intentado agora pelo sr. Herculano com a publicação dos seus opusculos, Quinet, colligindo as suas idéas e recompondo o seu passado, arrancava da sua obra uma grande idéa, bella, radiante e fecunda: a coherencia, illuminando um character, e fazendo d'elle uma fôrça moral.

Quinet não vinha entristecer-nos com a sua melancholia nem contaminar-nos com o seu desalento.

Se elle reconstituia e publicava os dispersos fragmentos obscuros de antigos trabalhos era exactamente porque d'esse agrupamento e d'essa reunião de idéas espalhadas pelas differentes edades e pelas diversas phases da sua vida sobresahia como um nobre exemplo o luminoso contentamento de uma alma perseverante e forte.

Decepções, chimeras, enganos, o que vem a ser essas cousas? ignoro o; ahí está a minha vida, dizia elle. O que uma vez amei, em cada dia me pareceu mais digno do amor; de dia para dia achei a justiça mais santa, a liberdade mais bella, a palavra mais sagrada, a arte mais real, a realidade mais artistica, a poesia mais verdadeira, a verdade mais poetica, a natureza mais divina, o divino mais natural. E se me sobrasse tempo para ir mais ao fundo d'aquillo que ignoro, sinto que as cousas que ainda me espantam acabariam por desaparecer. Onde a inquietação se apoderara de mim, o enigma se decifraria por si mesmo. Eu repousaria na luz.

São os homens que podem extrahir do seu passado a lição que encerram essas formosas palavras os que têm direito de vir falar-nos do seu passado. Os que não têm como lembrança dos seus dias decorridos senão o canção, o desalento, a indiffe-

rença e o desdem, podem fazer um serviço maior do que escrevel-o; é calal o.

Concluindo não pediremos ao sr. Herculano que nos perdôe a ousada franqueza com que lhe falamos. S. ex.^a sabe que a unica irreverencia criminosa deante de uma verdade que se possui consiste unicamente em esconder essa verdade. Que ella provenha do mais obscuro dos miseraveis ou da mais alta e mais competente das actividades, que importa? É preciso abatel-a ou deixal-a passar. S. ex.^a conhece o dialogo asiatico de Salomão e de Marculf. Salomão é o grande rei, dotado de todos os dons, bello, omnipotente e sabio; Marculf é um villão-ruim, um rustico insolente e bestial. No emtanto as subtilezas populares do bôbo esfarrapado embaraçam e humilham no seu throno o poderoso e sabio rei. Isto prova que a magnanima auctoridade e a socrosanta lei escripta podem não perder tudo em escutar um simples, rôto e desprezivel raciocinio plebeu.

Bem sabemos que não somos nós que temos as finas subtilezas ironicas do bôbo Marculf. Mas egualmente é certo que por outro lado o sr. Herculano tambem não é inteiramente o filho de David, rei de Israel, o que escreveu o *Cantico dos canticos* e edificou o templo.

XI

Ao passo que o sr. Alexandre Herculano, historiador, publica opusculos, o sr. João Felix Pereira, opusculista, publica historia.—É a logica do absurdo.

A recente obra de Felix é um resumo de historia romana traduzido do latim. As primeiras linhas d'esta versão bastam para dar aos leitores uma idéa da obra.

O imperio romano, menor do que o qual em seu principio, ou maior por seu augmento em todo o mundo, de quase nenhum a memoria humana pode recordar-se, tem principio de Romulo; o qual filho de Rhea Silvia, virgem vestal, e, quanto se julgou, de Marte, foi dado á luz, com seu ermão Remo, d'um só parto. Elle como andasse roubando entre pastores, chegando á idade de dezoito annos, fundou uma pequena cidade no monte Palatino...

Tal é Eutropio — traduzido para Felix. Não fal-

taria agora senão uma cousa: traduzil-o de Felix para Portuguez — se por ventura houvesse alguém no mundo que fôsse capaz de adivinhar perante a lingua de Felix, qual a grammatica com que se rege Felix, medico, engenheiro civil, agronomo, e auctor de opusculos para instrucção da mocidade!

Não, francamente, ó Felix, vós, que tendes tantos officios — medico, engenheiro civil e agronomo — vós, que sois na sciencia o mesmo que são na musica os homens dos sete instrumentos, que fazem uma orchestra batendo com todas as partes do corpo, vós que egualmente sois medico com a bôcca do estomago, engenheiro civil com os cotovellos, agronomo com o nariz e escriptor publico com os calcanhares, porque não deixaes vós de ser, pelo menos, um preceptor da infancia, um escriptor das escholas?!...

Em primeiro logar isso descansaria um pouco o vosso corpo, ó habilidoso João, ó feliz Felix.

Em segundo logar pouparieis á infancia o desgosto de desaprender a sua lingua lendo nas aulas os vossos escriptos, os quaes a benemerita Junta Consultiva da Instrucção Publica não deixa nunca de approvar, servindo assim na primeira communhão dos que estudam, em vez das sagradas particulas

da sciencia, os esterco nauseabundos e venenosos das vossas equarissages litterarias.

A verdade, encyclopedico Felix, é que vós escreveis muito peor do que falam os botucudos do rio Mucury e os Pelles Vermelhas, no interior do sertão.

A verdade é que ninguem vos entende.

Se nós houvessemos de ir estudar os rudimentos da historia romana preferiríamos ao trabalho de interpretar o vosso compendio ir directamente estudar a geographia antiga, a ethnologia, a geologia, a linguistica, a archeologia, todas as primitivas fontes da historia; ser-nos-hia mais facil, mais rudimentar, do que analysar e reduzir á grammatica qualquer dos vossos periodos, ir á Asia Menor estudar as epigraphes funerarias sobre as ruinas do templo de Herodes Atticus, interpretar e comparar os textos da escripta hieroglyphica, hierotica e demotica, os documentos originaes bysanticos e orientaes, e as inscrições babyionicas e assyrias gravadas nas estatuas, nos baixos-relêvos, nos cylindros e nos amuletos... Tudo isso, ó João, antes, mil vezes antes, do que procurar entender-vos!

Se porém o nosso conselho vos não apraz, se quereis absolutamente continuar a escrever compendios, em vez de seguirdes outro officio, não nos

afflijaes pelo menos, continuando a declarar-nos em cada uma de vossas obras que continuaes sempre a ser medico, agronomo e engenheiro civil! Se tudo isso vos não serve para ganhades honradamente a vossa vida sem vergonhas da grammatica dos vossos paes, e do senso commum dos vossos avós, então ponde unicamente nos vossos livros:

POR

JOÃO FELIX

BIMANE DA ORDEM DOS PRIMATAS

SEGUNDO DARWIN E LAMARCK

Março 1873.

XII

Uma commissão ultimamente constituida para o fim de elevar um monumento á memoria de Alexandre Herculano acaba de concluir os seus trabalhos, abrindo uma subscrição nacional para trasladar as cinzas do finado escriptor para a igreja dos Jeronymos, em Belem, erigindo ahi um mausoléo digno dos restos que está destinado a encerrar. Os

individuos que assignam o convite feito ao publico para o alludido fim são os srs.: José Gregorio da Rosa Araujo, presidente; João de Andrade Corvo, Francisco Antonio Pereira da Costa, José Maria Borges, José Manuel da Costa Basto, Francisco Xavier de Almeida, João Maria Galhardo, thesoureiro, e José Joaquim Gomes de Brito e Eduardo Coelho, secretarios.

É esta a segunda tentativa feita em Lisboa para levantar um monumento a Herculano.

Todos os periodicos são concordes em affirmar que é uma vergonha nacional não pagar esse tributo de honra ao sabio, que o paiz inteiro se habituou a venerar como o symbolo mais perfeito do genio litterario e do valor civico.

Este afan denota, da parte dos contemporaneos, um ardor patriotico que lhes faz honra, e que distingue favoravelmente a geração actual das gerações que a precederam deixando em aberto a divida contrahida com os grandes homens que as serviram e honraram.

O meu grande pesar—confesso-o francamente—é não me poder associar com mais entusiasmo a esta manifestação.

A evocação de Alexandre Herculano, como sendo a expressão mais alta da gloria no meu tempo, deixa-me o coração frio. A sua alma, por mais es-

forços que eu faça para a comprehender, para a amar, não se me communica, não me acalenta, não me fortalece.

Admiro-o apenas, vendo n'elle um grande erudito, um eminente escriptor, um poderoso temperamento litterario, um paleographo, um epigraphista, um archeologo magistral e nada mais.

Como Catão — e é sob este aspecto que os panegyristas especialmente o celebram — prefiro o de Plutarcho.

O que principalmente distinguiu dos seus concidadãos o Catão romano foi que, depois de ter merecido as honras do triumpho, elle não imitou os generaes que, combatendo menos pela virtude que pela gloria, logo que chegavam ao consulado e ao triumpho, abandonavam os negocios para passarem o resto da sua vida na ociosidade. Catão, diz o seu biographo, era como um corajoso athleta, que ainda depois da victoria continua os exercios, e só descansa na morte.

Alexandre Herculano descançou na vida, abandonando a arena em perfeita robustez e em plena fôrça. Quando a patria mais precisava da sua energia e da sua actividade elle resignava successivamente o seu logar de deputado, o seu logar de academico, o seu logar de jornalista, o seu logar de critico, o seu logar de historiador; e, no delicioso

socêgo dos obscuros, ia tranquillamente cultivar oliveiras.

Catão honrava tambem a terra, agricultando-a com o seu proprio braço, mas levantava-se de noite para tratar dos negocios da Republica antes de tratar dos seus, e, em vez de se demittir, elle disputava ardentemente os logares em que a sua actividade podia exercer-se, e era successivamente tribuno militar, questor, consul, e, finalmente, já na velhice, por um supremo esforço patriotico, elle conquistava o primeiro, o mais trabalhoso, o mais difficil cargo da Republica, e era censor aos oitenta annos de idade.

Herculano explicava a sua abstenção dos negocios publicos e dos trabalhos litterarios pela dôr resultante das accusações injustas. Explicação inadmissivel. As accusações destroem-se. Catão, cincoenta vezes accusado, cincoenta vezes se defendeu e se justificou deante do senado e deante do povo. Além do que, as accusações de que Herculano foi objecto eram mais uma forma de glorificação do que outra cousa. Os ataques a que deu causa a eliminação do milagre de Ourique na historia das origens da monarchia contribuíram mais do que todos os elogios para fundar a popularidade do seu nome. Que mais pode desejar um escriptor como consagração da sua auctoridade do que ser

insultado nos pulpitos por padres boçaes e em pamphletos ridiculos por caturras biliosos e tontos? Uma carta de Paschoal de Gayangos bastou para espalmar completamente em um só dia a opinião dos adversarios de Herculano sobre a interpretação do documento relativo ao combate do campo de Ourique. O arabista Antonio Caetano Pereira, que sustentara a opinião adversa a Herculano, foi convencido da mais crassa ignorancia ou da mais profunda má fé, e perdeu, em homenagem devida ao historiador que pretendia refutar, a cadeira de arabe de que era professor no Lyceu de Lisboa. Não se pode ambicionar um maior triumpho.

Quando por um conflicto pessoal o auctor da Historia de Portugal declarou que truncára o seu trabalho porque não podia, sem quebra de dignidade, tornar a entrar na Torre do Tombo enquanto lá estivesse como guarda-mór o conselheiro Joaquim da Costa de Macedo, a Academia das Sciencias interveiu, e o governo demittiu Macedo do logar de guarda-mór.

Para que Alexandre Herculano pudesse proseguir nos estudos historicos sem preocupações pecuniarias, elle tinha casa paga pelo rei, junto da bibliotheca das Necessidades, e tinha como bibliothecario, como academico e como proprietario do dictionario portuguez de Ramalho e Sousa, ven-

dido á Academia, a renda annual de cêrca de dois contos de réis.

Elle mesmo refere nas suas obras que por mais de uma vez lhe foi offerecido um logar de deputado, foi-lhe offerecida a commenda da Torre Espada, foi lhe offerecida a grã-cruz de Sant'Iago,—todas as honras, todas as dignidades, todos os commodos da existencia

Quando alguem pessoalmente o incommodava elle apontava ao dedo o individuo que se lhe figurava um estôrvo, e esse individuo cahia, como cahiu da cadeira de arabe Antonio Caetano Pereira, como cahiu da Torre do Tombo Joaquim da Costa Macedo, como cahiu da bibliotheca da Academia das Sciencias Augusto Soromenho. Se isto é que é ser perseguido pela animadversão, não sei então o que é ser estragado pelo mimo.

A minima contrariedade escandalisava a fibra estoica d'este singular spartano. Sendo presidente da camara municipal de Belem officiou ao governador civil do districto, para que fôsse castigado certo official do exercito, ou dissolvida a camara. A razão d'este conflicto fôra que uma sentinella postada á porta do quartel de artilharia havia impedido, por ordem do official da guarda, que alguns operarios collocassem junto da entrada do quartel um candieiro para a illuminação publica. Como o governador ci-

vil não tinha acção disciplinar sobre o official accusado, a camara foi dissolvida.

Na intimidade da sua convivencia Herculano manifestava o mesmo excesso de irritabilidade que o tornava incompativel com a vida publica. Os mesmos individuos eram successivamente para elle o objecto da mais cega estima e o da mais insanavel aversão. Esta foi a sorte de Castilho, de Macedo, de Soromenho, do visconde de Seabra, do duque de Saldanha, e de vários outros.

O Catão romano, quando os philosophos ou os rhetoricos gregos lhe dasagradavam, accusava-os deante do senado, fazia-os expulsar da republica, mas não se punha de mal com elles.

No momento em que a sociedade portugueza, reconstituída em novas bases politicas, quasi decapitada pela extincção dos conventos, que encerravam uma grande parte das fôrças intellectuaes da nação, se organisava como ainda hoje se está organisando para a educação e para o exercicio da liberdade; quando a litteratura e a arte, quebrada a tradição jesuitica, debatendo-se na revolução romantica, procuravam desordenadamente determinar o seu destino, fundar o seu methodo, coordenar a sua funcção; quando na politica, na administração, na imprensa, em todos os departamentos do estudo e do trabalho intellectual, se exigia a cooperação de to-

das as forças dirigentes da commuidade; quando a prática do constitucionalismo manifestava efeitos progressivos de esterelisação e de decadencia moral; quando dentro do regimen liberal principiava a scisão moderna determinada pela iniciativa d'aquelles que julgam preciso combater para fazer pela doutrina a revolução das idéas, assim como os seus paes fizeram pela guerra a revolução dos factos; quando n'este momento, tão grave para o destino do paiz, toda a geração nova appellava para Herculano como para o unico homem a quem o talento e o estudo dera o direito e o prestigio da auctoridade, o poder de dirigir, Herculano abdicou, desertando não sómente do conflicto politico e do conflicto social do seu tempo, mas do conflicto moral, da controversia das intelligencias, da pugna dos principios e das idéas.

O que escreve estas linhas disse-o por mais de uma vez no tempo em que o grande homem, ainda vivo, poderia esmagar a accusação, se a achasse á altura do o poder ferir. Esta invulnerabilidade do vivo desaffronta-me para falar sinceramente do morto.

Na obra de todo o homem eminente ha uma parte de marmore, que é o monumento construido pelo seu espirito, e ha uma parte de madeira, que é o revestimento dos andaimes em que trabalhou a sua personalidade. A morte desconjunta os madeira-

mentos, e põe a nú a pedra. A irreverencia pode prejudicar a popularidade dos vivos, não pode nunca attingir a gloria dos mortos. Por isso perante a vida se deve pedir a benevolencia, perante a morte não se pode aceitar senão a verdade. Que intervenha ou que não intervenha o respeito no julgamento dos que deixaram de existir é cousa indifferente. O que na obra d'elles era transitorio cae, o que era definitivo fica. Posso, portanto, repetir desassombradamente, sem receio de attentar contra a justiça, que Alexandre Herculano, postergando a responsabilidade da sua intelligencia e abandonando em meio a obra do seu espirito e a direcção mental do seu tempo, ainda por esse facto me veiu persuadir que ha attenuações que fazer no perfil catoneano que lhe pretendem attribuir.

Quando as legiões romanas se consideravam perdidas nos despenhadeiros do Cæta, deante do exercito de Antiocho, Catão, que era o mais sabio e que tinha apprendido na licção da Historia factos importantes para guia da vida, não se recolheu na sua quinta a provar sobriedade e modestia comendo rabanos cozidos, como Manlio Curio. Poz-se á frente das legiões sem rumo, e como, já velho, tinha apprendido a lêr os historiadores da Grecia, foi adeante, só, de rochedo em rochedo, perscrutando o terreno, até que descobriu e veiu mostrar aos ro-

manos a senda desejada: era a garganta das Thermopylas, por onde elle sabia que n'outros tempos haviam passado os persas por cima do corpo de Leonidas.

Finalmente, por mais que estreite ou alargue o parallelo, eu não encontro entre o Catão de Roma e o de Valle de Lobos, senão um unico ponto de contacto e de accôrdo. Esse traço de semelhança commum consiste no rancor implacavel que um e outro alimentaram constantemente—o romano contra Carthago, o portuguez contra os homens do seu tempo.

Delenda est foi, sempre, constantemente, a imprecação de Herculano sobre a moderna sociedade portugueza. Para elle o paiz era uma podridão; a democracia uma ladroeira; a sciencia nova uma giria, subvertendo o seculo como a dos gongoristas.

Como Catão, elle não cessou nunca de bradar—*Delenda est*. Tão sómente Herculano declamava apenas contra a Carthago da sua antipathia. Catão promoveu e preparou contra a sociedade carthaginez a terceira guerra punica, e predisse que seria Scipião o herdeiro do seu odio, o continuador da sua obra, o destruidor de Carthago. Herculano não deixou herdeiro nem successor, porque elle não tinha a profundidade da convicção que leva a destruir. Contentava se em amaldiçoar. Era apenas um

misanthropo. Nunca amou os homens. Os homens nunca o poderão amar. O talento não basta para merecer o amor. É preciso para ser verdadeiramente um grande homem, ter, além do talento, a abnegação, ter o entusiasmo sagrado de uma idéa, o esquecimento da propria personalidade, o espirito da dedicação, o espirito do sacrificio.

Na intimidade dos seus amigos, na sua vida domestica, Herculano era um coração dôce, simples e bom. Os seus amigos têm obrigação de amal o, os seus concidadãos não têm esse dever.

Como litterato Herculano merece a estatua que se lhe consagra, e na qual se poderá dizer que elle serviu a historia descobrindo alguns factos, e serviu a arte escrevendo bem.

Na estatua de Catão dizia-se: *Por ter elevado a republica, que a alteração dos costumes inclinava para a ruina.* Isto não se poderia dizer de Herculano. E todavia diz-se. Quasi todos os jornaes o disseram com mais ou menos pompa rhetorica durante os ultimos quinze d'as, a proposito do monumento que se projecta levantar ao solitario do Valle de Lobos. Isto revolta-me, porque offende a verdade, porque destroe com o sentido das palavras a proporção das cousas, e compromette os principios de justiça com que devem ser apreciados os factos e julgados os homens.

Como escriptor eu admiro Herculano, como cidadão rejeito o exemplo que elle deixou e que eu reputo funesto para todos os que pensam e para todos os que trabalham.

A modestia em que elle se envolveu para acabar no esquecimento que pedia aos seus contemporaneos, não a respeito por que a não julgo authentica. Eu sei que lhe foi offerecida a commenda da Torre Espada, porque elle o publicou. Sei que lhe foi offerecida a grã cruz de Sant'Iago, por que elle o publicou. Sei que lhe foi offerecido o pariato, porque ainda elle o publicou. N'estes casos recusar a ddiva é uma maneira orgulhosa de a levantar.

Portanto, ás aclamações entusiasticas que nos ultimos quinze dias têm saudado em Herculano o *maior cidadão portuguez, o Catão d'este seculo*, eu sinto o dever de responder, humildemente mas sinceramente, que discordo.

XIII

Acabamos de receber o numero do *Antonio Maria* publicado hontem com a declaração de que n'elle finda a serie d'esses folhetos semanaes, que durante seis annos sem interrupção de uma semana, tiveram em constante evidencia perante o publico, umas vezes enthusiasmado, outras vezes suspenso, outras cançado de uma tão resistente vitalidade — a veia inexhaurivel e a fecundidade maravilhosa do lapis satyrico de Raphael Bordallo Pynheiro.

O conflicto dos representantes da imprensa com as auctoridades de Lisboa a proposito da organisação de um bando precatório em beneficio das victimas dos terremotos da Andaluzia parece haver determinado esta subita resolução do proprietario do *Antonio Maria*, que com as seguintes palavras termina as explicações dadas sobre tal assumpto:

Foi de balde que, n'uma reunião de jornalistas onde ia tratar-se da Caridade, que é muito, e da dignidade da corporação, que também é alguma cousa, da dignidade da corporação manchada, a meu vêr, pelos altos poderes do Estado, foi de balde que eu procurei jornalistas !

Mais ou menos, ninguém o era.

Um era official do exercito, primeiro do que tudo; outro era amanuense de secretaria, primeiro do que tudo; mais outro era deputado, primeiro do que tudo; e só eu — pobre de mim — não era nada d'aquillo para ser unicamente jornalista.

Eis, pois, a minha dolorosa situação :

Eu não pertença ao ajuntamento dos jornalistas por isso que estou sósinho e não ha ajuntamentos só de uma pessoa; eu não pertença ao grupo monarchico porque este mêm chama revolucionario; eu não pertença ao partido republicano porque este me alcunha de VENDIDO !

N'estes termos, não podendo ser nem politico, nem jornalista, vou fazer-me simplesmente operario — o que afinal de contas, talvez venha a ser mais alguma cousa . . .

Assim, considerando que este paiz pertence a sua majestade el-rei;

Considerando que a caridade é, praticamente, propriedade vitalicia de sua majestade a rainha, que a exerce, e, theoreticamente, da actriz Rosa Damasceno, que a descreve (vide pensamentos dos artistas do jornal «A Tragedia»);

Considerando que ambas essas cousas e tudo mais são igualmente propriedade do sr. Fontes;

Considerando que o partido progressista o que tem de mais limpo são os accôrdos com o partido regenerador;

Considerando que o partido republicano tem a sr.^a Angelina Vidal, e,

Considerando finalmente que os jornalistas não têm aquel-

la cousa que faz córar as donzellas da Baixa quando os namorados lhes pedem um beijo ás furtadelas;

Resolvi enterrar o *Antonio Maria*, sentindo-me muito vaidoso pelo vêr, em questão de dignidade, descer á cova de palmito e capella.

Não entrarei no exame dos factos, nem na analyse dos argumentos deduzidos com mais ou menos logica por Bordallo Pinheiro, para pôr fim ao seu periodico. Essa questão é, de resto, inteiramente secundaria.

O que é importante para a historia do jornalismo, para a historia da satyra e para a historia da arte portugueza n'este seculo, é que o *Antonio Maria* acabou. Os que não vêem n'este acontecimento senão uma tregua appetecida á successão de irreverencias que n'essa revista affligia e molestava periodicamente o dôce aconchego pacifico das nossas pobres vaidades, vêem pouco e vêem tão mesquinhamente nos factos do espirito, que do mais intimo do meu coração eu lhes dou toda a minha lástima, juntamente com os meus parabens por esta nova.

O *Antonio Maria* não é uma obra de philosophia, nem uma obra de educação, nem uma obra de misericordia. É uma obra de arte. Assim considerado, é absurdo perguntar se elle é justo, se é logico, se é fino, se é discreto. Ninguem tem direito a exigir d'elle senão uma cousa: que seja bem

desenhado. A esta exigencia, por mais severamente que a formu'em, corresponde elle da maneira mais victoriosa.

Bordallo Pinheiro é o mais extraordinario caricaturista que eu conheço. Gavarni é mais profundo, Busch é mais comico, Cham é mais espi-rituoso; alguns poderão ser mais subtis e mais amaveis; ninguem é tão desenhista como elle; ninguem como elle possui a arte do retrato, que é a prova suprema da exactidão da linha; ninguem como elle sabe surprehender e registrar de um traço toda a expressão que é susceptivel de assumir a figura humana. Dir-se-hia que é na propria alma do individuo que elle tem o segredo de embeber o bico do seu lapis para fazer o mais ligeiro *croquis*. Em vez das linhas do rôsto, da configuração dos olhos, da curva do nariz, do recorte da bôcca, do modelado da cabeça, parece que é da intima, da profunda expressão moral da pessoa que elle repentinamente se apodera e que reduz ao signal graphico por uma especie de transcendente e indefinivel algebrismo. Desde esse momento elle possui a physionomia do retratado tão completamente e tão discrecionalmente, como se a tivesse entre os dedos modelada em gutta percha, e desenha-a em series enormes de variantes, sob as mais diversas combinações de linhas que se possam imaginar, mantem-

do-a sempre parecida com o original, invariavelmente semelhante, constantemente viva; estira-a, acachapa-a, engorda-a, entisica-a, envelhece-a, remocha-a, escalva-a, encabelleira-a, torna-a bella, torna-a horrenda, fal-a rir, fal-a chorar, fal-a dar berros, dar soluços ou dar espirros, vibrar de valor ou tremer de medo, ter fome, ter frio ou ter somno, hesitar, reflectir, resolver-se, desistir, embasbacar ou arremetter. E através de todas essas transformações, por entre as mais extranhas, as mais oppostas, as mais contradictorias e mais phantasticas desarticulações da linha, o sujeitinho retratado é constantemente o mesmo, é sempre elle proprio, prodigiosamente sobrevivente de individualidade definitiva a todos os tratos de expressão contingente e transitoria.

É preciso conhecer pessoalmente o artista, ter vivido com elle, tel-o visto na rua e tel-o visto ao trabalho, na convivencia dos seus amigos e na camaradagem dos seus collaboradores, para se fazer uma idéa da sua natureza jornalistica, dos seus processos technicos e dos seus pontos de vista philosophicos.

Bordallo é o mais genuino e o mais puro typo de meridional que eu conheço. O retrato d'elle mais parecido, á parte os vicios locais determinados pela contaminação ambiente, é o que fez Daudet de *Numa Roumestan*. Forte, sanguineo, sensual, largos

hombros, tendencia para a obesidade como Courbet, André Gill, e Theophile Gautier, labio grosso e vermelho, cabelo crespo, e olhos negros, scintilantes e papudos. A feição mais característica d'esta mascara, prodigiosamente parecida na configuração anatomica com a de Goya e com a de Dautier, é a linha consideravelmente accentuada e longa do beijo superior. Champfleury, referindo-se ás analogias physionomicas achadas por elle entre a figura do artista hespanhol e a do artista francez, particularisa o desenvolvimento do beijo tão fortemente accusado nos retratos de Talleyrand, e o illustre critico acrescenta: «Será no labio superior, desenvolvido como o dos macacos, que reside a revelação physiologica do espirito satyrico? Os physionomistas nada dizem a este respeito. N'uma sciencia tão arbitraria, que não chega a ser sciencia, taes pormenores prestam-se a tantas controversias, que só adquirem importancia quando apoiados em analogias, e estas são notaveis nos dois mestres, cujo parentesco julgo ter entrevisto.» A figura de Bordallo confirma exactamente a observação feita pelo erudito historiador da *Caricatura Moderna*.

Nos retratos de Bordallo, principalmente n'aquelles em que elle figura sem bigode, o comprimento do beijo superior accusa-se com pronunciada evidencia, e cotejando um d'esses retratos com o me-

dalhão de Daumier, feito por Michel Pascal e com a gravura de Goya, feita por elle mesmo, a semelhança dos tres artistas é tão flagrante, que Boddallo e Daumier parecem dois filhos gêmeos do immortal iniciador da pintura satyrica do nosso tempo.

Ha poucas noites, ainda, no theatro de S. Carlos, enquanto uma cantora no proscenio concentrava em si todas as attensões da sala, eu me occupei, do fundo de uma frisa de bôcca, em examinar, ao oculo, as diversas expressões physionomicas do publico, pousando de frente e em meio corpo nas cadeiras da superior.

No meio d'essa grande exposição de caras, pela maior parte incarakteristicas e banaes, de lindos janotas bem anediados, correctos, insipidos, estreitos de tudo—, de hombros, de casaca e de testa—, entre rôstos suinos de antigos burocratas, fuinhas de papelada official, gallinaceos de parada militar, ou graves tocheiros decorativos de salão de embaixada, a accentuada figura d'elle, energicamente modelada, de uma solida carnação á Van Der Helst, coroada por uma espessa juba leonina, a cabeça alta, um vidro no ôlho, uma grande rosa na lapella, destacava de tudo mais com o contraste de um ser palpitante e vivo no meio de uma galeria de personagens de cêra.

Natureza de tenor, como diz Daudet — exuberante, expansiva, *toute en dehors*, prodigalizando-se ao publico, servindo-o, desinteressada e incondicionalmente, ao sabor de todos os seus desejos, de todas as suas paixões e de todos os seus erros, em todos os enthusiasmos, em todas as alegrias, em todas as tristezas, e em todas as coleras, vivendo por esse motivo sempre fora de si mesmo, distrahido, a todo o momento arrancado das meditações do gabinete pelos fremitos da rua, elle tem atravessado a existencia ruidosamente e ovantemente, no écho triumphal da sua eterna barcarola, entoada a todo o pulmão e lançada em largos gestos de tribuno vencedor ás brizas da fama.

Não é uma organização philosophica, é um apparelho puramente condensador ao qual corresponde no artista um instrumento portentosamente vibrante.

Colloquem esta natureza, ao mesmo tempo receptiva e sonora no seio de uma sociedade solidamente equilibrada, com uma forte vida civil, com uma logica systematisação de idéas geraes, com tradições, com principios e com fins claramente definidos, e a obra do individuo com taes dotes de temperamento e de espirito será como o *Punch* na Inglaterra, o órgão mais genuino da opinião, o écho mais fiel e mais expressivamente nacional das idéas e dos sentimentos do povo.

Em Portugal, onde a vida da nação ha tão pouco tempo ainda deixou de ser um monopolio dos frades e dos capitães-mores, do clero e da côrte, onde o regimen da discussão e o systema de liberdade se iniciam apenas como um apprendizado de iniciativas contradictorias, a opinião popular achase por constituir.

Bordallo Pinheiro teve de inventar arbitrariamente para seu uso a personagem symbolica de *Zé Povinho*, porque na iconographia nacional não existia a imagem synthetica correspondente á que exprime o cidadão *Jonathan*, nos Estados-Unidos, ou *John Bull*, na Grã-Bretanha. O typo imbecil e grotesco de *Bertholdinho* é tudo quanto tinhamos na tradição, como expressão pittoresca da alma popular.

Zé-Povinho é, na obra de Bordallo Pinheiro, uma especie de Polichinello da antiga comedia de tite-res, encarregado de arrecadar as sovas que Pierrot e Arlequim não cessam de lhe applicar; um pouco menos idiota que *Bertholdinho*, já com um principio de capacidade para ganhar a vida como official de officio, mas não sabendo, por emquanto, lêr nem escrever, nem tendo da existencia metaphysica do Estado mais do que uma noção extremamente rudimentar, nevoenta e confusa. Deixou de ser exclusivamente o que serve, é agora tambem o que paga; mas não é ainda o que pensa, o que dicide e o que

resolve, mais ou menos subsidiariamente, as questões relativas á marcha social. Já não é a massa inerte, passiva e amorpha. É um instrumento consideravelmente aperfeiçoado e ennobrecido na produção do trabalho, mas está ainda longe de ser um factor na equação especulativa, no problema intellectual do nosso tempo. Bordallo representa-o na sua obra tal como elle realmente é: ignorante, servil, ingenuo, bonacheirão, tomando o symbolo supremo da *albarda* como synthese collectiva de todos os phenomenos administrativos, mais ou menos baseados no imposto, e representados ao seu espirito como outras tantas arbitrariedades de que elle é victima, e nas quaes se resumem todas as suas relações com o poder, com a communidade, com o Estado, com o governo, com a policia civil, com a guarda municipal, com o recebedor de fazenda ou com o rei, porque para elle todos estes termos diversos são expressões synonymas da mesma entidade mysteriosa e omnipotente, que é a *albarda*.

Contra todas as várias fatalidades que a *albarda* symbolisa e resume, elle não conhece senão um meio de resistencia: *atirar com a albarda ao ar*. Esta metaphora profundamente vaga, a que elle nunca em sua vida conseguiu alliar o sentido de um unico facto preciso e claro, constitue a encyclope-

dia scientifica e litteraria de todas as suas idéas ácêrca dos direitos do homem e do cidadão.

Sempre que attribue idéas a *Zé-Povinho*, Bordallo cae na banalidade e na emphase rhetorica, declama, desdiz se, contradiz-se, e, cuidando exprimir fielmente a opinião do publico, elle não faz n'essas paginas, que são a parte fraca da sua obra, senão repetir timidamente o écho de um ou de outro club, em que a boa fé do tribuno e o ephemero enthusiasmo do auditorio nem sempre supprem a falta do convencimento philosophico, ou da commoção artistica.

Constantemente inspirado no mundo exterior, incitado pelo espirito da multidão em movimento, as influencias que determinam a actividade artistica de Bordallo Pinheiro podem dividir-se — se me é permitido esta classificação de physica n'uma questão de esthetica — em influencias acusticas e influencias opticas. Quando é pelo ouvido que elle recebe a suggestão, o seu espirito raramente discrimina a verdadeira nota predominante sobre a qual o seu instrumento tem de elaborar a synthese pittoresca da idéa e do facto. A impressão do ôlho é que não o atraiçôa nunca. A sua visão é de uma profundidade maravilhosa e de uma nitidez incomparavel.

D'aqui esta conclusão: o seu talento, como o de todas as naturezas profundamente impressionaveis

e genuinamente artisticas, é todo descriptivo, é essencialmente dramático, é extra-philosophico, é absolutamente alheio e independente das intenções, dos processos e dos fins da critica.

A sua função não é comparar factos, nem filiar idéas, nem deduzir theorias. A sua função é crear imagens e produzir emoções. Se a emoção communicada é profunda, porque a imagem é verdadeira, palpitante e viva, o artista é grande. Que importa o valor da these que elle se propoz, ou a circumstancia de se ter elle proposto ou não uma these? Quem é que, lendo ou ouvindo o *Hernani* ou o *Ruy-Blas*, se preoccupa com o intuito que teve o poeta de representar, como elle diz, n'estas duas peças (vidé prologo de *Ruy-Blas*) *o nascimento e o occaso do sol da casa d'Austria?*

O que interessa o publico na obra de arte é o modo como o artista a executou, não é o fim para que elle a resolveu fazer.

O grande criterio infallivel na obra de Bordallo Inheiro — e não precisa de outro — está para elle na receptividade e na retentiva prodigiosa da sua retina.

A enorme collecção dos seus retratos, constituindo já hoje a mais vasta galeria de que ha exemplo na historia da caricatura europêa, consta de successivos improvisos, feitos, na maxima parte, de me-

moria, sem borrão, sem apontamento prévio, no ardor do trabalho mais tumultuoso e mais apressado, durante a noite em claro, precedente ao dia da aparição de cada numero do *Antonio Maria*.

Esses retratos admiraveis, acima de toda a competencia com o que se faz em obras do mesmo genero em França, na Inglaterra, na Italia e em Hispanha, retratos muito mais vivos, muito mais parecidos com o original do que as proprias photographias das personagens que representam, desenhou-os elle de um só jacto na pedra lithographica ou no papel autographo, entre a meia noite e as cinco horas da madrugada, em pé á banca, sob a luz crua e mordente do gaz, sempre á ultima hora, febricitante de pressa, escorrendo suor, com a testa e o nariz manchado de preto pelas dedadas de crayon, fumando avidamente cigarretes, falando sempre, cantando, assobiando ou deitando complacientemente a lingua de fora ás figuras que, ora desenhava de cima para baixo principiando-lhes pela cabeça, ora desenhava debaixo para cima principiando lhes pelos pés, e que parecia sahirem feitas, em arabesco, do bico da sua penna para a superficie da pagina, assim como sae para a paleta o esguicho da tinta d'oleo, de um tubo apertado nos dedos.

A facilidade é indubitavelmente a primeira condição caracteristica do genio. Para comprehender

em que alto gráu Bordallo Pinheiro possui essa qualidade, é bom saber-se que Daumier, o caricaturista com quem elle tem mais pontos de semelhança, já para a galeria da camara dos pares em França, com um pouco de barro molhado na algibeira, e era em frente dos originaes que modelava pacientemente em ponto pequeno as cabeças dos deputados e dos ministros de Luiz Philippe, depois immortalizados por elle nos desenhos das primeiras series famosas da *Caricature* e do *Charivari*. Grandville fazia innumerous *croquis* de ensaio para cada uma das suas estampas, chegava a recortar á tesoura e a collar em novo papel as figuras feitas, para as ampliar e corrigir de novo, e era só depois da mais lenta e penosa elaboração que elle extrahia a imagem, a ferros, dos limbos da phantasia, para a fazer penetrar na realidade artistica, que Bordallo attinge directamente, de um primeiro e unico impulso, sem outro algum preparo, sem outro esforço além do da memoria do olho em que toda a imagem que elle viu uma vez parece fixar-se mechanicamente como n'um *cliché* mysterioso, o qual por meio do seu lapis elle transporta ao papel n'uma só mancha precisa, completa e definitiva.

As animadversões, os desdens e os odios, de que as classes conservadoras de Lisboa fizeram a mortalha em que desce á campa o *Antonio Maria*, pro-

cedem, em primeiro logar, de que essas classes não viram no *Antonio Maria* senão uma obra de rebellião contra os poderes constituídos, de irreverencia para com as personagens consagradas, de apoio aos partidos revolucionarios, e de propaganda de idéas subversivas; e procedem em segundo logar de que as alludidas classes, preponderantes na direcção e na mentalidade da sociedade portugueza, não têm do valor e da importancia nacional das obras de arte nem a mais leve e rudimentar noção.

N'este ponto os mais cultos, e polidos burguezes do Rocio e de S. Pedro de Alcantara não estão consideravelmente mais adeantados do que os nossos bons vizinhos suas excellencias os cafres.

Do lado de cá do estreito que nos liga com a civilisação africana, nossas excellencias os senhores conservadores acham-se ainda profunda e inabalavelmente convencidos de que as cousas estaveis, solidas, eternas, definitivas e venerandas para a historia, para o destino, para a gloria da patria, são unicamente aquellas cousas que elles mesmos se deram a incumbencia de conservar; a saber: as instituições publicas, as altas personagens officiaes, o dinheiro e as commodidades de cada um, e o cerimonial.

O cerimonial é o grande interesse colectivo e transcendente d'estes senhores.

Tudo mais poderá talvez ser até certo ponto contingente, circumstancial. O cerimonial é absoluto.

Tirem ou ponham mais uma vertebra ao adminiculo caudal da Carta constitucional da monarchia, e o conservador levará egualmente em gôsto tanto uma como outra d'essas duas cousas, comtanto que tudo se faça pacificamente, pelos seus justos cabe-daes, ao agrado do principe, de sua augusta esposa e mais familia, e que elle mesmo, conservador não pague nada para conservar na Carta essa nova cousa a mais ou a menos.

Emquanto ao respeito das personagens elle não será menos tolerante e latitudinario, permittindo que, entre o sr. Fontes e o sr. Braamcamp, se respeite ainda mais este do que aquelle, e vice-versa.

No tocante ás riquezas e aos commodos de cada um, o conservador não exaggerará tão pouco a inflexibilidade dos seus principios até o extremo de não acceitar com indulgencia qualquer ligeira modificação economica do *statu quo* ainda mesmo quando da superveniente trepidação dos capitaes resulte para elle augmento consideravel de bens de fortuna.

Mas ninguem lhe toque, pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, no cerimonial! Tudo, menos bulir-lhe no cerimonial!

Toda a esthetica d'estas tão numerosas quanto

illustres familias se baseia na etiqueta, toda a inspiração artistica dimana da cortezia, e a regra fundamental do genio é—como elles dizem—que o genio haja apprendido a *tomar chá e n pequeno*.

Embora elles proprios não tivessem bebido esse chá senão directamente do barril do avô, e por consequencia tão fraco quanto o ministra o chafariz do Carmo, isso não obsta—honra lhes seja!—a que elles prestem o devido tributo ao talento garantidamente sabido da chaleira dos outros.

Arte para tal gente não ha senão uma, que para o fim de jámais a confundirem com outra, elles mesmos baptisaram com o nome divinamente pa-lurdio de *arte de luva branca*.

Ha no reino todo uma ninhada de escriptores e de artistas d'essa luva, sustentados ao cibo da fama pelo applauso d'essas familias árbitras dos destinos do talento e sentenceadoras d'elle segundo os preceitos expressos do *codigo do bom tom* e da *civilidade* de João Felix.

Na arte poetica d'estes cavalheiros e damas ha apenas dois generos de producção artistica: o genero *fino* e o genero *ordinario*.

Consideram-se como puxando para o *fino* todos os alambicados, todos os choramigas, todos os piegas, todos os displicentes, todos os aguados, todos os espinhellas cahidas.

Como assumptos preferidos no genero, scenas mundanas da vida palerma, com mobílias do Gardé, *toilettes* da Cecilia Fernandes, chás do Ferrari, personagens de visconde para cima que não para baixo, e morbidez muita morbidez!

Não ha *fino* authenticico sem uma ponta de febre, ceroulas de flanela, cheiro de opoponax, olheiras, mãos suadas de fraqueza, e mau halito.

O genero *ordinario* define-se em duas palavras, e escusa a gente de tornar a falar n'isso: *Ordinario é tudo quanto é forte.*

Desde que a burguezia é burguezia, sempre e invariavelmente ella tem considerado a fôrça nas obras de arte como cousa indecente. Foi com esse fundamento que ella assobiou os dramas de Victor Hugo e que fez descompor pelos seus criticos de *lupa branca*, como naturezas malcreadas e como individuos de má companhia, immoraes e perigosos Balzac, Flaubert, Michelet, Proudhon, Zola, Jules Vallès, Rochefort, o allemão Henrique Heine, o hollandez Multatuli, o italiano Leopardi e o inglez Carlos Dickens, nas lettrrs; Berlioz e Wagner na musica; e na pintura Franz Hals, Miguel Angelo, Goya, Delacroix Courbet, Mœnet e todos os caricaturistas famosos do tempo da restauração, Daumier, Grandville, Johanot, Gavarni e esse pobre e honrado Philipon, que creou o Charivari, que achou

a celebre fórmula da pêra para o retrato de Luiz Filippe e que, por essa e outras culpas analogas, teve de responder a cincoenta e quatro processos de diffamação e de injuria dentro de um só anno.

A burguezia do tempo de Luiz Filippe passou, e a não serem os homens que então representavam o principio revolucionario que o governo perseguia, que a opinião condemnava, todos os demais—ministros, deputados, pares de França, Guardas Nacionaes e bombeiros—desappareceram da lembrança da geração que lhes succedeu.

De todo esse presumpçoso, triumphante e extinto mundo burguez, restam apenas hoje as caricaturas immortaes que se fizeram d'elle.

É preciso folhear as primeiras series dos jornaes illustrados d'esse tempo, da *Caricature*, e do *Charivari*, é preciso percorrer as diversas collecções de Gavarni, de Daumier, de Henry Monnier, de Pígal, de Grandville, o *Ventre legislativ*, as *Procições politicas*, as *Vieilles lorettes*, os *Martyres do sentime.to*, os *Idyllios parlamentares*, as *Actualidades*, os *Advogados*, os *Bons burguezes*, as *Scenas parlamentares* e tantos outros archivos da arte satyrica de 1830, para dar hoje uma idéa da verdadeira physionomia d'essa sociedade morta.

Toda a comedia humana d'esse tempo, as suas modas e as suas maneiras, as suas paixões e os

seus ridiculos, os seus grandes homens e as suas pequenas intrigas, os seus legisladores e os seus banqueiros, os seus *dandys* e os seus maltrapilhos, as suas *bas-bleus* e as suas cortezãs, os seus politicos e os seus philosophos, os seus artistas e os seus litteratos, os seus juizes e os seus criminosos, — tudo respira, palpita e se move com tão intensa vitalidade nas estampas de Gavarni, como nos romances de Balzac. Os bohemios de Pigal são tão característicos e tão alegres como os de Paulo de Kock. A grisette do desenhista Monnier viverá mais tempo que a do poeta Béranger. E da obra do grande Daumier diz Champfleury que prefere como fidelidade historica na pintura de uma época, os *quinze annos* de desenhos d'este caricaturista aos *dez annos* historiados na admiravel obra de Luiz Blanc.

Os typos adoptados pelos caricaturistas como personificação dos sentimentos e das idéas em voga são hoje muito mais celebres do que as personagens vivas da mesma época. Quem não conhece *Rebert Macaire*, *Bertrand*, o corcunda *Mayeux*, o philosopho *Thomaz Virelocque*, o sr. *José Prudhomme*? Quem não conhece o immortal *Pickwick* o eterno *Punch*?!

Alguns nomes de pessoas que então existiram, e cuja historia se esvaiu com ellas, devem unicamente á caricatura a immortalidade que hoje desfructam

Citarei, por exemplo, o nome do sr. Persil. *Persil* era o delegado do ministerio publico que durante o reinado de Luiz Filippe articulou as innumeraveis querellas contra os periodicos processados por abuso de liberdade de imprensa. Os caricaturistas não deram um dia de repouso ao comico extrahido da expressão da sua physionomia, que ficou na arte como as mascaras classicas de Esopo ou Menippo. Emquanto viveu Persil, a sua figura não cessou nunca de perpassar ao pé ou ao longe através do *Charivari*. Diz-se que os papagaios morrem se comem salsa; d'ahi este monumental e pavoroso trocadilho, com que a celebre folha satirica pôz ponto na perseguição do incançavel delegado por occasião do seu fallecimento: — Mr. Persil est mort d'avoir mangé du perroquet.

Referindo-se ao riso que excitam os desenhos de Monnier, Balzac escrevia: «Fazer rir quem paga mil e quinhentos milhões de imposto! Se o sr. de Argout entendesse da arte, elle mandaria dar uma pensão a Henry Monnier.»

Conhecem vossas excellencias o sr. de Argout?... Ouviram vossas excellencias alguma vez falar no sr. de Argout?... Pois bem o sr. de Argout foi um grande homem de Estado, fallecido no tempo dos Pharaós, isto é, ha cêrca de quinze annos. Elle fez parte de vários ministerios, e exerceu

altos cargos do Estado no tempo da Restauração, durante a monarchia de julho, e durante o segundo imperio. No entanto, se consultardes um dictionario biographico — pegae no Larousse — vêl-o-heis assignalado á attenção da posteridade não pelo notavel papel que representou nas regiões officiaes, mas pelo nariz que teve, e em virtude do qual a caricatura o immortalizou. *Argout é sagrado* — diziam os jornaes satiricos. O seu nariz põe-o a elle juntamente com a sua familia ao abrigo e á sombra de todos os ataques. E, applicando-lhe com reverencia um verseto do *Cantico dos Canticos*: — *O teu nariz, ó Argout, é como a torre do Libano da qual se avista Damasco.*

Cuidam as altas personagens do constitucionalismo portuguez que as justicas da historia os reservam para viver muito mais tempo que os seus confrades francezes dos reinados de Luiz Filippe e de Carlos X, na lembrança, e no reconhecimento dos povos?... Oh! como se enganam os que tal presumem.

Trinta annos mais para alguns, trinta mezes para outros, trinta dias para o resto, e a herva do esquecimento terá coberto de dôce verdura e de infavel silencio todo o barulho e todo o movimento que n'este instante rodeia as instituições, nos conselhos de ministros, nos conselhos de Estado, nos ga-

binetes das commissões de deputados, e nas duas casas do parlamento.

Entretanto o *Antonio Maria* dilatar-se-ha no tempo como já se dilatou no espaço.

Emquanto toda a nossa eloquencia parlamentar não consegue sem esforço penetrar das chamadas abobadas de S. Bento até os confins das nossas provincias, esse pequeno jornal de simples desenhos é já hoje conhecido, em todo o mundo civilisado. Levaram-o consigo nas suas malas, como lembrança inolvidavel d'este paiz, todas as personagens celebres que durante os ultimos seis annos passaram por Lisboa: principes, diplomatas, actores e atrizes, cantores e cantoras, todos os membros do congresso anthropologico e do congresso litterario, todos os jornalistas, todos os escriptores, todos os sabios, todos os acrobatas, todos os *clowns*, que n'esse espaço de tempo vieram a Portugal.

Onde ninguem sabe o nome do sr. Fontes, nem do sr. Braamcamp, nem do sr. José Dias Ferreira, no *foyer* da Opera em Pariz, no *foyer* da Comedie Francaise, no *foyer* do Palais Royal, em Covent Garden em Londres, na Scala de Milão, em Florença e em Roma, em S. Petersburgo, em Stockolmo, em Vienna, em Amsterdam, em Bruxellas, em New-York, na Havana, o *Antonio Maria* tem sido visto e folheado entre sorrisos e applausos

pelos primeiros artistas de theatro de todo o mundo.

Não ha côrte onde alguma vez, ou fôsse levado por um principe, ou fôsse levado por um embaixador, elle não entrasse, o não vissem, e não procurassem solettrar o seu nome.

Em todas as academias e em todas as bibliothecas da Europa ha mais ou menos completa noticia de que elle existe.

Em pequenas e obscuras tabernas inglezas, onde nunca penetrou outra qualquer palavra da nossa lingua, encontra se affixado na parede o titulo do *Antonio Maria*, ou o do *Album das Glorias* sobreposto á caricatura do principe de Galles ou da rainha da Inglaterra.

Ao passo que o sr. Bowles, do *Vanity Fair*, me escrevia de Londres, pedindo me as caricaturas da familia real portugueza, feitas por Bordallo, para o famoso jornal inglez, o sr. Virchow, na primeira pagina de uma memoria apresentada á sociedade de Anthropologia de Berlim, exprimia-se nos seguintes termos, litteralmente traduzidos do original allemão:

As pessoas que não conhecem os membros do congresso, recommendo os n.^{os} do «Antonio Maria», espirituosa folha litteraria, a qual, em caricaturas de um exito fora do commum, relata as

circumstancias e os pormenores do congresso com uma liberdade de exame de que nós outros, apesar do successivo desenvolvimento da nossa imprensa, não temos por enquanto exemplo algum.

No tempo da referencia do sr. Virchow, eu era o redactor litterario do *Antonio Maria*. Isso naturalmente me impede de insistir n'este ponto. Registraré apenas, como facto expressivo da influencia internacional do espirito da nossa raça, que esse modesto periodico, considerado pelas classes dirigentes de Lisboa quasi como um ultrage á dignidade publica, deu occasião e serviu de motivo para que uma vez, pelo menos, Portugal pela bôcca de um dos primeiros sabios, dos primeiros parlamentares e dos primeiros politicos da Europa moderna, fôsse dado como exemplo ao paiz mais culto e mais instruido do mundo.

Eu acabo de empregar uma hora folheando as colleções dos primeiros annos do *Antonio Maria*, e recommendo vivamente este exame a quantos quizerem fazer uma idéa da expressão definitiva que esta publicação assumirá aos olhos da posteridade.

Com datas recentissimas, muitas d'essas paginas parecem o registo de factos consideravelmente remotos, tão longe os successivos e diversos estados

do nosso espirito afastam as nossas primeiras das nossas segundas impressões com relação ao caracter do mesmo facto!

Alguns dos individuos mais frequentemente retratados e postos em scena pelo *Antonio Maria*, são hoje mortos. Citarei, por exemplo, Antonio Rodrigues Sampaio, o bispo de Vizeu, o duque d'Avila. De todos elles ha photographias, retratos a oleo e bustos em marmore. Mas é unicamente nas caricaturas d'este jornal que a gente tem a sensação de tornar a vê-los. É uma verdadeira sobrevivencia da personalidade nos seus aspectos mais peculiares, mais descerimoniosos, mais intimos, mais reaes. A enorme variedade das attitudes, dos movimentos, dos gestos, das expressões physionomicas, dá á mesma figura, que perpassa de pagina em pagina, toda uma vida propria. É a resurreição integral da realidade da existencia na realidade da arte. Não é o retrato frio, immovel, solemne, em chapa; é o individuo em movimento, dia a dia, com toda a sua diversidade de *toilettes* habituaes, de geitos familiares, de modas, de maneiras, de expressões, o qual nós vamos vendo successivamente na estampa, como o vimos na vida: em pé, sentado, parado ou a andar, n'um largo movimento de discurso ou n'um gesto explicativo de conversação, de perfil, de tres quartos, de frente, sorrindo-nos, com a mão exten-

dida ou com os braços abertos, apeando-se de uma carruagem, falando com dois sujeitos á porta de uma loja, abrindo um chapéo de chuva ao sahir de uma casa, ou desaparecendo visto de costas á esquina de uma rua.

As figuras que, emquanto vivos os originaes, nós olhamos com riso ou com desdem, não se vêem agora sem uma terna commoção, sem uma penetrante saudade. Toda a intenção de grotesco desapareceu. O comico tomou o character amavel de uma dôce intimidade familiar, a que o tempo e a morte deram não sei que extranha expressão não só de sympathia mas de respeito.

Como entre as prerogativas da corôa portugueza não entra—creio eu—o privilegio da eternidade para os principes e para as princezas, os nossos netos terão de vêr no *Antonio Maria*, quando suas majestades já não existirem, as caricaturas do rei sr. D. Luiz e da rainha sr.^a D. Maria Pia. A impressão será ainda mais tocante e mais profunda do que aquella que hoje produzem em nós as caricaturas de Sampaio, do duque d'Avila, do bispo de Vizeu ou de Saraiva de Carvalho, porque então serão decorridos annos sobre os factos de que só agora nos separam dias.

Estes desenhos satiricos, immortalizando as physionomias d'essas personagens, dar-lhes-hão na his-

toria esse invejavel logar, tão especial, que n'ella tem Luiz Filippe, graças á caricatura franceza, com o mesmo character legendario de familiaridade e de bonhomia.

Aos olhos dos vindouros sua majestade el-rei será mil vezes mais veneravel visto nas paginas do *Antonio Maria*, sob as troças mais descommunes de Bordallo Pinheiro, do que presupposto pelas imaginações futuras no alto do seu throno, em lausperenne da côrte ás mesuras, na razão de um penacho por cada cabeça e de uma grã-cruz per cada peito.

E quanto mais petulante, quanto mais atrevido, quanto mais grosseiro haja sido o caricaturista,— comtanto que na sua obra se mantenha a dignidade da perfeição artistica— tanto mais superior, tanto mais amavel, tanto mais querido nos parecerá o caricaturado.

Nunca a posteridade em sua inquebrantavel e inilludivel justiça deixou jámais de descontar em amor com juros de cento por um aquillo que a cada qual foi roubado em respeito pelas paixões dos contemporaneos.

Um unico facto, entre mil, para pôr em evidencia esta consoladora verdade:

A figura elegiaca de Maria Antoinette, que a critica historica tem successivamente revisado até a

reduzir ás proporções de uma natureza perfeitamente vulgar, persiste não obstante pela fôrça da sua lenda sentimental em pleno dominio das adhesões e das sympathias populares, na imaginação romanesca de todos os povos. Quem foi que lhe levantou esse prodigioso pedestal de poesia, tão duradouro que quasi parece indestructivel? Foi o affecto dos subditos? foi o amor dos cortezãos? foi o respeito dos pagens? foram os madrigaes dos poetas? foram os libellos dos jurisconsultos? foram as narrações dos chronistas? Não. Foi unica e exclusivamente um leve, um fugitivo, um ephemero demandando do odio popular. O que tornou para sempre reverenciada essa princeza foi a irreverencia do seu povo. Quem salvou Maria Antoinette da severidade da historia para a entregar sobre um throno de lagrimas á apotheose da lenda, ao poetico esplendor do ideal, foi o sapateiro Simão.

Conta Plinio na sua *Arte de modelar* que o pintor Clesides se tornara conhecido por um quadro injurioso para a rainha Stratonice. Como esta princeza se não dignasse de receber condignamente o artista, elle representou-a em painel rolando-se no chão com um pescador, que passava por ser seu amante. Deixando exposto o seu quadro no porto de Epheso, o artista fez-se ao mar, e fugiu de vento em pôpa. A rainha, porém — acrescenta Plinio

— não consentiu que o quadro se escondesse nem que o auctor se perseguisse por causa da semelhança extrema que tinham os retratos.

A opinião burgueza de Lisboa acha-se a meu vêr, assaz longe de ter pelas immunidades da arte no seculo XIX o respeito vigente entre as princezas da Macedonia tresentos annos antes da vinda de Jesus Christo.

E o respeito das idéas, o prestigio dos principios? — me perguntarão talvez.

Pelo amor de Deus! os principios e as idéas nada têm com o modo como os caricaturistas representam as figuras dos individuos. Entre os *graffiti* recentemente encontrados em um jardim de Roma, perto do monte Palatino, pelo reverendo padre Garucci, acha-se devidamente estudada e perfeitamente apurada como authentica, uma caricatura de Jesus Christo crucificado, com cabeça de burro. Desde que os eruditos estudos relativos a este *graffito* attribuido aos primeiros tempos do christianismo, foram feitos e publicados em Roma, por um veneravel e sabio jesuita, espero que nenhuma intenção de impiedade se me attribua pela referencia d'este facto. O padre Garucci demonstra, com textos de Minucio Felix e de Tertuliano, que o motivo grotesco, de que essa caricatura nos offerece um exemplo, era vulgar entre os pagãos nos primeiros secu-

los da Egreja. Isso, porém, não obstou como não obstou Herodes, nem Tiberio, nem os scribas, nem os phariseus, a que o christianismo, sahido de uma choupana da Galiléa, descesse do monte Thabor, invadissem o mundo, e dominassem a humanidade. O que prova mais uma vez que no destino dos principios e das idéas a caricatura é, pelo menos, tão impotente como a intolerancia das academias, como a chicana dos rábulas, e como a fôrça bruta dos governos.

Não concluirei este estudo sem algumas palavras ácêrca da parte que eu tive por algum tempo na redacção do *Antonio Maria*. Não é historia litteraria, é a simples historia anecdotica d'esse factó que farei em resumo, não pelo obscuro papel que n'ella tam a minha personalidade, mas pela moral que d'ella se deduz para licção de escriptores.

Á semelhança de Daumier, que nunca pôde escrever uma linha de commentario aos seus desenhos, Bordallo Pinheiro tem andado sempre associado a um escriptor incumbido da parte litteraria da sua obra.

O seu primeiro collaborador na *Lanterna Magica*, no *Album das Glorias*, no *Antonio Maria*, foi Guilherme de Azevedo, e não seria facil encontrar duas naturezas que mais perfeitamente do que essas duas se adaptassem, não justapondo-se, mas

completando-se uma pela outra, como no apologo do cego e do paralytico.

Guilherme de Azevedo, fraco, valetudinario, côxo, era um incluso, um reservado, um timido. Se a obscuridade tomasse uma figura, esse figura seria a d'elle. Atravessava constantemente a multidão sem dar na vista e sem fazer barulho, como se andasse no escuro em bicos de pés sobre um tapete espesso. Na imprensa como nas ruas de Lisboa, era sempre um anonymo. Nunca provocou as attentões, nunca chamou a curiosidade, nunca desafiou a inveja. Falava baixinho, quasi ao ouvido, aos seus intimos, e a sua grande veia comica, mordente, encoberta por uma eterna mascara de *nem lá vou nem sou preciso*, nunca teria consentido em se desembuçar e em mostrar o rôsto á galeria, se Bordallo se não encarregasse de o levar pelo braço á publicidade assim como um *pierrrot* leva ao baile uma noviça fugida do convento e disfarçada n'um *dominó*. Em plena festa elle suggeria as malicias proprias para se acabar o mundo; Bordallo embocava a trombeta do juizo final e buzinava a troça do exterminio.

Um era a explosão, o outro era o rastilho: Bordallo a bomba, Guilherme a vela mistica.

Em fins de setembro de 1880, tendo Guilherme de Azevedo de partir para Pariz em commissão da

Gazeta de Noticias, procuraram-me os redactores do *Antonio Maria*, para que eu me encarregasse da collaboração litteraria do jornal durante a ausencia em França do seu redactor ordinario. Dei algumas razões de escusa, e lembrei nomes dos que poderiam mais vantajosamente do que eu desempenhar esse encargo. Creio que algumas tentativas se fizeram no sentido que indiquei, até que Guilherme de Azevedo me procurou de novo, communicando-me em seu nome e no de Bordallo que o *Antonio Maria* terminaria se eu recusasse redigil-o. O facto de desaparecer esta revista figurou-se-me representar para a arte uma perda de que nenhum escriptor poderia tomar a responsabilidade, e acceitei sem mais discussão a incumbencia que me adjudicavam.

O jornal sahia á quinta-feira, e fazia-se na terça depois de uma entrevista dos dois redactores, Bordallo e eu, para o fim de accordar no espirito do texto e das estampas.

Aqui principiava a manifestar-se a inopportuni-
dade da escolha feita para substituir Guilherme de Azevedo.

Elle apesar de debil era um errante e um noctivago. Palmilhava Lisboa inteira umas poucas de vezes por dia e percorria todos os cafés e todos os theatros umas poucas de vezes por noite. Bordallo acompanhava-o com frequencia n'estas intermina-

veis excursões nocturnas e diurnas através da materia observavel. Guilherme trabalhava de cor, como quasi todos os poetas, fazia o artigo passeando em tórno do assumpto, e o texto e a estampa de cada numero do jornal nasciam assim conjuntamente de uma suggestão simultanea, sob uma inspiração commum, entre o escriptor e o desenhista.

Eu, apesar de robusto, sou um emparedado, um solitario, um bicho de toca. Bem sei que não é essa a reputação que têm tido a bondade de me fazer os meus criticos e os meus biographos, mas a verdade é que eu estou infinitamente abaixo da minha reputação! O homem *espectaculoso* que escreve estas linhas vae ao theatro, em termo médio, seis vezes por anno; não vae ao Gremio nem frequenta os cafés; nunca em sua vida teve em Lisboa uma d'essas festas de mocidade a que chamam genericamente uma *ceia de rapazes*; e ha muitos annos que elle circumscreveu todos os prazeres da sua existencia habitual nas convivencias da amizade e no gôso modesto de ennegrecer algumas tiras de papel, encerrado no seu quarto, entre os seus livros, com um canario á janella e alguns vasos de flôres no telhado subjacente.

Postas estas condições é facil imaginar as surpresas de ponto de vista que nos esperavam, tanto a mim como a Bordallo, por occasião das nossas

conferencias das terças-feiras, unico dia em que nos viamos em cada semana.

Sobre cada um dos factos occorridos durante os oito dias precedentes, elle tinha a opinião do publico, que se lhe communicara pelo contagio da multidão, eu tinha unicamente a minha, sempre differente e muitas vezes opposta á da massa.

De sorte que a todo o momento olhavamos arregalados um para o outro, attonitos d'esses contrastes de espirito que assignalam a psychologia de dois individuos, que se encontram de madrugada, no momento em que um entra e em que o outro sae de casa, este de bata e chinelas, aquelle de casaca e gravata de baile, uma barba crescida da vespera e uma barba fresca do dia, um estomago cheio digerindo a salada da ceia e um estomago vazio gritando pela *omelette* do seu almôço, uns olhos deslumbrados das scintillações do lustre e uns olhos ávidos das claridades da rua.

Como tudo varia nos aspectos sempre illusorios d'este pobre mundo quando são estes olhos ou quando são aquelles que o vêem!

Assim a obra de Bordallo Pinheiro e a minha nunca se fundiram de todo uma na outra. Os desenhos d'elle e a minha prosa são duas cousas parallelas, não duas cousas harmonicamente reunidas, formando um só todo. E, não obstante, para che-

garmos a este imperfeito resultado, tínhamos ainda que fazer entre nós frequentes concessões reciprocas, o que nos diminuia a ambos, porque todo o artista decae sempre que cede da inteireza da sua personalidade em beneficio da opinião dos outros.

Ao cabo de cêrca de anno e meio de uma camaradagem, jornalisticamente pouco harmonica mas inalteravelmente affectuosa e cordial, perdida emfim pela deploravel morte de Guilherme de Azevedo toda a esperança de que elle voltasse a reassumir no *Antonio Maria* o logár em que eu o substituirei, e reconhecendo, além d'isso, que os meus processos de analyse e de escripta e os meus pontos de vista, na politica, na arte e na critica dos costumes, eram antipathicos á maioria dos amigos de Bordallo, despopularisando a sua folha por não sei que repugnante posto que mysterioso fedor de aristocracia attribuido á minha prosa pelos clubs democraticos, insisti mais uma vez pela minha exoneração, e obtive-a — posso-o dizer sem modestia — com satisfação geral do publico.

A cousa verdadeiramente interessante e curiosissima, na historia d'estes factos destinados ao esquecimento, é a parte que n'ella tiveram não os amigos do *Antonio Maria*, mas os meus.

Á minha collaboração n'este jornal satirico correspondeu um geral e tocante arrefecimento de cor-

dialidade em todas as pessoas com quem eu mantinha mais ou menos affectuosas relações sociaes.

Os sorrisos que por um resto de *contenance* me eram ainda conferidos, quando não escorriam fel escorriam gêlo: e o esforço empregado por alguns dos meus amigos, para amenisar aos meus olhos a expressão instinctiva de seu desgosto, era tão intensa, que chegava a tornar-se compungente.

Alguns mais intimos e mais obsequiosos traziam-me o écho dos commentarios feitos ao meu procedimento litterario pelas pessoas que me conheciam.

— Todos lastimam sinceramente que v. tivesse entrado n'essa *folha de descomposturas*...

E, como se a catastrophe fôsse definitivamente irremediavel:

— Foi o diabo! foi o diabo! — accrescentavam consternados.

Effectivamente, desde esse dia, a minha casaca estava, para os effeitos da communicação com os meus semelhantes, contaminada de lepra demagogica, e eu achava-me precisamente tão desacreditado nas salas como o estava nos clubs!

Tudo isto porque?

Eu não tenho tempo na minha vida nem tenho logar no meu coração para guardar resentimento a ninguem. A pequena porção de antipathia de que a minha natureza pode dispôr, preciso de a capita-

lisar para o que me scandalisa como escriptor e como artista; não tenho trocos de odio em miudos para andar a distribuir na vida á direita e á esquerda por conta das minhas questões pessoaes. Pergunto o pois, sem amargura, mas com legitima curiosidade: Porque, ó justos céos?

Julgarão estes senhores e estas senhoras que foi Bordallo Pinheiro quem inventou a caricatura, e que fui eu que creei o monstro amamentando-o no *Antonio Maria*? Mas, meus ricos senhores e minhas candidas senhoras, a caricatura é tão velha como as artes do desenho.

Lepsius, o conde Caylus, Wieland, o sr. Lenormant, o sr. Champfleury demonstraram nos seus estudos sobre este assumpto que a arte grotesca existia já na mais remota antiguidade, no Egypto e na propria Grecia, mãe da esculptura classica. Além dos textos de Aristoteles e de Plinio, o moderno exame dos documentos de Herculanium e de Pompeia poz em evidencia o importante papel que teve a caricatura na Roma dos Cesares.

O auctor de uma monographia sobre a caricatura antiga publicada ha annos na *London and Westminster Review* lamentava que entre os documentos extrahidos das excavações de Herculanium se não houvesse encontrado uma boa caricatura contra Cicero, contra Cesar ou contra Marco Antonio; e

acrescentava: «Ahi aprenderia nos como e porque n'esse tempo se zombava d'essas grandes personagens, e assim nos seria dada a verdadeira commoção contemporanea collocando-nos no mesmo nivel dos interesses, das loucuras e das paixões d'esse tempo, porque a historia tal como ella ordinariamente se escreve — conclue o critico inglez — é uma cousa morta que só revive pela intensidade que as paixões lhe communicam na caricatura.

«A caricatura — diz Champfleury — é o negro do branco, é a noite do dia, é o não do sim. Grande fraqueza a intolerancia para com a negação! A contradicção é necessaria como o contrapêso da vaidade humana. Algumas pessoas, escondendo a sua timidez de espirito debaixo de vagas aspirações de ideal, irritam-se contra as realidades da satira. Vêem no riso moderno um ataque a tudo o que é nobre, como se os antigos houvessem escapado a essas contradicções! Cicero dizia que o proprio Homero tinha amesquinhado os deuses, e a proposito do *Amphitryon* Plauto foi vivamente aggreddido por haver compromettido a majestade divina n'uma acção comica de scenas grotescas e corriqueiras... Entre os monumentos preciosos do museu Campana, nota-se um duplo busto em que duas cabeças justapostas, esculpidas no mesmo marmore, representam as mascaras de Sophocles e de Aristopha-

nes. Por meio d'este symbolo os antigos nos mostraram a sua admiração pelo genio grave e pelo genio satirico. Honremos os nossos Sophocles, mas não queiramos por tal motivo amordaçar os nossos Aristophanes.»

Dir-me-hão que Bordallo Pinheiro não é propriamente Aristophanes, e estarei de accôrdo n'esse ponto. Mas temos nós, por outro lado, a certeza completa de que o sr. Fontes seja indubitavelmente Pericles? que o sr. Thomaz Ribeiro seja Homero? que o sr. Manuel d'Assumpção seja Demosthenes? o sr. Fernando Caldeira Eschylo? e o sr. Melicio Xenophonte?! Salvo todo o profundo respeito devido a estes varões illustres, devo dizer que não é esse inteiramente o effeito esthetico que elles me produzem.

Reduzido tudo ás modestas dimensões do nosso meio social, concordemos em que somos todos proporcionalmente grandes, e fiquemos n'isso, rendendo graças aos deuses, que, se ainda nos não fizeram mercê de um Plutarco que nos mereça, nos deram já no *Antonio Maria* a columna Vendôme ou columna de Trajano da realeza parlamentar do nosso paiz.

Relativamente ao impudor com que eu consenti por alguns mezes em deixar cancanear a musa da

minha prosa no *bastringue* de Bordallo Pinheiro, ousou apenas observar que o primeiro dos collaboradores de Daumier, durante o primeiro anno da *Caricature*, foi um tal *polisson* que em tempo deu no mundo das letras pelo nome de Honoré de Balzac. Os mais ousados, os mais picarescos, os mais terribes golpes de penna que levou em França a monarchia de julho e a soberania burgueza, deu-lh'os no texto de um pequeno jornal satirico o immortal auctor da *Comedia Humana*.

Para cohonestar algum tanto o meu direito, aliás indiscutivel, a ser mais sacrosanto do que Balzac eu peço pelo menos aos meus amigos que me dêem licença para escrever préviamente a *Cousine Bette* ou o *Père Goriot*.

Eis ahi está em breve resumo a historia dos meios simplissimos efficaamente empregados, para o fim de se malquistar com todo o mundo, por um velho escriptor, que manejando ha vinte e tantos annos uma penna obscura mas diligente, e havendo lançado aos ventos do esquecimento em jornaes e em livros a materia de muitos volumes de prosa, nunca todavia escreveu uma linha em que não procurasse exprimir o respeito pela dignidade da forma artistica, unico culto externo que um escriptor d'arte é obrigado a prestar á sociedade, á patria, ao governo, á religião e á moral!

Meditae por um momento a minha historia, ó vós mancebos!

Se amaes a amena cavaqueira das familias e bem assim as correlativas cavacas no convivio social, se os *Lanceiros* fervorosamente tangidos por Macario sobre os madeiros sonoros de Herard vos sacodem vivamente de mais as pernas á phantasia, se entre-vêdes paraísos ideaes, tentações de gôso ignoto no *en avant quatre* avançado nos lustrosos *parquets* pelos não menos envernizados joanetes das consagradas sumidades officiaes, na palpitação perfumada dos leques de renda, no duetto em pontifical das duas jovens e louras vestaes votadas ao methodo Carpentier, nas trufas ao Champagne mastigadas ao buffete da condessa de X, no Bourgoigne, legitimo de Collares, bebido nas ceias volantes da marquezia de Y, ou nos sorvetes de marasquino derretidos nos pires da viscondessa de Z,— se tudo isso vos fala á imaginação escandecida e aos sentidos desvairados com o fragor intimativo das trombetas de Josué em tórno dos muros de Jerichó, então, mancebos, nunca vos torneis satiricos!

Sêde satyros apenas, se o puderdes ser com a hypocrisia devida á morigeração das apparencias.

Satiricos nunca! As classes médias não vol-o levarão a bem; as classes baixas levarvol-o-hão a mal; e as classes superiores levarvos-hão para

a cadeia, se puderem, por tão reprehensivel abuso!

Pelo caminho da satira ou da critica dos costumes a unica posição social a que se vos permite aspirar, ao cabo de toda uma existencia de estudo e de trabalho, será a de decano dos *rejeitados*, de presidente honorario e vitalicio dos *excluidos*!

A solidão é triste—já S. Paulo antes de mim vol-o deu a entender. Cumpre-me porém dizer-vos, como experimentado, que ella offerece compensações.

A solidão colloca-nos ao abrigo da banalidade triumphal e do mau gôsto victorioso, dois grandes supplicios para a sensibilidade dos artistas; ella mantem em nós a actividade do espirito, os habitos recolhidos e encantadores do trabalho, o amor racionado dos quadros, das flôres, dos bibelots, dos mais subtis e delicados motivos de graça e de aconchego interior, e a resolução saudavel das longas viagens em que a alma tão dôcemente se retempera e remoça na fecunda alegria da liberdade.

Escolhei pois, filhos! E, como quer que escolhaes, para não terdes amargas desillusões e penosos arrependimentos, lembrae vos sempre da sábia licção que nos deixou o grande mestre Chamfort:

«A melhor philosophia, relativamente á socieda-

de, consiste em alliar para com ella os arcamo da alegria com a indulgencia do desprêzo.»

Sêde indulgentes, ó jovens, e sêde alegres!

Abril 1882.

XIV

No theatro de D. Maria, primeira representação do drama *Os sabichões*, em quatro actos, por Ernesto Biester.

O objecto d'esta peça, o assumpto que ella toma da sociedade para o resolver na scena é tão peregrinamente inesperado, tão retumbantemente original, que não podemos deixar de lhe consagrar algumas linhas de contemplação e de analyse.

Uma senhora, casada em Bragança com um marido velho de quem não gosta, namora-se do secretario do governo civil do districto, individuo novo e solteiro. O velho marido morre, a viuva é livre, o secretario do governo civil tambem é livre, ambos são de maior idade, ambos catholicos apostolicos

romanos, ambos vaccinados, ambos livres do recrutamento, ambos com folha corrida, ambos gostando immenso um do outro.

Eis a situação... situação terrivel arrancada com mão firme e corajosa das entranhas corruptas de uma sociedade desorganizada! O olho perspicaz e profundo de Biester descobriu, por entre os rasgões investigadores do seu escalpello implacavel, este cancro pavoroso! Patenteando esse caso, descarnado, na arte, aos olhos pávidos das multidões, o auctor aclara uma infinidade de phenomenos sociaes e physiologicos do mundo moderno, e explica muitos outros com esse simples traço vivo, palpitante, luminoso, das existencias contemporaneas — a saber:

Dado um districto administrativo com um secretario geral namorado de uma viuva, a mesma viuva namorada do mencionado secretario geral do dicto districto!

Oh! a situação é boa, é grande, é profundamente commovedora e dramatica! Não se está vendo que ella abraça o immenso espaço do mundo moral, do mundo psychologico, do mundo politico e do mundo physico, em que se debatem os mais interessantes problemas que actualmente agitam os espiritos, os temperamentos, as curiosidades scientifi-

cas, as ambições devoradoras e as paixões secretas e insaciáveis?!... É ao mesmo tempo o amor, e a descentralisação districtal; é a paixão, é a reforma administrativa, é o functionalismo, é a viuvez, e é Bragança! Que tela! que quadro! que agrupamentos! que fundos! que perspectivas!

Todavia, no theatro, possuir unicamente uma situação, compenetrar-se d'ella, comprehendel-a inteiramente, e dominal-a, não basta. É preciso ter ainda um segundo trabalho, mais grave, mais delicado, mais scientifico e mais profundo: decidir e desenlaçar a situação proposta.

O problema está dado. Temos a viuva namorada do secretario do governo civil, e temos o secretario do governo civil namorado da viuva. Ahi está patente, claro, indiscutivel, fatal e tremendo esse extraordinario caso, esse arrojadissimo encontro — em dado ponto do tempo e do espaço — de dois entes, elle e ella, cuja approximação dará necessariamente em resultado o choque dos elementos heterogeneos que um e outro representam. Elle, por seu lado, homem, solteiro, secretario do governo civil! Ella, á sua parte, em primeiro logar, mulher! e, ainda por cima, viuva! Que contrastes, ó meu Deus! que assombrosos e horriveis contrastes vós algumas vezes permitis que se dêem no embate das vossas

creaturas! E todavia como tudo isto é verdadeiro! Como em tudo isto se sente o profundo character humano, a vida! Este, homem e solteiro; aquella, mulher e viuva. Elle porém é secretario do governo civil, sel-o-ha ella tambem, pelo menos? Não. Elle só é que é secretario do governo civil. Ella, a mísera, não o é!

Notem agora mais: todas estas cousas succedem — onde? Em Bragança!

Toda a gente, sem excepção alguma, todos os que conhecem Bragança, como se a tivessem trazido pendurada ao pescoço desde o primeiro dos seus dias, bem como todos os que ignoram quanto ha de mysterioso na secreta verdade da posição geographica de Bragança, seriam de opinião que o modo de desenlaçar esta situação dramatica, que no theatro nos apparece por espaço de quatro actos, seria, naturalmente, que o secretario geral e a viuva se casassem...

Pois bem: Biester, por um d'esses arrôjos da imaginação a que só o genio se aventura, foi exactamente da opinião de todo o mundo: casou o secretario e a viuva.

Todos diziam que visto o estado em que estavam as cousas não poderia evidentemente succeder senão isso. Biester deixou-os dizer; elle, o audaz, não tremeu, levantou-se pelo contrario arrebatadamente

deante do seu seculo e da sua sociedade, e disse— o mesmo que diziam a sua sociedade e o seu seculo!

Logo no principio do primeiro acto, apenas o temivel problema, que constitue o pensamento da peça, se enuncia, comprehende-se que o amor das duas personagens, visto que não ha absolutamente obstaculo nenhum que o impeça, deve terminar pelo casamento; o resto do primeiro acto, o segundo acto, todo, o terceiro acto desde o principio até o fim, e o quarto acto desde o comêço até o desenlace final, confirmam brilhantemente a philosophia de tal solução.

Sómente occorre perguntar uma cousa: porque se não casaram elles antes de começar a peça?

Porque— se elles se casassem antes de começar a peça, como á primeira vista parece logico que tivesse succedido por isso que a peça em nada intervem, nem para que elles casem nem para que elles não casem, succedia que a protagonista deixaria immediatamente, por esse facto, de ter um pretexto accetavel para andar durante uma noite a entrar e a sahir da scena movida pela logica das situações, que a obriga a apparecer de quando em quando, com um vestido, e a retirar-se em seguida para ir pôr um vestido novo. Os actores perderiam

tambem uma boa occasião de produzirem algumas das suas gravatas.

Verdade é que por este lado tudo se podia remediar sem prejuizo do interesse, concorrendo os actores sobre a scena em silencio concentrado e mysterioso, e havendo apenas uma personagem que dissesse: «Agora acaba o acto para esta senhora ir pôr uma *polonaise* e para este senhor mudar de calças »

Recebido porém este alvitre, aparentemente o mais sensato, os merecimentos artisticos do auctor ficariam privados de todo o applauso do publico, pelo menos até o momento em que o contra-regra apparecesse no fim e dissesse: «Declara-se que são feitos exclusivamente pelo sr. Biester—os vestidos da sr.^a Emilia Adelaide e os casacos do sr. Brazão »

Além do que, por tal modo, o dramaturgo seria ainda cohibido: de falar em Hegel como um opprobrio, de citar como exemplares e modêlos dos trabalhos da geração nova Schlegel na philosophia, Humboldt na sciencia, Victor Hugo na litteratura, e Shakspeare no drama, e finalmente de apresentar ao publico o typo dos *Sabichões*. Portanto: a peça.

Ora, enquanto a Schlegel, a geração nova tem de fazer notar ao sr. Biester que esse interessante sujeito é a todos os respeitos da geração antiga.

Emquanto a Humboldt, velha inviolabilidade official, o qual, como todas as consagrações dogmaticas, damnificou por muito tempo a profundidade dos estudos e os progressos experimentaes da sciencia, elle tem sido ultimamente tão rigorosamente batido em Washington e em Berlim, que a justiça poderia talvez absolvel-o da punição de ser citado ainda em D. Maria, com vista de bosque, pelo sr. Theodorico, pae nobre.

No que toca a escrevermos todos tão bem como Victor Hugo e Shakspeare, achamos o conselho de todo o ponto bom e digno de se seguir. Sómente receamos que por parte dos escriptores se manifestem resistencias. Esta manhã, por exemplo, lêmos nós no *Diario da Tarde*, um dos mais vivos e mais espirituosos jornaes do paiz, uma correspondencia escripta em Lisboa pelo sr. Theotonio Patricio, na qual se dá o *compte rendu* da nova peça do sr. Bies-ter em um estylo, que não é facil confundir com o das *Orientaes*. Todavia como o dicto sr. Theotonio Patricio, além de escriptor, nos dizem que é tambem escrivão, bem pode ser que este litterato, simples Theotonio nos artigos, seja perfeito Victor Hugo nos autos. Não teremos portanto uma grande duvida em acreditar que depois de nos ter dado conta de uma obra de arte no estylo rudo de quem refere que a ré furtou á parte uma caixa de prata,

o sr. Patricio, chamado em seguida a consignar o crime na costaneira da lei, tome na Boa Hora a attitude scismadora e imaginosa que o sr. Biester lhe recommenda, e lance no auto: que a testemunha, suspensa da rêde, bate com tímido pé a frescura da onda!

E outros... Melicio, por exemplo? quem sabe até que ponto poderá ir a vehemencia de Melicio perante a austera, a tremenda prescripção de Biester? Quem será o bastante animoso para ir a casa de Melicio e dizer-lhe:

— Melicio! venho de Biester e trago ordens. Melicio, seja immediatamente Shakspeare! Melicio, escreva-me já aqui n'este papel *Romeu e Julieta!*

Não aconselharemos a ninguem que o faça. Perante semelhante provocação Melicio transformar-se-hia em fera... Oh! nós conhecemol-o bem! elle tem a reduzir-se a Shakspeare uma aversão meditada e terrivel: se lhe falarem n'isso, o despeito poderá leval-o ao crime!

De modo que, é talvez licito reccar que não obstante os saudaveis conselhos litterarios do sr. Biester, continuemos todos a escrever tão mal que Victor Hugo não tenha, como até aqui, ninguem que comprimentar na litteratura portugueza senão o sr. Brito Aranha.

Pelo que diz respeito ao typo dos *Sabichões* exposto ao publico pelo sr. Biester, notamos o seguinte:

Pretendendo se transportar para a scena os escriptores da sciencia mal digerida que falam do que não sabem e decidem do que não entendem (os *Sabichões*), parece que deveria o auctor tomar da classe que pretende pintar os caracteres essenciaes que a distinguem, e tornar esses caracteres, que achou dominantes na natureza, dominadores na arte. É como Taine define a missão do artista.

Posto isto, se os caracteres pintados pelo auctor não forem os dominantes, ou se elle não tiver a sciencia de os tornar dominadores, a obra será simplesmente imperfeita e mediocre. Se porém o artista, representando-nos um certo meio social, não toma os caracteres essenciaes d'esse meio, mas em vez d'isso lhe attribue caracteres extranhos, a obra então é falsa. Se esses caracteres, além de extranhos, são offensivos, a obra passa desde esse momento a ser calumniosa.

Os *Sabichões*, do sr. Biester, que são litteratos porque se occupam de todos os estudos modernos, que são escriptores porque um d'elies tem publicado um livro de critica e o outro um livro de versos, não são sómente pretenciosos, arrogantes, inspidos, pedantes e tôlos, são tambem infames—

intrigam nas familias, desacreditam as mulheres honestas, difamam, escrevem cartas anonymas.

Ora os homens que em Lisboa se empregam mais ou menos em trabalhos litterarios e scientificos, os que «publicam livros de critica e livros de versos» não têm como distinctivo, nem dominante, nem particular, nem sequer excepcional do seu character, frequentar as familias, intrigar, calumniar, difamar, escrever cartas anonymas. Os individuos que fazem essas cousas—já o disse com justiça um jornal—não se chamam os *Sabichões*, chamam-se *Tratantes*.

Pois muito bem: Nós accrescentamos, que fazer o tratante e chamar-lhe o sabichão é calumniar o sabichão, e é mais ainda: é infamar ao mesmo tempo os individuos todos da classe em que os sabichões se encorporam pelo facto de «escreverem e publicarem livros de critica e livros de versos.»

Portanto:

A obra do sr. Biester, em primeiro lugar, é imperfeita, em segundo lugar é falsa, e em terceiro lugar é calumniosa.

Estamos porém perfeitamente convencidos de que o auctor dos *Sabichões* não é um calumniador. Não lh'o dizemos por amenisação ridicula e piegas do estylo. Não nol-o agradeça n'esse ponto de vista. Se o que escreve estas linhas deduzisse, por um

processo critico de analyse a uma obra publicada, que o auctor d'ella era fundamentalmente um calumniador e um infame, dizia-o; tinha o dever de dizel-o, e dizia-o com a mesma despreoccupação e a mesma simplicidade com que diria qualquer outra verdade: por exemplo, que é dia agora, e que está a chover.

O que por emquanto queremos consignar é:

Que o sr. Biester, fazendo os *Sabichões*, deu inconscientemente á sua peça um relêvo absurdo, e foi um artista tão deploravel que chegou a parecer um deploravel homem.

Parece que todos assim o entenderam, pois que em uma noticia de jornal ácerca da primeira representação d'esta peça lêmos que os «sabichões presentes na sala» a patearam... evidentemente pela razão de que a acharam inoffensiva e mais semsabor do que maligna. Antes assim. Quando perante uma obra de arte se levantam iradas as bengalas de uma platéa é melhor que ellas comprehendam que devem antes quebrar-se nas costas dos bancos do que nas do auctor.

Ainda uma observação e será a ultima:

Uma dos personagens que na obra do sr. Biester representa o elemento litterario, grave, séria, conscienciosa e instruida, emprega a palavra *cujos* em

vez da palavra *os quaes* — erro hediondo que nunca ouvimos proferido, fora do palco do theatro de D. Maria, senão uma vez — um sabbado — pela nossa lavadeira.

Leva-nos isto e pedir ao sr. Biester que, deixando aos outros Schlegel, Humboldt, Victor Hugo e Shakspeare, adopte por algum tempo para seu uso pessoal — Lobato; e que entre os variados e complexos ramos do saber humano o sr. Biester cultive especialmente aquella parte aliás tão interessante da grammatica que se refere — ao pronome.

Dezembro 1872.

XV

No *Jornal da Noite*, o mais esclarecido, mais prudente, mais logico e mais arguto órgão dos partidos conservadores em Portugal, deparam-se nos com espanto, em um artigo da redacção a respeito do sr. Camillo Castello Branco, as seguintes linhas formidaveis :

«... O grande escriptor fundou o romance em Portugal, em vez de *emprehender qualquer grande*

maroteira que o elevaria ás maiores honras e dignidades.»

Temos portanto que o *Jornal da Noite*, convencido, como por muitas vezes tem declarado estar, de que a sociedade portugueza se acha constituida nas mais solidas bases de justiça e de liberdade ;

O *Jornal da Noite*, que considera as actuaes instituições portuguezas como o *summum bonum* das mais sensatas e justas aspirações dos povos ;

O *Jornal da Noite*, que tem os finos sorrisos mordentes, delicadamente ironicos, para todos os revolucionarios da politica, da litteratura e da arte ;

O *Jornal da Noite*, que tão primorosamente lavra e arrenda com o seu firme e classico buril a historia quotidiana, indifferente, pacifica, pascacia, d'este povo que não tem historia, lembrando cada noite ás massas, no seu vernaculo estylo, luminoso e rectilineo, que é exactamente n'esse despêgo de cada dia, n'essa boa e saudavel modorra, n'esse bello e exemplar indifferntismo, n'esse angelico, bemaventurado e santissimo *deixar ir*, que consiste a suprema felicidade dos bons cidadãos e dos bons homens ;

O *Jornal da Noite*, espelho de conformidade, pharol da ordem publica, vívido exemplo deslumbrante do respeito pelos principios estabelecidos e pelas instituições vigentes.

Entende porém e declara-o, precisa, clara e terminantemente, no primeiro artigo do seu numero de 13 e 14 de fevereiro d'este anno de 1874, que n'este paiz, n'esta sociedade, com tal regimen e com taes instituições, *qualquer grande maroteira eleva ás maiores horas e dignidades.*

Desculpe-nos o *Jornal da Noite* se, tomando a liberdade do nos collocarmos por um momento no mesmo ponto de vista em que se acha aquella esmiada e interessante folha, nos atrevemos a dirigir-lhe, com o mais profundo respeito, um passageiro reparo.

Cuidavamos nós que nos paizes que vivem sob uma recta e justa organização social, o que elevava o homem ás dignidades e ás honras, era o trabalho, a perseverança e a virtude.

Emquanto ás *grandes maroteiras* suppunhamos que havia uma instituição chamada a *fôrça publica* encarregada de as refrear, e um poder chamado o *poder judicial* incumbido de as punir.

Pensavamos que havia uma tal ou qual cousa denominada a *lei* que intervinha algumas vezes nas correlações sociaes e cujo gladio se interpunha no espaço que separa as *maroteiras* e as *horas*.

Quando alguém, de rastos, sevandijando-se na terra, ou passando nas immundicies dos canos, illudia a vigilancia da lei e transpunha, impune pela

justiça official, a linha divisoria lançada entre o illegitimo e o normal, cuidavamos nós que o que escapava assim aos juizos dos tribunaes, não podia fugir á sentença da opinião.

Imaginavamos que em qualquer jerarchia social em que penetrasse esse foragido da policia, lá encontraria entre os homens de bem aquillo que vulgarmente se conhece pelas palavras de *senso moral, comprehensão do dever, sentimento da dignidade, respeito de nós mesmos*; e que quanto mais subisse nas qualificações sociaes mais estreitamente o suffocaria o desprezo dos homens honrados. Porque nós imaginavamos egualmente que a differença das classes provinha das differenças da capacidade marcadas pelo nivel da instrucção e da moral, e que das mais altas posições no Estado não poderiam por consequencia porvir senão os mais altos exemplos da dignidade e da honra.

Todas estas conjecturas illusorias, posto que consoladoras, desapparecem porém inteiramente esvaidas, perante a profissão de fé tão concisa e claramente feita pelo *Jornal da Noite: Qualquer grande maroteira eleva ás maiores honras e dignidades.*

Segundo aquella folha, cuja direcção tão esclarecida e tão atilada vive nas regiões officiaes, no mesmo seio das instituições, estudando-as, analysando-as e defendendo-as em cada dia com singular profi-

ciencia e peregrina sagacidade, a *lei* é portanto uma palavra vã; os poderes publicos não têm fôrça nem têm capacidade; o nivel moral desapareceu ou cahiu n'uma depressão deploravel; não se conhece nem a dignidade nem o dever; a opinião está profundamente corrompida; as classes superiores e dominantes constituem uma associação e uma aliança vergonhosa, descarada e torpissima, de velhacos intrepidos e felizes, porque a verdade é que, se são as *grandes maroteiras que nos elevam ás mais altas honras e dignidades*, as mais altas honras e dignidades não são senão o certificado authentico e a consagração formal das maiores maroteiras.

Mas sendo assim, e não podemos duvidar ouvindo-o de auctoridade, tão respeitavel e insuspeita, perguntaremos, se nol-o consentem, humildemente, ao *Jornal da Noite* e a todos os demais jornaes conservadores em geral:

O que é que suas excellencias nos conservam?

Onde é que está a perfeição do regimen sob o qual felizmente vivemos?

Onde está o valor, a importancia ou a belleza das instituições que suas excellencias preconizam e defendem?

Onde está a garantia do trabalho, quando os que o exercem com mais distincção e talento não têm deante de si senão a perspectiva obscura e um tanto

tenebrosa do abandono, do esquecimento publico e do desdem social?

Onde está a liberdade quando o ingresso nas altas posições do Estado, o accesso ás dignidades e ás honras, é o monopolio de patifes privilegiados?

Onde está a mesma patria quando a patria é o logarejo infecto e putrido d'onde se exhala por tal modo a morte de todos os germens da honra, do decôro, do dever e da dignidade humana?

Ahi está um homem de trabalho, cujos meritos os senhores conservadores não hesitam em considerar excepçoes e capitalissimos; esse homem é um escriptor eximio, é o creador do romance em Portugal, é o sr. Camillo Castello Branco: o que é que os partidos conservadores por intermedio do seu orgão mais intelligente e mais reflectido, têm que dizer a este cidadão cujos deveres perante o paiz elles começam por considerar preenchidos do modo mais completo, mais honroso e mais brilhante?—Ahi tem! lançou-se na litteratura, é o creador do romance portuguez, e não é mais nada! Bem sabemos que ao trabalho corresponde a paga e por isso elle é independente do favor, mas quando chegamos a ter cumprido na sociedade a que pertencemos a missão que nos impuzemos de a illustrar, é bem desconsolador e bem triste que ao salario faminto que nos deram se não junte a consideração e a es-

tima dos nossos semelhantes... Mas, homem, que quer? esta caranguejola, que nós insistimos em conservar para fazer presente d'ella inteira ao diabo quando elle a reclamar como um objecto que indisputavelmente lhe pertence, está organizada assim. Que quer você que se lhe faça? Olhe: se em vez de se lançar na litteratura, o senhor se tem lançado na maroteira, a sociedade afastar-se-hia em alas reverentes e o senhor passaria laureado por entre a estima publica a lançar-se nos braços fraternaes de outros velhacos igualmente laureados, que lá estão em cima no apogeu das honras e das dignidades, de peito aberto para acolher os audazes que a infamia ajuda!

Mas, meus ricos senhores conservadores, estas considerações, tão saudaveis, tão dedicadas e tão ternas, têm talvez o defeito de serem um pouco tardias quando se dirigem a um homem que está longe de ir encetar agora uma carreira. Deverieis dizer-nos isso no principio, para nos instruir e nos edificar. Mentís quando nos educaes. Se a verdade é essa, se a maroteira é a chave com que se abrem as portas do exito cerradas ao talento, ao trabalho, á consciencia, não nos tenhaes enganados durante metade da nossa vida; ensinae-nos isso nas escholâs: precisamos de o apprender com a doutrina christã, com a mithologia de Monteverde e com a

civilidade de João Felix. Porque, meus senhores, desenganem-se: nem mesmo tratante se pode ser sem alguma instrucção especial, sem um tirocinio.

Vós dizeis-me: «Queres ser alguma cousa n'este mundo, faze te maroto.» O conselho é util, é bom, encerra o mais importante aviso, e eu agradeço-o commovido. Todavia,— não posso deixar de confessal-o— para o seguir á risca, immediatamente, acho-me um tanto embaraçado. Supponham (hypotheticamente já se vê) que sou intelligente, forte, novo, que entro na vida com todas as legitimas ambições de uma poderosa vitalidade moral; estimulam nobremente a minha actividade as mais altas dignidades, as mais subidas honras que o meu paiz pode conceder aos homens assignaladamente superiores.

Pergunto: Que devo começar por fazer n'este caso: falsificarei uma firma? Escreverei um artigo em que atraizõe conscientemente a verdade e a justiça? Cravarei um punhal no coração angelico de Melicio? Roubarei o *Times* ao sr. Barros e Cunha, ou o *Jornal dos Economistas* ao sr. Carlos Bento?! Quem me ha de guiar, quem me ha de esclarecer, a mim inexperiente candidato ás honras e ás dignidades? Serão os effectivos, serão os cathedromaticos, serão os professos, n'essas dignidades e n'essas honras? Mas quererão elles escutar-me? Quererá ouvir meus rogos o sr. presidente do conselho de minis-

tros, o sr. cardeal patriarcha, ou o sr. barão do Zézere, o terrivel!?...

Ó hesitação! ó duvida!

Por ultimo, reflectindo, comprehendemos que o *Jornal da Noite*, publicando as linhas, cuja analyse faz o objecto d'este capitulo, não teve certamente em vista nem referir um facto, nem estabelecer uma theoria, nem dar uma lei. O seu intuito foi simplesmente inutilisar os seus adversarios arrancando-lhes a mais violenta e a mais terrivel das suas apostrophes. Com effeito, desde que os jornaes doutrinarios, auctoritarios, conservadores, se exprimem em tal linguagem, os demagogos — no ponto de vista rhetorico — estão desarmados. Que mais poderiam elles dizer? Nada lhes resta pois desde hoje, senão irem para suas casas, sangrarem-se uns aos outros, e esperarem tranquillos, sem o minimo risco de suas pessoas e bens, que os effeitos da gangrena substituam no velho mundo os effeitos do petroleo.

Se a astuciosa tactica do *Jornal da Noite* foi effectivamente, como crêmos, emmudecer as declamações demagogicas, os nossos parabens cordiaes áquella util e interessante folha.

Fevereiro 1882.

XVI

Temos presentemente em scena, no theatro de D. Maria, a *Odette*, de Sardou, traduzida pelo actor Brazão com aquella ingenuidade engraçada, racterística de toda a obra de arte feita por sujeitos que não deram á arte o tempo necessario para apprenderem a fazer a obra.

O actor Brazão, artista aliás de talento, ha de certamente ter visto por vezes papeis do seu repertorio representados por curiosos nos theatrinhos particulares, e deve ter-lhe achado graça. Isso lhe poderá dar uma idéa do effeito que produz nos escriptores a traducção de *curioso*, que elle fez agora.

Os peccados d'esta natureza são vulgares nos individuos de imaginação, que têm pouco em que se occupar. Mas n'um actor dramatico é que elles são menos desculpaveis, porque é no exercicio de declamar que mais perfeitamente se apprende a conhecer quanto é difficil a arte de redigir.

Alinhar palavras que mais ou menos exactamente

exprimam um pensamento que se deseja representar, é um trabalho tão facil, como o de recortar obreias, ou o de coser botões. Escrever o dialogo é mais complicada cousa. Ha que attender, primeiro á escrupulosa escolha do vocabulo, que não pode ser senão aquelle que ordinariamente se emprega na conversação espontanea. Ha depois a euphonia, o rhythmo, o giro da locução, o corte da phrase, a distribuição das pausas, a medida justa dos periodos—essas mil difficuldades enormes da escripta, irreductiveis a regras, que obrigavam Lessing a dizer no prologo de uma das suas comedias: *Escrevi-a em verso, porque me faltou absolutamente o tempo preciso para a pôr em prosa.*

Nada mais penoso do que construir a frio, de imaginação, á fôrça de processo e de inducção psychologica, o mais vulgar e o mais corriqueiro dialogo, tal como elle se teria passado entre dois cerebros, entre dois organismos, entre dois temperamentos diversos, ao acaso de qualquer encontro nas realidades da vida. E o que mais custa a inventar não são as cousas que se dizem, é o modo como se dizem. Entre dez ou vinte formas diversas, por meio das quaes se pode exprimir no dialogo uma idéa dada, ha uma só que é a forma verdadeira, exacta, real; e é essa unicamente a que se deve escolher.

A modificação de um som, a transposição de uma

palavra, a alteração de uma medida, destroe completamente, não o sentido, mas a natureza constitutiva, a vida da phrase, em que cada syllaba e cada letra tem o seu valor immoificavel e insubstituivel.

Demos para demonstração a traducção do trecho mais simples. Seja, por exemplo, a divisa da jarreira: *Honni soit qui mal y pense*.

Se eu traduzir em portuguez *Aviltado seja quem pensar mal d'isto*, ninguem me poderá dizer que eu deixei de exprimir em linguagem clara e correcta o pensamento da fórmula original.

E, todavia, a minha traducção é pessima. Não tem equilibrio, não tem cadencia, não tem euphonia, não tem expressão, não tem auctoridade. A locução assim construida espapa-se, derrete-se, escorre, pinga, e não parece de modo algum uma divisa; parece, quando muito, uma vela de sêbo. Falta-lhe o rhythmo cantante, falta-lhe a accentuação dura e energica de commando, falta-lhe o tom firme de sentença, falta-lhe o grande ar conceituoso de proverbio, que tem o original. De modo que, se quizermos ajustar a forma da traducção ao texto do original, teremos de modificar a termo por termo a versão que fizemos, até chegar a uma fórmula inteiramente diversa da primeira, como pode vir a ser, por exemplo: *Mal haja quem bem não cuida*.

Os actores têm em geral o sentimento mais delicado d'estas gradações da forma, d'essas differenças de valor nos sons articulados. O velho actor Rosa dizia-me de uma vez, que se não podiam dizer cousas rispidas sem empregar *ff*, nêem cousas suaves sem pôr bastantes *ll* na phrase. Para este artista, cada letra, assim como cada nome, tinha a sua côr, o seu pêso, a sua temperatura e a sua epiderme especial. O *a* para elle era branco, o *e* era castanho, e o *o* era preto; o nome de *Ricardo* era aspero, vermelho, pesado e quente; o nome de *Luiça* era macio, azul, leve e tepido. Um auctor dramatico leu-lhe de uma occasião uma peça em que havia esta phrase: *É uma bócca de marmore que t'ò diç*. Rosa observou-lhe, que o som de tal phrase não dava idéa alguma da intenção phantastica que tinha o auctor, ao fazer sahir palavras de uns labios de pedra. *Que t'ò diç* parecia-lhe burlesco, porque lhe dava a sensação de um esguicho de agua, partindo repentinamente do pipo de uma borrachinha escondida e apertada na mão. Para exprimir a intenção com que fôra escripta, a phrase precisaria de ser modificada pelo seguinte modo: *É uma bócca de marmore que te fala*.

Francisco Manuel do Nascimento allude algumas vezes, nas notas aos seus versos, á repugnancia que tinha em empregar palavras, cujo som prosodico,

ou cujo aspecto graphico lhe parecia achar-se em flagrante contradicção com o significado respectivo. A palavra *chuchurrubiar* enchia-o de entusiasmo pela enorme fôrça onomatopaica que lhe parecia conter, dando-lhe a mais perfeita noção das diferentes voltas que dá a pá da lingua nas rôscas do paladar para saborear e engolir uma cousa boa. Pelo contrario, atacava-lhe os nervos a palavra *zingamocho*, que elle não podia admittir que significasse *pinaculo ou remate de cupula*, porque para Francisco Manuel a cousa a que se chamasse *zingamocho*, não podia deixar de ser um ferrinho curvo andando á roda.

Eu respeito profundamente estas susceptibilidades dos outros, porque no meu proprio espirito se dão phenomenos de correlações analogas. O nome de *Ermelinda* cheira-me a fructa, o nome de *Julia* cheira-me a feno, e o nome de *Esteram* cheira-me a aparas de páu preto.

Vão dizer talvez que eu improviso exquisitices da minha idiosyncrasia. . . Não é talvez tanto assim, e a prova é que lhes pergunto uma cousa: dados os tres nomes a que me refiro, e dados os tres cheiros com que eu os relaciono, ousarão dizer-me que é o nome de *Esteram* o que poderá trazer á idéa o cheiro de fructa, e que é o de *Ermelinda* o que desperta a lembrança do páu preto? Não ousam

dizer tal, não é verdade?... Logo, estão quasi da minha opinião.

Emquanto estes factos, cuja menção parece pueril, e que todavia são o resultado de uma funcção do nosso cerebro, não fôrem devidamente analysados e explicados pela sciencia, eu entendo que nos faltam as bases de uma esthetica positiva, e que a arte de escrever é uma arte puramente empirica, que se não apprende senão por meio de um longo e fastidioso tirocinio, sem o qual os artistas dramaticos, principalmente, fazem mal em escrever peças.

Isso prejudica-os duplamente, porque não ha nada que estrague mais os actores do que as peças mal escriptas. Só pode ser perfeitamente declamado um trecho perfeitamente escripto, e chamo perfeitamente escripto o trecho em que mais precisamente e mais nitidamente se espelha a realidade que o escriptor deveria ter em vista reproduzir. Onde não ha senão estylists imperfeitos, não pode haver senão actores mediocres. O theatro de Garrett é a melhor eschola de declamação portugueza que temos tido.

Os nossos actores modernos, á fôrça de representarem peças mal traduzidas do francez, estão quasi todos mais ou menos afrancezados. As suas inflexões são outros tantos gallicismos de expressão

declamativa. Elles já não sabem dizer *ah!* ou dizer *oh!* como se diz *ah!* ou *oh!* ahi no meio do Rocio. Quando elles se admiram nas peças, é sempre com um *ah!* de Coquelin, ou com um *oh!* de Mounet-Sully. Dir-se-hia que as interjeições, assim como as gravatas d'estes artistas, lhes vieram juntas nas mesmas caixas, do Boulevard des Capucines.

O convencionalismo, uma vez estabelecido no modo de declamar na scena, transmite-se rapidamente ao modo de criticar na sala, faz-se na arte um nevoeiro de ficção exotica, e o theatro nacional decae, unicamente porque algumas traducções mal escriptas, e por consequencia mal representadas, a pouco e pouco fôram corrompendo nos artistas e nos espectadores a eschola de dizer e o gôsto de ouvir.

Conhecem decerto a *Odette*. . . É a historia da condessa de Clermont-Latour, a qual, separada do conde seu esposo, e vivendo em companhia de um cavalheiro de industria, passeia pela Europa divertida, de casino em casino, e de *tripot* em *tripot*, um brazão a que estão grudados os sêllos de doze penhoras, e uma corôa, de cujos florões se suspendem os chapéos de vinte e cinco arnantes. O conde de Clermont-Latour, tendo de casar sua filha, solicita da mãe que esta deixe de usar um nome que o casamento lhe conferiu, e que ella escandalosamen-

te avilta e deshonra. A condessa naturalmente recusa. Separada de pessoa e bens, ella entende dever manter os ultimos effeitos do laço conjugal no cartão do bilhete de visita, onde um titulo nobiliario tão vantajosos resultados infunde, quer sobre o respeito dos *maitres d'hôtel* nas mesas redondas, quer sobre o amor dos jovens *rastaquouaires* em veia á roleta. Eis a situação.

Como vêem, este caso liga-se intimamente a dois interessantes problemas, que presentemente se discutem: o divorcio, sobre o qual uma nova lei vae ser agora apresentada ao parlamento francez; e a chamada *exploração do nome*, que vista por um outro aspecto deu ainda ultimamente motivo ao processo Zola-Duverdy.

Emquanto ao divorcio, comprehendem decerto que não posso deixar de o aceitar como uma consequencia forçada da justiça. Desde que o arrefecimento da fé fez que o casamento deixasse de ser para as consciencias um sacramento inviolavel, é claro que a lei o não pode considerar senão como um contrato de character puramente civil, contrato bi lateral, susceptivel de ser modificado ou dissolvido, segundo o desejo de uma ou das duas partes contratantes. Parece-me, porém, que é inteiramente especial e que convém definir bem a natureza d'este novo direito, que, um pouco mais tar-

de ou um pouco mais cedo, entrará necessariamente no código das liberdades humanas.

A garantia da lei á prática de certo acto nem sempre significa que esse acto seja completamente licito. Logo que um amigo meu assigna uma lettra de cambio que eu negocio, e cuja importancia recebo, a lei permite que, ao chegar o prazo do vencimento, eu deixe de pagar. Usando, porém, d'essa especie de direito que me assiste, eu illudo a boa fé do meu amigo, e sou um homem deshonorado. Não haverá entre a liberdade de divorciar e a liberdade de não pagar uma lettra uma estreita relação de analogia?

Emquanto á *exploração do nome*, eu acolho com a mais respeitosa compaixão os queixumes dos homens casados com mulheres delinquentes; mas não vejo realmente como se lhes possa acudir com remedio tão efficaz como o que elles e os seus dramaturgos parece desejarem.

No caso, por exemplo, da condessa Odette de Clermont-Latour, supponhamos que tinha já passado em França a lei do sr. Naquet. Os conjuges divorciavam. Como é que se ficava chamando a mulher?

Com o seu nome de familia, comprehendem bem que seria igualmente iniquo, ou mais iniquo ainda. Porque, emfim, se o conde de Clermont-Latour tem

a sua dignidade, o pae de Odette, o avô de Odette, os tios de Odette, as irmãs e os irmãos de Odette têm tambem a dignidade d'elles. E no fim de contas não foi como neta, nem como filha, nem como sobrinha, nem como irmã, que ella delinuiu: foi unicamente como esposa.

O pae e a mãe eram talvez uma boa gente, sizada e honesta, que a criaram até os vinte annos no recolhimento, no respeito, na dignidade immaculada da familia. O conde de Clermont-Latour principiou talvez por vestil-a como uma *cocotte* para achal-a mais bonita; apresentou-lhe os seus amigos do *sport*, do *club* e do *baccarat*; metteu-a dentro de uma *bombonnière*, entre uma estufa e um *boudoir* Luiz XV, capitosamente perfumado *au cuir d'Espagne*; deu lhe um *coupé* para ir ao *Bois*, um camarote na Opera, almoços de trufas, jantares com Champagne, e uma *chaise-longue* de setim *feuille morte* por traz de um biombo de bordados japonezes, sobre uma pelle de leopardo, defronte do lume, junto de uma estantezinha girante de pellucia côr de ouro, cheia de bellos romances de Arsène Haussaye, de Octave Feuillet e de Dumas Filho. Depois do que, elle lhe depoz correctamente na mão um bocejo e um osculo, e foi sacudir o *spleen* jantando no café com a alegre mademoiselle Estoira-tôlos ou com a vivaz madame Espicha imbecis.

Ora, se Odette não puder usar o nome do marido, não podendo igualmente usar o nome do pae, e não tendo amante assás encanlhado para lhe emprestar um, eu quero que me digam como é que se ha de chamar uma mulher assim, a não ser que se lhe ponha um numero, ou que se lhe diga unicamente:— *Pst!*

Março 1882.

XVII

Sendo os homens que escrevem ordinariamente superiores aos homens que lêem, a funcção da publicidade é predominar nos espiritos— ou seja lisonjeando-os, ou seja combatendo-os. Toda a obra litteraria dá um d'esses resultados; ou se adapta ás opiniões existentes, e as consolida e reforça, ou reage sobre ellas, e as decompõe. Toda a litteratura ou é *conservadora* ou é *revolucionaria*. Queremos dizer: ou transige passivamente com as condições do meio social ou se debate contra o obstaculo que a influencia d'esse meio lhe impõe.

Sempre que a litteratura toma o character conser-

vador tende a immobilisar a sociedade e a paralyisar o progresso. Foi o que succedeu nos seculos em que a litteratura não fez mais do que fortalecer as superstições que achou consagradas no seu caminho, prostrando a humanidade n'um marasmo de quinhentos annos, embalados com o esteril rumor monotono das homilias e das lendas dos santos. Felizmente, desapprendendo quasi completamente de lêr, o homem voltou a si. A litteratura havia sido para elle uma catacumba, em que jazera sepultado pela credulidade, amortalhado pelo mysticismo. Guizot calcula em vinte e cinco mil as vidas de santos de que se compõe a bibliotheca bollandista, e são esses *acta sanctorum quæquot tote orbe coluntur* que encerram a historia inteira da humanidade sob o regimen clerical em toda a Europa e em quasi todo o Oriente, desde o seculo vi até o seculo xii! Com razão conclue Buckle—o grande historiador da civilisação—que o maior dos estorvos do progresso tem sido a manutenção do erro pelo poder litterario.

Nos tempos modernos, sob os dominios despoticos, em quanto a obra do pensamento foi disciplinada pela policia clerical e monarchica, como succedeu em Portugal durante o imperio do Santo Officio, a litteratura deixou igualmente de ser o livre producto artistico, e converteu se n'um poder do Es-

tado, o mais enervante para a imaginação, o mais dissolvente da intelligencia e da dignidade humana.

Portanto: a primeira condição social para a existencia de uma litteratura, compativel com o progresso, é a liberdade.

Todo o escriptor portuguez actual nasceu n'esse meio propicio. Todavia, por uma fatalidade physiologica, por um effeito da heriditariedade, falta-nos a orientação cerebral da independencia. O nosso espirito conserva o estigma servil, o signal da marca, que em muitas gerações que nos precederam foi deixando a grillheta da oppressão mental. A nossa tendencia de escriptores é ainda hoje, geralmente, para lisonjear a rotina, para comprazer com o vulgo, para seguir as correntes da credulidade geral.

A maior parte dos individuos que fazem um livro têm, nas precauções da forma, no rebuço das opiniões, na doblez do estylo, o ar miseravel de pedintes que solicitam vénia para divertir inoffensivamente o respeitavel publico.

Entre as aberrações eminentes d'essa tendencia geral, como por exemplo os srs. Anthero do Quental e Guerra Junqueiro na poesia, o sr. Theophilo Braga na historia e na critica, o sr. Oliveira Martins na economia politica, a sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho no folhetim, — apparece-nos o sr. Eça

de Queiroz no romance. Na pequena litteratura portugueza, destinada a ser um agente na evolução das idéas e dos costumes, um elo no grande encadeamento das causas e dos effeitos sociaes, *O crime do padre Amaro*, representa a obra mais profundamente caracteristica.

Este livro foi recebido pela imprensa periodica com um silencio que pode parecer o resultado de um *mot d'ordre*. Crêmos para honra do jornalismo, que a razão do apparente desprezo de que foi objecto este romance está no simples facto de que a critica se considerou incompetente para o julgar. A unica cousa de que temos de accusar a critica é de nos não haver dicto isso mesmo. Em circumstancias analogas as *Farpas* deram um exemplo de sinceridade, que ficou esteril. Um dia escreviamos um artigo ácêrca do adulterio; a logica arrastava-nos a deducções que nos não atreviamos a imprimir; publicámos o nosso artigo até o ponto em que o julgavamos compativel com os costumes, e concluimol-o com a confissão franca de que nos achavamos coactos pelo publico. Quando tivemos medo confessamol-o. É verdade que omittimos uma opinião, mas, estudando os costumes, revelamos pelo menos um estado de espirito que elles determinavam, e que seria um symptoma a ponderar pelos analysadores que se nos seguissem.

O crime do padre Amaro é effectivamente difficil de sentenciar, porque constitue um caso novo, não previsto nas ordenações por que se regulam as audiencias geraes do folhetim e do noticiario.

Essencialmente moderno, este romance não é a narrativa de uma aventura ou de uma serie de aventuras á Lessage, á Dumas ou á Gaboriot, não é um estudo de sentimento á Rousseau, á Alfred de Musset ou á George Sand. É uma pintura de caracteres, mas não uma pintura á Balzac ou á Flaubert, porque este livro não é exclusivamente de nenhuma eschola senão da eschola de si mesmo, e é esse cunho profundamente pessoal que lhe dá o caracter que o distingue como verdadeira obra de arte.

Ora uma exposição de caracteres se pertence á esphera da arte pelos processos da pintura, é um ramo da historia e está subordinado á sciencia pelas operações de critica e de relacionação. O officio do historiador é discernir no estudo das épochas e no estudo dos acontecimentos e seu caracter social. O officio do romancista é discernir no mesmo estudo das épochas e no mesmo estudo dos factos o seu caracter artistico. O methodo do historiador é o methodo do romancista. Não pode ser romancista um simples *observador*. Cada sciencia tem, como diz Littré, o seu methodo particular e caracteristico. A *observação* é um methodo exclusivo da astro-

nomia, para cujos phenomenos irreductiveis o astronomo não pode fazer mais que olhar. O chimico procede pela *experiençia* e pela *analyse*. O biologo tem por methodo especial a *comparação*. O historiador, e portanto o romancista, têm como instrumento particular a *filição*, isto é, a producção dos estudos sociaes uns pelos outros. Pintar um character é expor na personagem a figura moldada dentro do contôrno delineado n'uma dada porção do espaço e do tempo por um certo estado social.

Um character é um phenomeno historico, que se não comprehende senão emmoldurado na convergencia de todos os factores que o produziram.

É por isso que o romance de characteres tem de ser uma exposição concentrica de todas as influencias que determinam um pensamento ou um acto; — influencias naturaes: o solo, o clima, os aspectos da paizagem, o sexo, a idade, o temperamento, a idiosyncrasia, a heriditariedade; influencias sociaes: as instituições, os costumes, a familia, a educação, a profissão.

Comprehende-se a commoção de surpresa que produziu este livro, ao notar-se que a proposito da biographia de um padre em uma parochia da provincia elle suscitava as mais graves e melindrosas questões physiologicas e sociaes que podem envolver a Egreja, o celibato, a sentimentalidade e o mys-

ticismo, isto é, todos os pontos de controversia philosophica que o jornalismo exclue da discussão para se não pôr em conflicto com o assignante. Confessamos que n'este caso o melhor que tinha que fazer a critica jornalistica era effectivamente calar-se.

Pela nossa parte, como é precisamente o conflicto que constitue o nosso programma, não temos razão plausivel para abster-nos da apreciação d'este livro.

A razão da condemnação silenciosa, do escandalo branco, que envolveu a apparição do *Crime do padre Amaro* está no simples facto de que elle é um *romance de caracteres*. Esta simples designação explica tudo. O genero é novo e sem precedentes. Os livros do sr. Camillo Castello Branco são romances de sentimento. A obra de Julio Diniz pertence á litteratura de *tricot* cultivada com ardor na Inglaterra pelas velhas *miss*. Apesar das suas qualidades de paizagista, do seu mimo descriptivo, da sua feminilidade ingenua e pittoresca, as novellas de Julio Diniz não têm alcance social, são meras narrativas de salão.

O livro do sr. Eça de Queiroz offerece-nos o primeiro exemplo de uma obra de arte suggerida pela consideração de um problema social.

E todavia *O crime do padre Amaro* não é de ne-

nhum modo um livro de critica, é um livro de pura arte na mais alta accepção d'esta palavra. Nem na bôcca do auctor nem na de nenhuma das suas personagens ha uma palavra declamativa ou didactica.

Em uma pequena cidade de provincia, na Extremadura portugueza, o velho parochio morre, o novo parochio chega com o seu capote ecclesiastico e o seu bahú, apeia-se da diligencia de Chão de Maçãs, sobe aos quartos que lhe estão preparados, calça uns chinelos de ourelo, veste o casaco velho, e o drama principia, desdobra-se e termina de um fôlego, caminhando para o seu desfecho, recto, implacavel, como um traço riscado pela fatalidade através d'aquella estreita vida de provincia, com a sua intriga local, as suas personagens mesquinhas, os seus padres, as suas beatas, os seus tristes aspectos sujos, turtuosos, compungidos, pretenciosos, miseraveis.

D'este fundo sombrio, espesso, pesado como o tédio, a acção destaca-se luminosamente, e penetra-nos com a nitidez poderosa dos espectaculos vivos. É a vida mesma com toda a sua trivialidade real que n'essas paginas perpassa aos nossos olhos, como aquellas florestas que andam no sonho de Macbeth.

Nunca artista portuguez desenvolveu na sua obra maior poder de execução.

O dialogo, trasbordante de verdade, é de um ri-

gor psychologico, de um colorido flagrante e de uma energia de naturalidade que os primeiros estylistas francezes não conseguiram ainda egualar. A lingua portugueza, pela incomparavel variedade das suas construcções grammaticaes, pela inexgottavel abundancia dos seus idiotismos, pela bravura inculca do seu arranco plebeu, presta-se admiravelmente a estes prodigios de execução sempre que a não deturpa esse maneirismo requintado, esse culto da farragem e do euphemismo, que tem sido em Portugal a sarna epidemica do estylo erudito.

O dialogo do sr. Eça de Queiroz, não porque o trabalhasse a preocupação do purismo, mas em resultado do escrupulo com que foi arrancado da indole e da natureza das personagens, é de tal modo genuino e tão accentuadamente portuguez, que o temos por intraduzivel.

Ao lado do dialogo mais vivamente travado e das situações dramaticas mais profundamente sentidas, mais commoventemente narradas, o auctor compraz-se habitualmente em pintar, com frio cynismo, as ridentes paizagens em que scintillam as frescuras da manhã, os suaves occasos do outomno impregnados do rumor das aguas e do perfume dos prados, os tepidos interiores aconchegados e pacificos, todos os aspectos da natureza vegetativa, da natureza animal, da natureza morta. E nada mais pro-

fundamente real do que a impressão deduzida d'esse contraste entre a inclemente immobilidade das cousas e a devastação tempestuosa das supremas paixões no fundo da alma humana!

O desenho dos caracteres e principalmente o das duas personagens principaes sobre que versa o drama, o padre Amaro e Amelia, é deduzido com o mais scientifico rigor da diagnose n'um caso de pathologia psychica.

A infancia de Amaro em uma casa nobre, onde a mãe d'elle era creada de quarto. Os pequenos pormenores d'esse interior de familia, onde o catholicismo era um requinte heraldico, onde as meninas, acreditando em Deus como na omnipotente elegancia, tinham como culto dos destinos da alma a preocupação da *toilette com que deviam entrar no paraíso*. A criação de Amaro até os doze annos n'essa convivencia mulheril, ajudando ás missas na capella, espanando os santos, aparando as hostias, dormindo entre as creadas que lhe faziam coegas, lhe chamavam *Padreca, Frei Lombrigas*, e o utilisavam nas suas intrigas para «fazer as queixas». A sua mocidade no seminario, «abafando na estreiteza dos corredores, invejando todos os destinos ainda os mais humildes, o almocreve que via passar na estrada tocando os seus machos, o carreiro que ia cantarolando ao aspero chiar das rodas,

e até os mendigos errantes, apoiados ao seu caxado, com o seu alforge escuro!» Os seus primeiros alvoroços de adolescente ao pensar na mulher sobre os livros dogmaticos: «Que ser era esse que através de toda a theologia ora era collocado sobre o altar, como a Rainha da Graça, ora amaldiçoado com apostrophes barbaras? Que poder era o seu que a tragica legião dos santos, ora se arremessa ao seu encontro, n'uma paixão extactica, dando-lhe n'uma acclamação o profundo reino dos Céos, ora vae fugindo deante d'ella como do universal inimigo com soluços de terror e com gritos de odio, e, escondendo-se, para a não vêr, nas thebaidas, nos claustros e nos sepulcros, vae alli morrendo do mal de a ter amado? Amaro sentia, sem as definir, estas perturbações, e julgava-se desgraçado e maldito.»

Vemos, a dia por dia, crescer, constituir-se, formar-se esse homem, branco, lymphatico, molle, creado entre chumaços de mulheres ordinarias, e sobrepelizes de padres boçaes, no fartum das alcôvas sujas e na sombra humida dos claustros musgosos. E prevê-se a queda fatal d'essa natureza estagnada e paludosa, através da qual os desejos insaciados luzem como os olhos de um tigre.

É egualmente bem assinalado o character de Amelia. A sua educação sentimental e devota é descripta a golpes de bisturi. Cada traço é uma insi-

são. Aos oito annos tinha ido para a eschola. «A mestra era uma velhita roliça e branca que fôra tacho das freiras de Santa Joanna em Aveiro; com os seus oculos redondos, junto da janella, empurrando a agulha, morria-se por descrever o convento, os seus terrores, as suas lendas, as suas peripicias; as perrices da escrivã sempre a escabichar os dentes furados; a madre rodeira preguiçosa e pacata, com uma pronuncia minhota; a mestra de canto-chão, admiradora de Bocage e que se dizia descendente dos Tavoras; a historia de uma freira que morrera de amor e cuja alma ainda em certas noites percorria os corredores, soltando gemidos dolorosos e chamando: — Augusto! Augusto!... Tinha-lhe ensinado o catecismo e a doutrina: falavam-lhe sempre dos castigos do Céu; de tal sorte que Deus apparecia-lhe como um Ser que dá o sofrimento e a morte, e que é necessario abrandar rezando e jejuando, ouvindo novenas e amando os padres. Era por isso toda cuidadosa, e se ás vezes ao deitar-se esquecia uma Salve-Rainha, fazia penitencia no outro dia porque temia que Deus lhe mandasse sesões ou a fizesse cahir na escada.» Além da doutrina, apprendera a tocar piano com um velho romanesco. Lêra livros de versos, fôra namorada durante uma estação de banhos por um estudante de Coimbra, que lhe fizera umas quadras.

Estava pedida por um escrevente de tabellião, que se perturbava sob o seu olhar voluptuoso mas que ella não amava, sentindo em si «como um grande somno do coração» Não tinha pae. Era sanguinea e forte, de grossos beiços levemente sombreados de pennugem negra. Ouvia missa todos os dias e confessava-se todas as semanas. A mãe era protegida por um conego. Ella padecia tédios nevrálgicos e inquietações hystericas.

Todas as demais personagens, alguma d'ellas apenas indicadas por quatro palavras, que têm o poder de uma evocação,—o conego Dias, o padre Natario, o padre Brito, o chantre, o coadjutor, o Libaninho, o tio Esguelha, o escrevente, o redactor da *Voz do Districto*, as senhoras Gançosos, a sr.^a D. Maria da Assumpção, a S. Joanneira,—vivem, têm uma physionomia, uma personalidade.

O desenlace do drama, a morte de Amelia, a fuga do padre da quinta da Cortegaça, de noite, levando o filho escondido na capa; o seu terror ao sentir-se seguido, ao ouvir atraz de si no macadam as passadas surdas do escrevente, passadas commedidas pelas d'elle, acompanhando-o como o remorso, como o presentimento da catastrophe que se approxima; o infanticidio perpetrado no escuro, com os pés no lôdo, á beira do rio, escondido nos juncos como um animal ferido cercado pelos latidos

raivosos da matilha; a sua retirada de Leiria ao outro dia, por uma serena tarde de outomno, de uma poetica serenidade ineffavel, partindo a cavallo no momento em que os sinos da Sé começavam a soluçar o dobre de defunctos, enquanto um realejo toca na rua um trecho da *Norma*, e, de uma casa defronte, um pequerucho seguro ao peitoril da janelle pelo pae e pela mãe que riem, lhe diz adeus com a sua pequena mãosita papuda;—constituem paginas de uma concepção e de uma tonalidade tragica, profundamente elegiaca e solemne, que fica vibrando por muito tempo na memoria, como o écho funebre de um *dies irae*.

Este livro misanthropicamente concebido, e executado com uma ironia mordente e com um humorismo repassado de lagrimas, deixa todavia no espirito uma forte impressão consoladora; é a obra de um grande artista, de um poderoso revelador de ideal; e, como toda a idealisação perfeita, repousa-nos das nossas preocupações pessoas e egoistas, engrandece-nos, eleva-nos aos nossos proprios olhos, infunde-nos a fé, obriga-nos a crêr no sagrado desinteresse da arte, na divina immortalidade do bello.

Se depois da idéa que procurei dar-te d'este livro, tu, leitor, me perguntares se o deves dar a lêr

á menina tua filha, eu respondo-te terminantemente que não. As meninas nunca lêem romances, quaesquer que elles sejam.

Se o podem lêr as mulheres — é uma outra questão, á qual respondo que podem, ainda que com esta reserva: — ás escondidas.

Não que este livro seja immoral. A arte é absolutamente independente da moral, e não pode nunca nem servir-a nem prejudicá-la.

Quando para minha consolação e refrigerio eu me desvio da estrada em que succumbo de fadiga mordido pelo sol, e vou descançar um momento á sombra de uma arvore, não pergunto se essa arvore dá pêras ou se dá pilritos, se da sua resina se pode extrahir um balsamo ou um veneno, se dos seus filamentos se pode entrançar uma corda para o sino ou um baração para a fôrça, se no seu tronco se podem serrar as pranchas para construir a arca ou para armar o patibulo. A unica cousa que lhe pergunto é se ella tem, para m'a dar, uma boa sombra fresca, macia, aromatica; e se a tem, eu, que n'esse momento não sou um negociante de productos alimenticios, nem um madeireiro, nem um chimico, nem um engenheiro constructor, mas sim um caminheiro prostrado, eu declaro, não só em meu nome, mas em nome da sciencia, em nome da moral, em nome da religião, em nome do homem e

em nome de Deus, que essa arvore é boa, é util, é necessaria — não pelos materiaes que ministra, não pelos fructos que produz, nem pelas substancias que segrega, mas unica e simplesmente por uma condição imponderavel, da qual em dada crise pode depender o meu destino inteiro e toda a minha vida; e essa condição é a de se interpor no espaço entre mim e o céo, e projectar sombra.

Na esphera das multiplas vegetações do nosso espirito a sciencia e a philosophia fornecem as substancias alimenticias e ministram os materiaes das construcções; a arte é a arvore santa, a arvore da sombra para os peregrinos do pensamento.

Schiller em uma das suas cartas, cujo texto não tenho presente, expõe uma theoria que pode resumir-se n'estes termos: «Se um critico em nome da moral processa o meu livro não pelo que eu n'elle escrevi mas pelas conclusões que elle critico lhe extrae, eu desprezo esse julgamento. Se, porém, a critica me convencer de que, dado o assumpto qual eu o concebi, eu poderia executal-o por outro modo, eu n'esse caso submetto-me, não porque tenha errado contra a moral, mas porque erreí contra a arte.

Ora na execução do livro do sr. Eça de Queiroz ha na parte descriptiva dois ou tres pormenores que não quereríamos eliminados — com quanto isso fôs-

se possível sem quebra da verdade — mas que nos parece poderem ser referidos de um modo — não dizemos mais pudico — dizemos mais artistico.

Ha em todos os grandes romancistas modernos, desde Balzac até o sr. Queiroz, uma tendencia de que o vulgo tem feito o attributo de uma escola, tendencia febril a demorarem sensualmente as analyses da torpeza e da podridão.

O grande Eschylo dizia, censurando Euripides: «Elle deprimiu tudo aquillo em que pegou, eu ennobreci tudo aquillo em que toquei; os homens sahidos das minhas mãos respiram gladios e lanças, capacetes de pennachos brancos e escudos reforçados com sete couros.» Os artistas modernos não podem infelizmente inscrever nos seus braços a nobre divisa do velho tragico. A sociedade actual não fornece á arte os grandes crimes que alimentaram o interesse da tragedia grega, porque as depravações contemporaneas não gravitam em tórno do crime heroico mas sim em tórno do vicio mesquinho e vergonhoso. Quem descreve os caracteres modernos tem fatalmente de operar na gangrena.

A disseccção tem todavia as suas leis de conveniencia e de elegancia. Além de que, para estudar um orgão é ocioso talvez expôr aos olhos do amphitheatro toda a nudez do cadaver. Mesmo em anatomia o completo conjunto é obsceno, porque é inutil.

As damas da côrte tão *pointilleuse* de Luiz XIV — ellas que representavam tudo quanto possamos conceber mais escrupuloso e mais exigente no decôro e no gôsto — frequentavam, sem offensa do seu fragil melindre de estufa, os theatros anatomicos.

«Á medida, diz Fontenelle, que Verney se tornava um homem á moda punha em moda a anatomia, a qual, encerrada até ahi nas escholas de medicina ou em Saint-Côme, ousou produzir-se na alta sociedade apresentada pela mão d'elle.» O tacto especial de Verney contém um exemplo que poderá não ser inutil aos romancistas modernos.

As senhoras portuguezas não cursam os estudos scientificos. Não têm os menores, os principios indispensaveis para entrar nos estudos mais complexos do homem, como são na sciencia a historia e na arte o romance de character e a esculptura do nú.

Por isso a falsa noção que ellas têm do pudor as torna incompativeis com muitas das mais preciosas convivencias intellectuaes.

Uma noção social não pode, porém, ser modificada pelos escriptores ou pelas academias. Essa reforma é a obra collectiva e impessoal do progresso nos costumes e nas instituições.

N'estas condições, deploraveis mas inamoviveis, maior deve ser a attenção do artista em limar —

tanto quanto isto seja possível sem detrimento da obra — os pequenos angulos subalternos que difficulitem a adaptação d'ella aos costumes.

N'este ponto de vista *O crime do padre Amaro* está adeante do seu tempo. Como obra de arte é este um destino feliz, porque n'este caso ter de esperar é adquirir a certeza de sobreviver. Como obra de hygiene social lamentamos que elle não possa desde já actuar pela sua influencia no espirito d'este paiz, onde o primeiro livro da educação moderna *La femme, le prêtre et la famille* é ainda tido por um sacrilegio do impio Michelet!

Janeiro 1877.

XVIII

Um dos nossos mais distinctos amadores, o sr. Luiz de Campos, acaba de dotar o theatro de D. Maria com um drama, cujo exito constitue o maior triumpho modernamente alcançado pelas letras portuguezas.

Não só os jornaes todos consagraram a esta obra louvores emittidos com uma energia desusada, mas

até a alta sociedade, de ordinario tão parcimoniosa de curiosidade dispendida com a arte, patrocinou com especial favor esta peça.

O auctor teve a gloria de vêr os seus finaes de acto applaudidos do fundo dos primeiros camarotes pelas mãos mais aristocraticas. Nas situações patheticas do seu assumpto lagrimas illustres sulcaram o pó d'arroz com que se perfumam os brazões das mais nobres e distinctas familias. Finalmente no fim do espectaculo o Poder Moderador, que assistira á representação em companhia de sua familia, expediu um dos seus camareiros, o qual foi ao palco comprimentar o laureado dramaturgo, pedir-lhe desculpa de lhe não pingar do alto do throno sobre o peito da casaca a commenda de Sant'Iago, e entregar-lhe em vez das insignias d'essa ordem excelsa, em nome do referido Poder, um cofre com uma pedra preciosa, que os jornaes do outro dia pela manhã almotaçaram em 1:500,7000 réis.

O drama do sr. Luiz de Campos intitula-se *Leonora de Bragança*, e encerra a historia d'aquella desditosa, cuja mocidade e belleza feneceram de subito, surprehendidas no ventre por tres facadas com que a brindou seu esposo, o mui nobre e poderoso duque de Bragança, um dos antepassados do Poder que hoje nos rege, e ao qual, bem como a sua fa-

milia, acima tivemos a honra de reportar-nos submissa e respeitosa.

O pretexto sob o qual D. Jayme damnificou com instrumento perfurante o abdomen de sua mulher fôram os amores d'esta com o pagem Antonio Alcoforado.

Existiram effectivamente esses amores? Era a duqueza realmente culpada de uma fraqueza anormal pelos pagens? Era Alcoforado um honesto e leal servidor do principe D. Theodosio, ou era uma ratoeira vil de duquezas incautas?

Ha duas opiniões ácêrca do modo de considerar no theatro a natureza d'este facto.

Na sua *Leonor de Bragança*, escripta em prosa, o sr. Luiz de Campos entende que a duqueza é innocente. Na *Leonor de Bragança*, escripta em verso, o sr. Alfredo Ansur julga a duqueza culpada.

Os fados, que tão propicios fôram á obra do festejado sr. Campos, trataram adversamente a obra não menos estimavel do mallogrado sr. Ansur. Julgamos do nosso dever protestar contra esta dura injustiça, pondo em cotejo as duas composições a que deu origem a tragica aventura de Leonor.

No drama do sr. Luiz de Campos a culpa toda do nojoso sarrabulho perpetrado por D. Jayme es-

tá unicamente, segundo diz o sr. Campos, em *haver o pagem um coração*. O sr. Luiz de Campos emprega constantemente *haver* em lugar de *ter*, não só nos casos em que esse verbo é usado como auxiliar, mas ainda quando se toma na accepção de possuir. Acatamos discretamente as razões de pundonor e de dignidade que possam ter levado este cavalheiro a cortar as suas relações pessoaes com o verbo *ter*. O simples depoimento do verbo *haver*, conjugado com tanta lealdade, cravado no discurso com tanta firmeza como aquella que se admira em todas as locubrações litterarias d'este auctor, basta para nos convencer da innocencia de Leonor.

Todos os encontros da duqueza com o pagem no decurso d'esta peça são de um character fortuito absolutamente illibado.

A scena está vazia. Leonor tem por acaso de atravessar do segundo bastidor á esquerda para o segundo bastidor á direita exactamente no momento em que Alcoforado por egual acaso atravessa do segundo bastidor á direita para o segundo bastidor á esquerda. Elles veem ambos meditando no verbo *haver*, e descarregam um sobre o outro o objecto das suas cogitações pouco mais ou menos nos seguintes termos:

Duqueza — Houveste alfim volvido?

Pagem — Houve; e vós, senhora, que heis de determinar-me?

Duqueza — Nada hei.

Pagem — Hão, quiçá, offendido-vos outra vez?

Duqueza — Não hão. Pagem, haveis de volver a casa do sr. D. Theodosio.

Pagem — Visto que não heis de mim dó, senhora minha, haja de se cumprir vossa vontade! Haverei fôrça, haveri de havel-a... Manhã, ao toque de prima, serei partido. De nada mais heis mistér?

Duqueza — De nada mais hei, pagem; e a Deus praza que jámais haja de haver! Ide-vos presto a D. Theodosio, consoante vos hei dicto, pouco ha.

Pagem — Em mim havei fé, minha senhora ama: eu me vou.

(Saem ambos, cada um por seu lado, meditabundos.)

A entrevista que dá causa á vingança do duque não a tem Alcoforado com a duqueza mas sim com uma das suas damas. Em toda a peça, finalmente, a duqueza, nem por carta, nem de viva voz, nem de simples ôlho, tem para Antonio uma palavra, um acêno, um gesto, em que se presinta, de leve que seja, a exhalação da perfidia.

O sr. Ansur é menos complacente com as suas personagens, como vamos vêr.

BEATRIZ ANNES

Grande mal, grande mal, senhor Fernão!

FERNÃO RODRIGUES

Que mal?

BEATRIZ ANNES

Homem em casa.

FERNÃO RODRIGUES

Com a aia?

BEATRIZ ANNES

Não.

FERNÃO RODRIGUES

Com quem pois?

BEATRIZ ANNES

Com nossa ama.

O fogoso e pittoresco sr. Ansur vae mais longe ainda: colloca o pagem aos pés da duqueza, e põe na bôcca de um e outro estas palavras:

*Que enthusiasmo sinto! Arfa-me o seio
Em vertigem de amor! Sinto a poesia
Na mente destillar grata ambrosia.*

*Ó senhora duqueza! Minha vida!
Como vos amo!*

LEONOR

Antonio! alma querida...

PAGEM

*Longe de vós a vida é-me desterro...
Perdoar-me-heis do coração este erro?*

LEONOR

Sim.

PAGEM

*Sem vos escutar e sem vos vêr
Não podia, senhora, mais viver!
Meu peito abraça.*

LEONOR

*Dóce pensamento,
Longe de ti é igual o meu tormento.*

E a duqueza prosegue, exaltando-se n'uma gradação rhetorica perfeitamente calculada pelo sr. Ansur até o ponto de lhe dizer o Alcoforado:

*Calae-vos por piedade! Tende imperio
Sobre a imaginação.*

Em outra scena da peça, depois de uma entrevista secreta com o pagem, á hora da meia noite, a duquesa profere uma palavra physiologica, de um sentido decisivo:

*Como evitar que o duque venha, e veja
Aqui tua presença que me peja?*

PAGEM

Meu Deus!

LEONOR

Jesus! esconde-te!

Ao que o pagem, com o temerario valor que só os altos sentimentos persuadem, replica energicamente:

Fujamos!

LEONOR

Por onde oh! céos?!

PAGEM

Por esta porta.

LEONOR

Vamos.

Sendo tanto a *Leonor de Bragança* do sr. Luiz

de Campos como a *Leonor de Bragança* do sr. Alfredo Ansur peças offerecidas pelos seus auctores a sua majestade el rei o sr. D. Luiz I, é claro que ellas devem ser consideradas pela critica não como livres producções litterarias mas como especiaes mimos dedicados á familia de Bragança. Ora n'este ponto de vista—não hesitamos em dizel o—a obra do sr. Ansur parece-nos muito mais completa e perfeita que a do sr. Luiz de Campos.

Pomos de parte a questão da investigação historica, que foi egualmente aprofundada pelos dois auctores. O sr. Luiz de Campos reforça-se com o testemunho dos documentos que manuseou: *A historia genealogica*, *As Decadas* de Couto e de Barros, a *Chronica de D. Manuel* por Damião de Goes e o *Auto de inquirição e devassa* existente na Torre do Tombo. O sr. Alfredo Ansur fortifica-se exactamente com os mesmos documentos por elle compulsados.

Para suas excellencias, armados de eguaes argumentos pró e contra a duqueza, a escolha do papel que tem de lhe ser dado n'este drama é pois uma questão de gôsto. O sr. Ansur, enquanto a nós escolheu melhor, e fez a sua majestade el-rei uma dadiua mais delicada.

Segundo o sr. Ansur o duque de Bragança D. Jayme é um cavalheiro infeliz em familia, ao qual

succede — como muito bem diz Menelau na *Bella Helena* — uma fatalidade. O duque deteriora a região intestinal da duqueza, mas deteriora-a em legitimo desfôrço da sua dignidade offendida, e ao abrigo das leis do reino.

Segundo o sr. Luiz de Campos, dada a innocencia da esposa, o duque não passa de um sanguinario estúpido, que envolve o seu brazão de familia e a futura tradição dynastica n'um ignobil e affrontoso chouriço de sangue innocente. O acto de mandar desossar pelo cozinheiro o pagem Alcoforado, com o mesmo facalhão com que se picam os bifes, é um facto indecente que, posto o criterio do sr. Luiz de Campos, estabelece um precedente que pode levar os servidores da casa de Bragança a não distinguirem inteiramente a differença que ha em ir para o paço e em ir para a salgadeira.

Eliminada a circumstancia do adulterio o duque é um facinora vulgar sem nenhum apoio na jurisprudencia ou na legislação. Depois da leitura da peça do sr. Luiz de Campos, um jury sensato que houvesse de julgar D. Jayme, mandal-o-hia degradado por toda a vida para a Costa de Africa. Só assim se poria uma sociedade culta ao abrigo de um principe que faz das esposas e dos vassallos um consumo que se não justifica pelas necessidades ordinarias da vida affectiva.

Parece nos ser um serviço em extremo subalterno prestado a alguém o publicar a historia de um dos seus antepassados á luz de uma critica cujas derradeiras consequencias são, como no drama do sr. Campos, a condemnação do mesmo antepassado a um genero de glorificação e de apotheose que elle só pode remir com a prisão correccional perpetua.

Na peça do sr. Ansur o antepassado da alta personagem, a quem elle a offerece e consagra, apparece-nos satisfactoriamente levado ao crime por uma provocação cheia de solicitude e de cortezia. «Ha homem em casa. Com a creada? Não. Com a patrôa.» Este grito sublime de clareza e de concisão esparge no facto um raio de luz juridica, e lança um immenso clarão de legalidade e de justiça sobre o chifarote brigantino destinado á perfuração das damas.

Nada mais tocante do que a situação do duque ao receber o fatal desengano :

Horror! Infamia! Anathema! Vergonha!

.....

Rompe-se-me do ser toda a harmonia,

Passa-se-me na mente extranha orgia!

Estalam-me do corpo as fibras!

Meu pobre espirito, que assim te libras

Do desespero na mortal esphera,

Não te consumas tanto! Acalma! Espera!

.....
Mofina dor me roe, me despedaça!

Emquanto descuidoso andava á caça,

Tu deliravas... tu... oh! que vileza!

E depois dirigindo-se ao pagem:

Arrepende-te dos teus peccados

Que os fios da tua vida estão contados!

PAGEM

Perdão! piedade!

DUQUE

Soffre com valor

Que mais soffreu por nós o Redemptor!

.....

..... *Alfim*

Com o manchil Domingos cortará

A cabeça do pagem. Morrerá.

A duqueza intervem com esta conceituosa mas intempestiva maxima:

Jamais decepes com manchil odioso

A cabeça de um justo. É horroroso!

O duque não precisa que lhe ensinem a resposta...

*Sabe mostrar do Barbadão de Veiros
O descendente como pune o ultrage,
Que lhe fizeste, Leonor! Apage.*

Não são estes porém os únicos serviços prestados pelo sr. Ansur á clareza justificativa dos factos e ao esplendor immarcessivel da casa de Bragança. A peça d'este benemerito cavalheiro abunda em conceitos e em noções preciosas para a historia da nossa monarchia. Quem é o luso que, prezando-se de amar o rei e a patria, deixará de lêr sem uma commoção profunda as seguintes palavras que o auctor põe na bôcca da mãe de D. Manuel, por occasião do advento d'este monarcha ao regio solio?

*Omnipotente Deus! quiz o destino
Dar existencia ao throno manuelino!
Quem predissera tal, filho cadete,
Quando surgiste á luz em Alcochete?!*

Temos por indigno e refece todo o cortezão que achando-se ao serviço da casa de Bragança se recusar a decorar os seguintes carmes em que o sr. An-

sur celebra os antigos privilegios heraldicos de tão distincta familia :

*A não ser o real, não ha poder,
Que possa hoje nos reinos exceder
O de nosso senhor! Pode D. Jayme
(Ó foros brigantinos inspirae-me)
Nas salas dos seus paços ter doces
E sitiaes nas egrejas dos fieis.
Forrada com arminhos, rica, larga
Vestir opa vermelha aberta á ilharga;
Ante si leva estoque, segundo acho,
Com o extremo voltado para baixo,
Distinctivo dos reis, que é para cima.*

Faz gôsto lêr estas noticias, e pensar a gente que pertence a um paiz em cujo throno se acha uma familia que antes de reinar tinha o direito de levar estoque para baixo, que ao reinar adquiriu o direito de levar estoque para cima, de sorte que pode hoje em dia (ó foros brigantinos acudi-me), levar estoque simultaneamente para cima e para baixo!

A unica cousa que se nos offerece reprehender na peça do sr. Ansur, por innumerados titulos superior á do sr. Luiz de Campos, é que o auctor a não tivesse accrescentado com mais um acto, no qual, para completa rehabilitação da casa de Bragança,

o duque D. Jayme nos apparecesse resgatando-se aos olhos do Omnipotente por meio das penitencias em que consumiu até o ultimo dia da sua taciturna viuvez. Nos paços de Villa Viçosa ainda hoje se mostra aos viajantes uma tina cavada no chão, a que se desce por quatro degraus, na qual é tradição geralmente recebida que o nobre duque se metia em agua, durante uma hora por dia, para desagravo e remissão de suas culpas. O illustre heroe tão devéras se arrependeu que chegou a mortificar-se d'esta maneira insolita e sem precedentes—tornando banho!

Seria um bello melhoramento na obra do sr. Ansur que s. ex.^a a completasse com um breve epilogo, em que D. Jayme fôsse visto amarrado pelo grilhão da penitencia a uma bacia, e ciliciado no vivo das suas carnes ultrajadas e viúvas pelo contacto expurgante de um sabão.

Postas estas considerações, não podemos deixar de perguntar: Porque motivo não cahiu do alto da régia munificencia sobre o peito inspirado do sr. Ansur o pingo da nobre ordem do lagarto, do merito artistico e litterario, pingo suspenso da real gotteira sobre as boças poeticas do sr. Luiz de Campos? Não teve o sr. Ansur a precedencia n'esta criação litteraria? Não é a sua obra dedicada igualmente a

el-rei? Não é ella escripta em bellas parelhas de versos de dez syllabas, em vez de o ser em prosa villôa como a do seu competidor.

O sr. Luiz de Campos, não podendo pela sua qualidade de deputado receber mercês honorificas, teve de el-rei o presente de um cofre no valor acima referido de 1:500.7000 réis.

Não se dando com o sr. Ansur a incompatibilidade annexa ao mandato popular, porque não se lhe confere a commenda da nobre ordem ou, quando menos, a sua equivalencia em cofre com pedra preciosa no valor de réis 1:500.7000?

Grave e inexplicavel injustiça! Se a nossa debil voz pode chegar até as orelhas da corôa, nós diremos ao augusto soberano:

Senhor! A vossa protecção ás letras patrias não se tem até hoje desmarcado de uma reserva tão discreta como constitucional. Os dramaturgos que precederam Luiz de Campos e Alfredo Ansur apenas têm colhido da régia liberalidade a graça de haverem possuido, collocado em uma *avant-scène*, durante uma ou duas representações das suas peças, o vosso real perfil, que outros não possuem senão collocado nas moedas de 5.7000 réis, cousa miseravel e vil. Acabado o espectáculo vós enfiaes o vosso paletot, accendeis o vosso charuto, retomaes o vosso sceptro no bengaleiro, e ides para

casa recolher as commoções da noite sob o agazalho da vossa corôa de dormir, de algodão branco com uma borla na ponta. O genio nacional não pôde ainda até hoje obter da vossa munificencia manifestações mais expressivas. Uma vez, porém, que de-jiberastes inaugurar a era do galardão litterario, dae a Alfredo Ansur a commenda que Luiz de Campos não pode acceitar. Dae-lh'a quanto antes. Não espereis que á cabeceira do vosso leito se erga o espectro do remorso, e que, sob a sua figura do poeta menosprezado, elle vos brade nos silencios da noite :

«Descendente de Barbadão! solta-me o lagarto!
Larga o lagarto, Barbadão!»

Se o throno for surdo ás nossas vozes, cahiremos sobre o sr. Luiz de Campos, e, com o manchil da justiça distributiva em punho, cortar-lhe-hemos a dádiva régia ao meio!

Que o sr. Ausur nos diga para onde quer que se lhe mande a metade do que lhe compete!

Maio 1877.

XIX

O Primo Basilio, novo romance de Eça de Queiroz, é um phenomeno artistico revestindo um caso pathologico. Para bem se comprehender esta obra é preciso discriminar o que n'ella pertence á jurisdicção da arte e o que pertence aos dominios da pathologia social.

Eis a doença que este livro accusa:— A dissolução dos costumes burguezes.

O mais caracteristico symptoma d'esse mal é a falsa educação. A educação burgueza tem um defeito fundamental: mantém na mulher a mais terrivel, a mais perigosa de todas as fraquezas. Esta fraqueza consiste no seguinte: No fundo mais intimo e mais secreto da sua existencia de artificio e de apparatus, a burgueza sente-se conscienciosamente mesquinha e réles. Vamos vêr porque.

Porque na burguezia, na burguezia de Lisboa principalmente, ha uma desharmonia medonha, um

contraste assombroso de desequilíbrio entre a representação da vida exterior e o systema da vida intima.

Basta olhar de fora para as casas, basta considerar o aspecto exterior do templo para se fazer uma idéa do que pode ser dentro o culto d'essa religião — a familia!

Comparem-se as nossas edificações urbanas, os casarões da baixa — rectangulares, batidos pelo sol mais ardente e pelos ventos mais asperos, desguarnecidos de venezianas, chatos, uniformes, rasos de toda a saliencia, de todo o ornato, como casernas ou como cadeias — com as graciosas construcções arabes da Andaluzia ou da Extremadura hispanhola, com o seu claustro interior, o poço de marmore ao centro do pateo, as galerias concentricas vestidas de trepadeiras em flôr, abrindo sobre o pequeno jardim, que é o coração da casa. Comparem-se com as sábias edificações modernas do norte da Europa, da Inglaterra, da Allemanha, da Hollanda, da Dinamarca.

Ponha-se a fachada de qualquer dos nossos predios do bairro central de Lisboa ao pé dos novos predios do Hanover. As novas casas allemãs, no estylo gothico francez, modificado segundo as exigencias da civilisação moderna, são obras primas de arte, inspiradas pela mais exacta comprehen-

são da hygiene, da moral, da estetica; são verdadeiros instrumentos auxiliares do melhor systema de educação. Construidos exteriormente de tijolos de tres côres, branco, côr de rosa e preto, ornados de pequenos eirados, de terraços cercados de hera, de estufas, de *logettes*, de aviarios em que cantam os passaros, de balcões em que desabrocham as flôres, esses predios, que têm a attractiva frescura exterior de outros tantos ramalhetes, são interiormente distribuidos do modo mais elegante, mais digno, mais accommodado aos deveres, aos respeitos, aos nobres prazeres da familia. A disposição mais escrupulosamente estudada do salão, da bibliotheca, da casa de trabalho, da copa, do jardim, de todos os compartimentos interiores da risonha colmeia penetrada de boa luz e bom ar, permite ás mulheres o saudavel prazer de girar na casa, activamente, n'uma grande variedade de aspectos pittorescos e alegres.

As casas do centro de Lisboa, de uma uniformidade cellular, monotona, parada como um olhar idiota, sem pateo, sem uma arvore, sem uma folha de verdura fresca e palpitante, tendo por âmago o saguão sombrio e infecto, com a ultrajante pia no interior da cozinha, ao lado do fogão, por baixo das caçarolas, com alcôvas sem luz, ennodoadas pelas manchas dos canos rôtos, inficionadas pelo cheiro

nauseabundo do petroleo e da alfazema queimada, são os sepulcros da saude e da alegria.

É n'essa serie de prateleiras, de gavetões de familias, chamados os *Arruamentos da Baixa*, que é educada a lisboeta.

Uma senhora franceza, tendo viajado em toda a Europa e visitando recentemente Lisboa, communicava-nos esta observação:

— «Noto um facto que me enche de perturbação e de horror, — n'esta cidade não ha creanças!»

Quizemos convencer do contrario essa senhora. Era em um dos primeiros bellos dias da presente primavera, de uma grande amenidade luminosa e balsamica, tinham chegado as andorinhas e as borboletas côr de palha, desabotoavam-se as rosas da Alexandria, appetecia desentorpecer os musculos na elasticidade de um bom exercicio, ouvir a agua, vêr os musgos, passear ao sol. Fômos ao jardim da Estrella, ao da Patriarchal, ao de S. Pedro de Alcantara, ao Campo de Sant'Anna, aos *squares* do largo de Camões, da praça das Flôres, do Aterro: lá encontrámos effectivamente um pouco de sol, alguma relva, alguma agua, mas não encontramos uma unica creança, a cuja saude sua mãe se tivesse sacrificado por uma hora, abandonando n'esse breve espaço de tempo a sua preocupação de magnificencia, e vindo simplesmente com o seu trabalho ou

com a sua leitura, á sombra de uma d'essas arvores, fazer crescer ao ar livre o seu filho, preparado para esse effeito com um banho e com um bibe fresco.

Nos dias de bom tempo, emquanto a maioria das senhoras de Lisboa frequentam as lojas ou fazem visitas, onde é que estão as creanças? As creanças estão dentro das casas que acima descrevemos—*a tomar proposito*. *Tomar proposito* é uma locução essencialmente local e intraduzível, que quer dizer: apprender a não saber andar, a não saber rir, a estar quieto e a estar calado, a corromper os mais nobres instinctos da natureza humana, finalmente a dissimular e a mentir. A menina só principia a sahir de casa depois de ter tomado o *proposito* indispensavel para não tagarellar imprudentemente, para não contar que houve favas para o jantar, ou que o papá ralhou com a mamã. Haver favas para o jantar e ralharem o papá e a mamã é de resto tudo ou quasi tudo quanto se passa em casa, porque não ha interesses de espirito, nem ha instructivas occupações práticas. Falta o jardim, a grande eschola da infancia onde os rapazes formam o character trepando ao alto das arvores, e as raparigas mondando os canteiros e protegendo os insectos e as flôres. Tambem não ha bibliotheca. Lêem-se apenas as bisbilhotices do jornal e os romances das traduc-

ções baratas. Nenhuma especie de estudo. Nenhuma applicação intellectual. Ignorancia absoluta de todas as cousas da natureza e da vida. Aos sete annos a menina vae para o collegio, onde aprende o francez e o inglez. Esta educação completa se em casa ensinando-se-lhe a tocar piano. Todas as prendas da sua educação são appendices da sua *toilette*: uma bonita letra, uma bonita pronuncia das linguas, e a *phantasia*, o bonito trecho de salão tocado no piano deante das visitas. Que sabe ella da arte, da sua natureza, da sua funcção sobre o nosso espirito? Que livros leu proprios para lhe suggerirem um alto ideal ou para lhe darem um criterio pratico? Leu os jornaes noticiosos e as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montépin, de Bellot, de Dumas filho. Não leu ou não entendeu nunca nenhum dos grandes educadores do espirito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Frœbel.

Não a interessa nenhum dos phenomenos da natureza, porque ignora completamente as leis que regem o universo e que determinam esses phenomenos.

Não a distrahem os interessantes cuidados do *ménage*, porque da casa, assim como da arte, assim como da natureza, o que aprendeu ella? Sem nenhuma noções da hygiene, nem da chimica alimen-

tar, nem da historia das sciencias e das industrias que fornecem os instrumentos da actividade ou do confôrto domestico, os graves arranjos da casa, tão moralisadores e tão attractivos, têm para ella o character de um mestér ignobil, desprezivel, adjudicado, com toda a porcaria que constitue a essencia da cozinha nacional, á discreção de uma creadagem villã, que retribue o desprezo de que é objecto trahindo, maldizendo a roubando. Da casa o que ella sabe unicamente é que ha duas ou tres salas de apparatus que se mostram ás peseoas de fora; um quarto mais ou menos infecto, uma possilgueirinha mobilada pelo Gardé, em que ella dorme até as dez ou onzé horas; um creado que furta nas compras; uma cozinheira que dá respostadas; e uma latrina contendo um fogão em que por meio de várias borundangas cabalisticas e secretas consta que se fabrica a sôpa.

Na religião ella padece os mesmos descontentamentos vagos e confusos que a humilham na vida social. Devota, appetece as altas penitencias elegantes: as romagens á fonte de Lourdes; a oração em frente da gruta no meio de velhas princezas romanescas e beatas; os jubileus em S. Pedro de Roma; a contricção aos pés do Summo Pontifice, coberta de renda preta, entre os peregrinos da mais pura aristocracia, misturando ao fumo do incenso o per-

fume mundano e penetrante do opoponax, enquanto os orgão soluçam, e o sol coado pelas vidraças coloridas se espelha nas couraças dos bellos guardas de bigodes torcidos e espadas desembainhadas. Presta ainda bastante consideração ás interessantes cerimoniaes da elegante religião nacional, como a do Mez de Maria na bonita igreja de S. Luiz, enramalhada de brancas açucenas, fresquinha e graciosa, semelhante a uma *bonbonnière*, ou como a da Semana Santa nos Inglezinhos, a cuja *petite entrée*, destinada aos intimos, rodam os *couffés* magnificos da piedade escolhida.

Mas pelo Deus da sua convivencia habitual, pelo pobre Deus de gesso do seu *bénitier* barato; pelo Deus da procissão do Carmo e da procissão da Saude, servido por padres barrigudos e oleosos, com as voltas sujas, arrotando motetos atraz dos andores; por esse Deus um tanto caturra, um tanto carola, pelo Deus da Baixa em fim, ella não tem senão duvida ou desdem.

Na moral as suas convicções baseiam-se em uma serie de principios theoricos, que ella viu sempre ou quasi sempre refutados por uma serie contradictoria de interesses práticos, tirando esta conclusão: que o dever consiste na mais habil combinação que se possa fazer d'essas theorias e d'esses interesses para o fim de chegar a este ultimo resultado, ao

qual tendem solidariamente todas as fraquezas das sociedades corruptas: — o socêgo.

Aos dezeseite ou dezoito annos ella entra no mundo, isto é, principia a frequentar o theatro, a lêr romances, a conversar com os homens. Percebe então vagamente que ha em alguma outra parte, n'outra região social, em outro bairro ou em outro paiz talvez, um mundo diverso do seu pequeno mundo insipido, ordinario, estúpido: que nem todas as raparigas vivem como ella, pura boneca, no interesse excluivo da moda e da *toilette*; com uma cabeça ôca; n'um quarto que não cheira bem; tendo um pae, automato de secretaria, de carteira ou de balcão, que pensa pela cabeça de um jornal barato e mal feito, e uma mãe que se enfiava medonhamente na sua bata e na sua ociosidade de cerebro, em revolta contra o destrôço dos annos e contra o preço crescente dos generos alimenticios, ralhando habitualmente com as creadas, ralhando com o aguadeiro, ralhando com o marido.

Principia então a causar-lhe um tédio profundo, nauseante, a sua vida domestica: a casa de aluguel de que muda de anno em anno; o seu pequeno quarto sem tradições, sem historia, como o de uma estalagem; o saguão infecto, onde zumbem no verão as grandes môscas gordas e pesadas; a cozinha escura como uma enxovia, deixando pender em es-

phacelamento as caçarolas gordurosas e as louças esbotenadas; a sala pretenciosa e inutil com os moveis angulosos e perfilados, o tapete com os dois cavallos arabes defronte do sofá, a lithographia da mulher que sorri por detraz de um leque, o album dos retratos dos parentes com o seu ar endominguirado e palerma, as flôres de papel, as missangas, e o globo de vidro azul pendente de um cordão ao meio dos cortinados.

Ella tem um secreto ideal de grande elegancia, de alta distincção decorativa, o que quer que seja de superfino, de requintado, de exotico, semelhante ao que viu no theatro ou ao que leu em um romance de Feuillet. E julga-se superior, predestinada para uma existencia mais nobre, incomprehendida no seu meio, que a envergonha. E nunca se refere á sua vida intima sem mentir. Mente ridiculamente a respeito das cousas mais simples, mais triviaes; e é para se dar um aspecto superior, para se encobrir do que é, que ella assim mente. Mente do modo mais miseravel a respeito dos creados que não tem, das visitas que não faz, da opera que não viu, dos livros que não lê, da modista a que não vae, dos banhos que não toma, dos jantares que não come, das dignidades, das distincções ou do luxo que não usa.

Casada, procura finalmente realisar os seus so-

nhos de leitora de romances e de frequentadora dos dramas do theatro de D. Maria. Mas não lhe sae o que quer: não sabe organizar aprazivelmente a casa, não sabe tornar encantadora a familia.

Humilhada, infeliz, começa a descorçoar a pouco e pouco da sua predestinação superior. Sente que ha na sua constituição moral uma falha, da qual resulta o desequilibrio dos seus actos com as suas aspirações. Não se acha firme na posse da existencia. Falta-lhe essa tranquilla e serena harmonia que se chama a perfeita dignidade, e que é o resultado da perfeita educação.

Se n'esse estado de espirito um homem que ella tenha por eminentemente superior a notar e a seguir, por pouco que esse homem conheça o facil processo de revigorar uma abatida vaidade romantica, ella cahirá com uma simplicidade tragica.

O homem superior, segundo o criterio da mulher em taes condições, é o dandy. Porque o dandysmo é a unica forma sob a qual a distincção se lhe apresenta como uma cousa perceptivel. O cerebro mais provido de nobres pensamentos terá para ella menos seducções do que uma cabeça bem penteada, de cabellos espessos, annelados, separados nitidamente por uma fina risca côr de rosa, perfumados de fresco. Nenhum encanto de espirito, nenhuma delicadeza de coração, nenhuma virtude de ca-

racter exercerá sobre a imaginação d'ella a fascinação com que a subjuga a alta elegancia authenticada aos seus olhos pelo crevetismo precioso. O seu homem superior, o seu homem irresistivel, o seu homem fatal, será aquelle que usar no seu banho a mais fina perfumaria, o que houver jantado nos mais celebres restaurantes do *boulevard*, o que se vestir e se calçar nos primeiros fornecedores da Europa, o que mais se tiver desgastado de musculos e de cerebro nos altos vicios, o que mais segredos tiver para contar das suas intimidades no mundo especial cujas mulheres consomem por dia segundo lhe disseram, cem ou duzentos luizes em *foie gras*, em *Champagne* e em *coldcreame*.

Se um tal homem, seccado, aborrecido, verdadeiramente estoirado nos refinamentos da sensualidade, habituado a raspar os seus sapatos nos tapetes de Smyrna dos *boudoirs* forrados de setim, envoltos em renda de França, mobilados de sandalo fôscico esculpido, cheirando ás penetrantes essencias de Lubin e á febre mal dissipada das dovoradoras noitadas; se um tal homem, dizemos, se ajoelhar um dia aos pés d'ella, para lhe dizer obscenidades ao ouvido, as mesmas obscenidades que dizia ás outras, *amando-a* finalmente, *amando-a* elle, apesar do que ella considera as suas inferioridades: apesar das suas meias com uma passagem, apesar

do seu joelho deformado pela falta de circulação proveniente de um defeito característico da sua raça, o defeito de não saber atar as ligas; apesar ainda do seu quarto cheirando a pia, dos seus sapatos mal feitos, do seu espartilho barato, da sua *toilette* da Baixa, da sua pomada de botica e do seu halito de dyspeptica denunciando um pouco a cebola do refogado nacional. . . Se, apesar de tudo isso, tão desdenhoso, tão frio, tão gloriosamente corrupto, traçando a perna, descobrindo desleixadamente as suas meias de seda bordadas, torcendo no dedo os seus aneis inglezes, encasando no ôlho o seu monoculo, approximando n'uma intimidade atenciosa e benevola as scintillações do seu correcto *plastron* de Poole, e as exhalações frescas e aromaticas do seu bigode e do seu cabello frisado á Capoul, elle souber pedir, ella pela sua parte não saberá negar.

Tal é o caso de pathologia social, caso profundamente verdadeiro, pavoroso, tragico, sobre o qual Eça de Queiroz escreveu *O Primo Basilio*, romance *realista*.

Realista porque? Por isso mesmo que exprime uma convicção social, e é esse o característico essencial da arte moderna. O romantismo não tinha senão convicções estheticas, e satisfazia assim as ne-

cessidades de espirito da sociedade que fez a Revolução, que cahiu no Imperio, que supportou as guerras de Bonaparte, e cujos cerebros não pediam á arte de 1830 senão uma cousa: serem acalmados e adormecidos. Os poetas então cultivaram o idyllo amoroso, e fizeram poemas dos seus proprios estados de espirito; os romancistas e os dramaturgos inspiraram-se nas tradições gothicas da Edade Média, e fizeram uma restauração litteraria e burguesia da cavallaria. De resto, nos artistas românticos, perfeita emancipação da forma e a mais profunda indiferença pelas questões sociaes do seu tempo. Elles foram successivamente ou cumulativamente catholicos, pantheistas, atheus, monarchicos, realistas, imperialistas, republicanos, scepticos, philanthropos.

A sociedade actual deixou de ser uma sociedade que repousa. É uma sociedade que se reconstitue inteiramente e profundamente desde todos os pontos da sua periphéria até as mais reconditas intimidades do seu ser. Esta reconstituição não se está fazendo empyricamente pela revolução ou pela sentimentalidade, está-se fazendo scientificamente pela convergencia harmonica de todos esforços intellectuaes sobre o mesmo problema. Compreendeu-se que são solidarios todos os estudos, que são correlativas todas as leis, desde a da indestructibilidade

da materia até a da evolução social; que finalmente se não pode chegar ao conhecimento positivo de nenhum phenomeno, quer da natureza, quer da sociedade, sem conhecer integralmente a serie ou a sequencia de series em que elle é o elo que prende um phenomeno anterior a um phenomeno subsequente.

N'esta liga de todos os espiritos para um fim commum, liga tão estreita, que cada nova lei, cada nova theoria, cada nova hypothese, em qualquer dos ramos da sciencia, se reflecte na direcção de todo o trabalho mental em qualquer das suas manifestações, dando por exemplo a theoria zoologica da adaptação ao meio um methodo novo na critica, — n'esta liga, dizemos, a arte não pode deixar de ter um papel diverso do que tinha ha trinta annos. Esse papel é-lhe imposto fatalmente pela nova orientação mental da sociedade. A arte moderna não pode já hoje basear-se em risonhas conjecturas abstractas; tem de assentar, para que nos interesse e para que tenha a importancia de um agente da civilisação, em factos de character scientifico, isto é: em factos que sejam a funcção de leis sociologicas. Queremos factos, não queremos exclamações: *Res, non verba*.

Foi da palavra *res*, tomada precisamente n'essa accepção litteral, que se tirou a designação *realismo*.

Chamar realismo ao que é puramente grosseiro, ao que é descarado, ao que é torpe, é calumniar o dogma. Uma obra de arte pode conter o maximo numero de torpezas e de obscenidades e não deixar por isso de ser simplesmente lyrica.

O *Primo Basilio* é um romance realista, porque é a representação de um facto social visto através de uma convicção scientifica. Luiza, a amante do primo Basilio, é a personificação tremenda da tendencia morbida de uma época. E é n'isso que consiste a alta moralidade do livro. O ser Luiza *castigada* (para nos servirmos da velha fórmula que via a moral dos livros no premio que n'elles se concedia á virtude e no castigo com que n'elles se fulminava o vicio), o ser castigada por meio de uma morte afflictiva é um facto accessorio, que não conteria senão esta moral negativa, se d'elle se quizesse extrahir uma moral,—que para evitar a morte por desgosto se deve attender no adulterio a que se queimem as cartas.

A moral d'este livro não está em que a prima de Basilio morre depois da queda; está em que ella—*não podia deixar de cahir*.

Reconhecemos que esta moral é pouco accessivel á maior parte das comprehensões. Esse é o grande mal do livro, ou antes esse é o grande mal da litteratura de que o livro faz parte. O *Primo Basilio*

suppõe um estado de civilisação artistica e litteraria superior á que existe na sociedade portugueza. Suppõe manifestações parallelas nas applicações da philosophia, na moral, na arte da pintura, na arte das construcções, na hygiene, na politica, na pedagogia, na critica das instituições, na critica dos costumes, na propria critica da arte.

Ora essas manifestações não existem por emquanto n'um estado de vulgarisação que determine uma corrente harmonica no sentido a que se dirige a arte tal como a comprehende, do modo mais elevado, o auctor do *Primo Basilio*. A sociedade portugueza não comprehendeu ainda de um modo collectivo e solidario, que é urgentemente indispensavel por todas as manifestações do pensamento proceder á reconstituição da educação burgueza.

De sorte que o dizer-se, como n'esse livro, á mulher nossa contemporanea: «Eis aqui está o modo pavorosamente simples como tu te rendes da maneira mais ignobil ao mais ignobil dos homens»,— parece um insulto áquellas que são as nossas amigas, algumas d'ellas as nossas companheiras de trabalho, as nossas mães, as nossas irmãs, as nossas filhas. Essa affirmação, porém, deixaria de ter um character apparentemente aggressivo se o artista podesse accrescentar:

«Eu não sou um homem isolado no meio da sociedade a que pertença. Sou uma parte d'essa legião de trabalhadores dedicados, profundamente honestos, que se sentem impellidos na obscuridade do seu estudo por esta ambição heroica:—tornar o mundo mais nobre e a humanidade mais digna. Na minha qualidade de artista, a ti mulher que me lês, o mais que eu posso fazer é commover-te de um modo profundo, levantando para esse fim o problema que mais directamente prende com o que ha em ti mais sagrado, com a tua castidade, com a tua honra. O amor clandestino, que a arte romantica personificava aos teus olhos em figuras apaixonadas, de um alto vigor dramatico, de um relêvo fascinante, offereço-t'ó eu tal como elle hoje te ha de apparecer na vida real, na pessoa de um biltre asqueroso, bem vestido, correcto, pelintra no fundo, meio principe e meio forçado das galés, friamente calculador, sovina, absolutamente pôdre. E é esse o homem que tu, pobre rapariga honesta, de preconceito em preconceito, de erro em erro, és trazida, através de todos os elementos que constituem a falsa educação que te deram, a admirar e a preferir sobre todos. Se na sociedade a que tu pertences e a que eu pertença ha uma religião, se ha uma politica, uma moral, uma sciencia, um jornalismo, uma critica, todos esses poderes mentaes harmoni-

camente e convergentemente estarão n'este momento — no momento em que eu tenho a concepção artistica do *Primo Basilio* — actuando sobre todas as influencias que te rodeiam para o fim de te darem da vida domestica, do amor, da familia, da dignidade, do dever, uma comprehensão nova, assente em factos verificaveis, geometrica, positiva, inabalavel. Á religião compete elevar e fortalecer positivamente a tua consciencia ou demittir-se da solução do teu problema. Á politica, emprehender a reforma das instituições em vista do teu aperfeiçoamento. Á moral, fazer-te comprehender a noção da justiça. Á sciencia, o determinar com a maior clareza as leis eternas do teu destino. Ao jornalismo, o fazer a applicação d'essas leis aos phenomenos sociaes de cada dia. Á critica, finalmente, o explicar-te a minha obra. A mim, porém, não me competia como artista senão uma cousa: depois de conceber espontaneamente a minha these, fazel-a viver na maxima elevação esthetica: porque meio? por meio da mais perfeita forma que pode attingir a arte. Foi o que eu fiz.»

Se com a natureza essencialmente artistica de Eça de Queiroz fôsse compativel a humildade de uma explicação n'essas bases, o seu livro teria no leitor uma influencia de muito maior alcance moral.

Mas um artista tem a obrigação de se não explicar, —o que seria invadir uma função alheia na justa divisão do trabalho intellectual moderno. Ha um gôsto publico, do qual procede uma critica official, assim como ha uma religião do Estado, da qual procede uma hypocrisia publica. Ora assim como o philosopho deve ser indifferente á theologia, o artista deve ser indifferente á opinião. Mas esta independencia da philosophia e da arte, se por um lado é a condição essencial da sua missão perante a pura arte e perante a pura philosophia, por outro lado ella é a principal causa de ficarem por muitas vezes adiados os mais importantes problemas perante a comprehensão dos espiritos e a satisfação das consciencias.

Taes foram as razões porque, ao terminar, *Basilio*, —uma tão perfeita obra, que a consideramos como sendo uma d'aquellas que mais honram a humanidade e de que mais se deve gloriar uma litteratura— nós fizemos esta propheta: Que este livro seria como um d'esses complicados instrumentos mechanicos destinados á observação dos mais delicados phenomenos da chimica, da optica ou da biologia, instrumentos inuteis— ás vezes perigosos— para todo aquelle que não tem a sciencia de os pôr em exercicio e de vêr por elles a divina revelação de um novo mundo.

XX

A restauração da arte em Portugal acaba de ser confiada pelo governo aos cuidados de uma commissão. Aquillo que durante um seculo não puderam conseguir todas as fôrças da civilisação reunidas, vae agora fazel-o, n'um mez ou dois, a referida commissão, especialmente encarregada: 1.º *de organizar um museu*; 2.º *de conservar, guardar e reparar os monumentos historicos nacionaes.*

É facil conjecturar quantos esforços empregará esta commissão, composta dos cidadãos mais zelosos, para se desempenhar do encargo que lhe foi incumbido. Para organizar o museu a commissão principiará por procurar todas as obras primas da arte disseminadas em Lisboa e não colligidas nas galerias. Para este fim a commissão andarás pelas ruas, com uma lanterna e um gancho, allumiando, espreitando, escarafunchando.

Depois de bem exploradas as ruas e de recolhi-

das todas as obras de arte classica que n'ellas se encontrarem, a commissão passará a revistar o interior dos predios, os sotãos, as escadas, as chaminés, os saguões. Quem tiver quadros e estatuas dos grandes mestres para deitar fora, que os ponha á porta da rua! a commissão irá recolhel os todas as manhãs com uma carroça, zo toque de uma campinha.

Dos predios a commissão passará aos canos. Jornaes dirão: «A commissão partiu hontem. Muitos cavalheiros foram despedir-se de s. ex.^a—a uma sargeta da zona alta.» Os *reporters* irão para o Tejo em cada manhã esperar que a commissão e a arte resurjam.

Finalmente,—bem averiguado que a commissão nada encontrou, quer como quadro, quer como monumento historico, nem nas ruas, nem nos predios, nem nos canos,—de todas essas obras immortaes, tão importantes para os estudos da arte, não achadas pela commissão,—se constituirá o grande museu nacional, do qual, este producto:—a renovação do genio.

Mas a arte, a pobre arte—coitada!—ella que tem nas sociedades vivas uma tão elevada missão, ella que é ao mesmo tempo a despertadora e a pa-

cificadora suprema dos espiritos, ella que é a verdadeira chave da actividade intellectual de cada povo e de cada era, merece que lhe consagremos uma palavra séria, um momento de attenção delicada e grave.

A arte não acaba nunca, porque a sua raiz vital prende-se no mais intimo do coração humano. A propensão artistica é na humanidade uma funcção physiologica. Não ha homem algum, que, por effeito de uma necessidade moral do seu organismo, não tenha, uma vez pelo menos em sua vida, guiado por uma esthetica instinctiva, aprimorado a contextura litteraria de uma phrase, tentado com o lapis o contôrno de um perfil, assobiado o trecho de uma aria.

Em certo dia, a certa hora, em dadas circumstancias exteriores, sob a influencia de um determinado estado moral, todo o homem, presta a homenagem, muitas vezes inconsciente mas sempre submissa, á arte por excellencia,— á pintura, no seu sentido mais lato,— á arte da combinação das côres e da harmonia das formas.

Todos nós somos um pouco pintores quando fazemos um ramo, quando escolhemos o estôfo para uma cortina, quando decotamos um arbusto, quando compomos aos cantos, nas paredes, no chão, so-

bre a mesa, os objectos dispersos no nosso quarto: os livros que coordenamos na estante, a cadeira de braços que rolamos para junto da janella, a gravura que penduramos defronte da secretária, os cachimbos que mettemos dentro de certo vaso, o biombo que abrimos de certa maneira, a espada que penduramos no muro, o roupão que deixamos ficar como o acaso o deixou, cahido no braço de uma cadeira

O que é toda esta serie de actos, tão frequentes na vida quotidiana de cada um, se não a evolução physiologica do sentimento artistico immanente na nossa natureza civilisada? O que é o canto, a dança, o emprego predilecto de certas côres e de certos ornatos nos povos barbaros descobertos nas regiões mais incultas, senão o mesmo sentimento fundamental patenteado nas naturezas mais rudes e mais selvagens?

D'este sentimento profundamente instinctivo e humano que se manifesta em cada um de nós como um facto colectivo da nossa especie independente de todos os interesses pessoaes e egoistas, d'este sentimento homogeneo do qual, entre outros phenomenos da vida externa, resulta, por exemplo, o phenomeno da *moda*, facto sobre o qual se acham de accôrdo em todos os tempos e em todas as sociedades os individuos mais adversos, — d'esse senti-

mento commum e universal na comprehensão de certas linhas e de certas côres, sae a concepção primitiva da obra de arte.

Começando o dominio da arte n'aquelle ponto das nossas concepções intellectuaes em que termina o interesse dos especialistas, em que cessa a divergencia individual de cada opinião, em que todo o egoismo acabou, a arte desenvolve-se mais ou menos na mesma proporção em que, por effeito da organização social por um lado e da educação intellectual por outro, augmenta ou diminue em cada cyclo da nossa vida historica, em cada phase do progresso, a materia do accôrdo geral.

O meio social mais propicio á criação das grandes obras de arte é portanto aquelle em que se estabelece a concordancia mais harmonica e mais perfeita entre as instituições da sociedade e as aspirações dos individuos. Tal é o periodo incomparavel da arte grega.

Sempre que na organização social se não dá esta perfeita juxtaposição dos principios e dos factos, a arte, não encontrando como na Grecia a synthese feita do destino humano, procura successivamente em cada evolução do espirito o facto culminante em tôrno do qual se constellam, como formando a expressão moral de cada época, o maior numero de assentimentos e de adhesões.

Assim quando a sociedade é dominada pela profunda e sincera crença catholica, apparecem perante a summa majestade theologica os extraordinarios quadros de Raphael, de Miguel Angelo, de Leonardo da Vinci, de Murillo.

Quando Luthero proclama as primeiras liberdades do espirito e lança ao throno pontificio o cartel do duello que lhe propõe a razão humana, a Reforma produz os grandes artistas, e illuminados por uma extranha auréola grandiosa, blasphema e prophetica, apparecem-nos Beethoven, Rembrandt e Bernardo Pallissy.

Mais tarde a Revolução Franceza intervem abruptamente na grande operação critica que a humanidade vinha lentamente elaborando desde o seculo xiv. A Revolução traz consigo uma fôrça nova, até então desconhecida na solução das crises sociaes, — a fôrça da miseria. A espada popular mergulha-se até os copos no velho corpo cujas veias a philosophia estava delicadamente dissecando com a subtilidade do bisturí, e a civilisação é inundada com um jôrro de sangue.

Quando os que escaparam á sangrenta inundação procuravam entre as ruinas o logar em que tinha ficado o thesouro precioso dos direitos humanos, um homem sobre todos fatal á humanidade, desembainha theatralmente a sua espada de soldado aven-

tureiro e mercenario, e áquelles que procuravam o direito guia-os caviliosamente para o despotismo. Mais traidor do que Judas, que vendeu a Christo pelos trinta dinheiros, elle perverteu a revolução, vendeu a justiça, atraçou a liberdade, esmagou a França, enviuvou o progresso, enjeitou o futuro... Por quanto? Por uma simples figura de rhetorica, apparatusa e ôca como o seu reinado, pelos «quarenta seculos das pyramides!»

O sinistro e infausto dominio napoleonico apartou os espiritos da solução dos grandes problemas sociaes.

Uma immensa duvida, uma profunda descrença enluctou a humanidade. A intelligencia recalçada da esphera das applicações práticas para a das especulações subjectivas principiou a interrogar mais particularmente a alma, as paixões, as luctas interiores, as indefinidas aspirações, as grandes máguas mysteriosas, os desalentos, os anhelos, as phases todas do amor, do amor antigo, do amor provençal, do amor dos pagens, dos trovadores e dos menestreis, do amor demievico, que cada um julgava encontrar resguardado no seu coração, com as tradições gothicas da velha cavallaria, com as sentimentalidades romanescas e galantes das antigas côrtes de amor. E d'esta evolução sahiu com a arte romantica a musica de Verdi e de Bellini, a poesia

paralela de Lamartine e de Musset, e os quadros de Ingres e de Leopold Robert.

O romantismo está já hoje muito longe de nós. Enormes factos subseqüentes cavaram entre a Restauração e o tempo actual uma distancia de seculos. A geração moderna rasgou como indigno da missão imposta á actividade humana o programma das existencias romanticas consubstanciado pelo auctor das *Meditações* n'aquella fórmula celebre: *Aimer prier, chanter, voilà toute ma vie!*

Os homens actuaes comprehenderam que lhes competia levar ao cabo a obra encravada da Revolução. A sua missão é especialmente critica, não já a critica que nega, mas a critica que systematisa. A obra que está incumbida ao maximo esforço intellectual do tempo moderno é a de tornar effectivos, perante a grande renovação social e moral os effectos da operação negativa realisada por aquelles que nos precederam.

A terrivel demolição completa dos antigos systems está concluida. As crenças fundamentaes em que se baseava a ordem, em que se baseava a politica, em que se baseava a economia, em que se baseava a religião, em que se baseava a moral, morreram ou estão expirando n'este momento no fundo da consciencia de cada um.

Que ainda o não digam os jornaes, que ainda o

não digam os parlamentos, que ainda o não digam nem os theatros, nem os quadros, nem os livros, que importa, se nol-o diz a cada um de nós o nosso coração? se na solidão e no recolhimento da nossa alma não encontramos no fundo d'ella senão a duvida ou a negação dos profundos principios em que nossos paes fundamentavam a suprema equação do seu destino?

Extraordinaria crise mental! momento de uma importancia unica talvez em toda a evolução humana!

Fazer passar pacificamente, isto é, pelos processos scientificos, o que está na penumbra da opinião individual para a grande esphera do criterio publico eis a grande missão da publicidade moderna. Determinar para cada um dos problemas da sociedade e para cada um dos problemas do espirito a base da conciliação humana, eis o fito de todos os estudos actuaes.

N'esta conjunctura, a arte não encontra na synthese social principio algum indiscutivel que prenda desinteressadamente o consenso geral pela convicção, pela fé, pelo enthusiasmo, por algum dos grandes sentimentos suggeridos pelas fortes idéas universaes e culminantes.

O mundo moderno efferece apenas estes dois tristes aspectos: na ordem dos factos a confusão inex-

tricavel de uma renovação immensa; na ordem dos sentimentos e das idéas um espirito de critica implacavel, um frio racionalismo incommovivel, impenetravel a todos os effeitos da rhetorica, da emphase, da sentimentalidade.

A religião, a nacionalidade, a patria, o heroismo, a gloria militar, o proprio amor, todos os grandes factos que constituem a materia exploravel da arte são hoje outros tantos problemas adjudicados á sciencia e que estão fora da esphera da arte, porque a arte não resolve equações, a arte não discute, a arte apodera-se das soluções achadas e dá-lhes a forma que exprime ao mesmo tempo o facto e a lei de que o facto é a funcção. A obra da arte é o corollario de series de demonstrações feitas pelo raciocinio ou de crenças transmittidas pela fé. Quando as demonstrações faltam e faltam egualmente as crenças, a inspiração artistica deixa de existir. É o que succede no momento actual.

Na falta da inspiração creadora os artistas exercem as suas faculdades no aperfeiçoamento do processo.

Nunca em tempo algum o processo artistico atingiu a perfeição moderna. Nunca se escreveu tão bem. Nunca o esty'o adquiriu tão grande poder scientifico, nunca chegou a tão profundos resultados na pintura da natureza exterior, na analyse psycho-

logica dos caracteres, dos sentimentos e das paixões. A palavra nunca foi tão subtil, tão delicada e tão poderosa. Todas as notas, todos os tons, todas as linhas da materia, todos os estados do espirito, todos os phenomenos do cerebro, todas as vibrações dos nervos, todas as manifestações do temperamento encontraram na escripta o seu vocabulo preciso, a sua perfeita revelação graphica. Os meios de elocução adquiriram uma variedade e um poder illimitado. O escriptor descobriu todos os methodos de expor o ponto dado, todos os modos de conseguir o effeito proposto. A linguagem obedece como um teclado. A transmissão de todas as sensações entre a mão do artista e o espirito do leitor é um simples effeito de execução, uma questão de gymnastica. O orgão de que o estylista dispõe, e que elle domina, tem um registo para as lagrimas, um registo para o riso, um registo para a indignação. Comprime-se com o dedo a mola A e as mulheres empallidecem; carrega-se no ponto B e os lymphaticos choram; puxa-se pelo botão C e os sanguineos riem.

A sensibilidade particular do auctor, a sua impressão pessoal não intervem já no effeito da operação litteraria. Se o escriptor sentisse na mesma ordem e na mesma intensidade dos sentimentos que promove, a sua obra perderia todo o relêvo, toda a

nitidez, toda a precisão, — faculdades resultantes da fria applicação da sciencia ao delicado e minucioso trabalho do labor. A inconsciencia dos antigos inspirados desapareceu. A inspiração acabou, ou cahiu, como um pretexto da ignorancia e da preguiça, nos dominios banaes da bohemia. O caracteristico de todas as obras modernas é a critica exercida pelo artista sobre a sua propria impressão, a superioridade do auctor sobre a sua obra, a resistencia d'elle sobre o seu meio, a posse do seu dominio. O antigo aphorismo *O estylo é o homem* caducou. Ha muito que o estylo deixou de ser a fatalidade reveladora do temperamento pessoal de cada um. O estylo é a sciencia.

Em Lisboa — graças á iniciativa poderosa de um homem, que representa só por si uma instituição, o sr. Pedro Daupias, — ha uma galeria de pintura contendo trabalhos dos primeiros artistas contemporaneos. A analyse d'estes quadros corrobora inteiramente as conclusões do nosso estudo.

Eis algumas das nossas notas :

A paizagem é, naturalmente, em confirmação da nossa theoria, o genero mais especialmente moderno. Aqui estão, entre outros, dois dos primeiros paizagistas contemporaneos: Corot e Diaz.

Corot dá-nos uma paizagem de Vile d'Alvray,

nos suburbios de Paris. É absolutamente impossivel reconhecer o modo como semelhante tela foi coberta. Parece que a tinta se distribuiu no panno ao acaso da phantasia: esmurrada com a brocha, applicada com a pôlpa do dedo, com a folha de uma faca, com o bico de um palito, e que em seguida uma regua de aço passou sobre a tela fresca e esbateu, confundiu, misturou, alizou tudo. Em seguida aquillo enxugou, envernizou-se, encaixilhou-se e pendurou-se no muro. Como effeito, nada mais profundamente verdadeiro e mais vivo. É a natureza macia das regiões dos prados, dos choupos, dos castanheiros e dos lilazes. As vegetações, os fundos de caminho, a bacia do valle, uma collina que está á esquerda, as primeiras casas de uma aldeia que despontam na encosta, tudo envôlto no ténue vapor translucido que esbate todos os contornos, dilue todas as tintas, dá o tom uniforme ás gradações das côres mais diversas no aspecto vivo dos campos. Olha-se o quadro, e cada um sente a sensação do ar livre, fresco, penetrante; não ha ninguem que não se recorde de ter visto um recanto de paizagem assim, ao longe, na bruma da manhã, ao desembocar de um caminho, ao dobrar o cotovello de uma estrada, ao descer o store de um wagon. Considera-se devagar, attentamente, e nos primeiros planos, que a principio pareciam confusos, comprehendem-

se todas as minudencias do solo, adivinham-se as pequenas pedras sôltas, os musgos, a herva sêcca misturada com a herva viçosa, as palhas, os grave-tos, os torrões esboroados, os pontosinhos microscopicos luzidios e scintillantes, as pequenas flôres silvestres, a camoniella, a papoula vermelha de quatro petalas, o cardo, a teia de aranha aljofrada de orvalho, as luzernas e os trvêos esmaltados de rôxo, as heras que serpenteiam nos velhos troncos musgosos e carcomidos, as madresilvas e as amoras que pendem nos vallados, as abelhas douradas, as borboletas côm de ganga, e o cavallico que velho, ossudo, de cabeça grande e pesada, o carrejão das hortaliças, de pêlo comprido e lanzudo, côm das folhas mortas, levando a passo lento por uma clareira fora o cavalleiro rustico que o guia pelo cabresto. E tudo isto é concebido e executado de um só jacto, n'uma só mancha, como se o artista possuísse o segredo do *fiat* creador, e n'um só instante houvesse dicto: a paizagem seja! — e a paizagem tivesse sido.

De Diaz ha uma floresta vista do nivel do solo sob o aspecto por que ella se apresenta a quem está deitado no chão. O processo differe inteiramente do de Corot. A maneira do paizagista francez no quadro que acima descrevemos seria absolutamente opposta aos effeitos que a natureza apresenta no quadro do celebre pintor hispanhol. O tom geral macio

e lizo dos terrenos de alluvião desapareceu. Aqui tudo é granítico. A tela tem uma superficie aspera como se fôsse trabalhada ao buril. As grandes e velhas arvores, de grossas cascas, destacam-se duramente com o vigor fibroso do sobreiro e do carvalho, com a percuciencia detalhada dos ramos da oliveira. O sol penetra obliquamente a floresta de Diaz, e risca a espaços, com grandes traços luminosos e ardentes, o solo fôfo das camadas da folha outomniça. A vida freme e palpita nos átomos que nadam em luz, e em todos os planos da perspectiva ha o que quer que seja de poderosamente animado, de forte, de persistente, como o zumbir da colmeia.

O italiano Boldini apresenta-nos uma pequenina figura de pouco mais de meio palmo de tamanho. E uma mulherzinha. Está vestida á moda do Directorio, de tulle e seda, com o vestido curto e *collant*. Tem vinte annos. Extendida n'um *fauteuil* Luiz VIV, vista de lado, com os pés encruzados, patenteia todas as formas um pouquinho espessas para a sua idade, como quem tem gosado de um appetite saudavel e o tem satisfeito, mais ou menos legalmente, ceando com uma gula meditada e esclarecida, mastigando com devoção as cabeças das galinholas e bebendo o Champagne com beatitude. O pequeno estomago arredondadinho, que a sua atti-

tude estirada deixa sobresahir por baixo do curto cinto imperial, denota ter dentro um gordo e succulento peito de Perú estofado com trufas, e um bom copo de Bourgogne. Uma grossa madeixa de cabellos louros, fortes, crespos, atrevidos, cobre-lhe a testa. O olhar cae por entre as longas pestanas sobre a pagina do livro que ella tem na mão. O nariz curtinho é um mimo de graça, de travessura, de malicia. A bôcca, vermelha, humida e rija, está cheia de ironia, de sensualidade, e todavia no seu labiozinho inferior presente-se engatilhado o desprezo. Tem-se vontade de lhe dar um beijo e um beliscão. Ella mostra-se perfeitamente disposta a acceitar e a retribuir essas duas cousas, sómente quem lhe der o beliscão é que ha de receber o seu beijo e quem lhe der o beijo é que ha de recobrar o beliscão. Da fimbria do vestido destacam se sobre o tapete, descobertos até o artelho, os pés d'esta diabinha, pequenos, turbulentos, terriveis, calçados em meias de seda côr de carne e sapatos, rasos como pantufos, de setim côr de rosa. Sobre os joelhos cae-lhe uma estreita manta bordada a matiz. Uma pequena banca, um biombo fazendo fundo, completam este quadro, que tem dez centimetros e que vale vinte libras—por centimetro. É de uma execução de detalhe inexcedivel.

De Zieme ha duas vistas: uma de Veneza ao sol

posto; no primeiro plano uma escadaria de palacio mergulhando no canal, onde, como um grande passaro adormecido, estaciona uma gondola; a outra de Constantinopla olhada de uma eminencia sob o maximo clarão do dia. A cidade, de um tom ardente, rubro, está banhada de sol e resplende com uma grande magnificencia byzantina. Dos grandes grupos de casaria, das ruas sobre cujos passeios se estendem os toldos orientaes, erguem-se as magnificentes mesquitas, os ricos zimbórios, os elegantes minarettes. Poucos traços, poucos pontos, um colorido uniforme, um esboço, que parece executado em uma hora, evoca a velha cidade dos monumentos e das maravilhas, e faz resurgir em toda a sua pompa desanimada e antiga a Roma do Bosphoro.

O quadro de Van Hier representa uma outra vista, a de uma pequena cidade da Hollanda, coberta de neve. Tudo é branco, de uma tonalidade salina. No ar, feito de uma combinação de leite e chumbo, ha um ponto de luz baça que transparece debilmente em uma ténue auréola estanhada, e é o sol d'aquelle dia, que faz desejar os quentes e confortaveis interiores dos quadros flamengos, em que a cerveja espuma nos copos ao pé da fogueira, no aconchego do lar, dôce refugio ideal das regiões do gêlo.

Gêrome, tido geralmente pelo representante mo-

derno da *grande arte*, tem *A venda das escravas*. Junto de um muro, onde pousa uma enorme arara, está em pé com um braço arqueado para cima da cabeça, o outro pendente, n'uma attitude desolada, com grande expressão de dôr, uma joven mulata, núa, primorosamente desenhada. Junto d'ella, no chão, sobre um tapete da Persia, acocora-se, n'uma impassibilidade imbecil, uma preta com a cabeça enfeitada por um cravo encarnado. Ao pé da preta pousa um macaco, seu amigo por *sympathia*, quasi diríamos per consanguinidade. Posto que um tanto frio de côr, este quadro superiormente pintado, tem um bello aspecto elevado e grandioso. Como concepção artistica falta-lhe porém a expressão do conjunto. A obra de arte n'este genero não pode contentar-se com dar-nos a expressão pessoal de uma ou duas escravas, precisa de consubstanciar o grande factio complexo da escravatura.

O *jardim do harém*, de Pasini, está no mesmo caso. As odaliscas que passeiam na melancólica cêrca, através de cujos muros se descobre por janelas miudamente gradeadas o livre azul infinito do céo, nada significam senão um estudo de typos physionomicos e uma grande riqueza ostentosa de roupagens magnificas.

Uma mulher que deita cartas, de joelhos n'uma alcatifa, com uma das mãos no chão, o baralho ex-

tendido deante d'ella, é de um colorido soberbo e de um magnifico effeito de luz achado por Richter.

As bordadoras são outro effeito de luz, de Escosura.

A bella marinha de Guegnefeld é ainda um effeito de sol poente.

O fumista, de Roybet, representa um arcabuzeiro accendendo o cachimbo.

Ha, de Volon, um interior magnificamente pintado. É uma sala moderna, d'essas em que a luz do dia não entra senão pallidamente, através de uma serie de cortinas. A difficuldade de combater o tom frio e monotono d'essa luz refracta está vigorosamente vencida. A sala é quente e riquissima de côr. O tapete é magnifico. O vaso com flôres, os cader-nos de musica, uma flauta, os jornaes, os albuns, as brochuras são feitas com a maior predilecção de acabamento. Uma senhora e uma creança, que *pousam* defronte de um piano, têm o ar de prestar um simples assumpto a uma gravura de modas.

O *Ferrabraç*, de Geoffroy, o *Bóbo do Rei*, de Desportes, a *Rêverie*, de Macari, são bellos estudos de figura e de roupas. O de Macari, representando um retrato do tempo de Henrique II, é de rara perfeição.

Troyon, tão celebre, tão raro, tão estimado dos

collectores, offerece duas paizagens: *Retour de la prairie (sous bois)* e *Avant l'orage*.

Daubigny cultiva igualmente a paizagem.

Entre os quadros de genero d'esta galeria têm os primeiros logares, *A cozinha*, de Yzabey, e o *Jantar*, do Conde Pastoris.

A cozinha é um interior feudal cheio de abundancia, de poder e de luxo. Uma enorme fogueira chammeja no vasto lar. Os commensaes do senhor, que passou o seu dia a montar, descançam e esperam a refeição pantagruelica. Uma grande multidão pittoresca e variegada enche a officina: falcoeiros; palafreiros; monteiros enlameados, que se enchugam ao lume; cães que fariscam os cantos ou que se empinam e latem atrelados pelos moços; o despenseiro que desce á adega subterranea com os cangirões da cidra; as creanças, filhos dos servos, que olham o grande movimento da fabrica; os pobres esfomeados que esperam com as suas escudellas debaixo do braço; os senhores, nobremente vestidos, com o punho na ilharga ou sobre os copos da espada, apparecendo ao alto da escada e dignando-se descer a communicar com os seus vassallos.

O *Jantar*, de Pastoris, é dado por uns velhos fidalgos do principio d'este seculo a um cardeal e ao seu sequito. A casa é grande, de um aspecto ceri-

monioso e grave, cheirando ás cousas fechadas, ao interior veneravel dos gavetões antigos. No ar revolteiam com dignidade os átomos austeros do môfo, e a luz que entra pelas altas janellas, abertas para aquella solemnidade, quebra-se com surpresa nos débeis olhos desbotados das mythologias tecidas nos pannos de arrás que forram os muros. Sua Eminencia está sentado ao centro da mesa entre o dono e a dona da casa. Os demais logares são occupados por ecclesiasticos, clérigos regulares e seculares, uns com os seus habitos e as suas sandalias, os outros com as suas batinas; creados velhos, de enormes librés, intervindo inclinados sobre o hombro dos convivas, servem o café. Um padre novo, Cicero tonsurado, em pé, admiravelmente plantado, lê n'um papel aberto um comprimento de occasião. Os donos da casa, festivos, jubilosos, serenos, repousam dôcemente no santo orgulho de terem á sua mesa uma companhia tão selecta, tão culta, tão illustre na terra, e com tão intimas relações para qualquer empenho no reino do céo. Sua Eminencia o príncipe da Egreja, — de vestes cardinalicias, edoso e gordo, com as fleugmaticas mãos papudas cruzadas sobre o abdomen, os olhos humildes, beatíficos, poucados no prato vazio, parece estar com todo o seu ser empregado em digéir e em render graças. Que mais pode desejar aquelle venerando príncipe? Co-

meu e rezou. O seu bo.n estomago antigo, de primeira patente, esmoe, sob a purpura que o envolve, como se fôsse um moínho de diamante. As rôscas sensiveis e delicadas do seu augusto paladar estão consoladamente barradas com os succos aromaticos das perdizes de recheio, com os finos pudins de suaves nomes mysticos, como o *toucinho do céu* e os *papinhos d'anjo*. Um generoso vinho côr de topazio, scintillante e vivificador, como um raio de sol convertido em liquido n'um copo de crystal, escorreu-lhe lentamente pelo tubo gastrico como um delicioso elixir de ternura. Em volta da sua digestão as preces, de baionetas caladas para o demonio, formam um quadrado inexpugnavei. fazem a guarda invencivel do estomago cheio e da consciencia humilhada. Achar-se regalado, e ser santo: admiravel simplificação do problema da vida! Alli esse homem é o mais feliz dos mortaes, e d'alli o seu caminho é para a cama, para a fôla cama dos colxões de pennugem, sob os agasalhados *edredons*, ou para a bemaventurança eterna, entre os eleitos do senhor, á mão direita de Deus Padre.

Finalmente, em todos os quadros d'esta galeria, a unica da arte moderna em Portugal, as mais finas intenções, os mais nitidos detalhes, a mais perfeita comprehensão da natureza, os mais variados

processos de critica, de analyse, de execução, sem paralelo na obra da pintura antiga.

Se é pois certo que nunca se trabalhou melhor, que nunca a habilidade da execução chegou á perfeição dos resultados modernos; se é igualmente certo que os processos actuaes não são de modo algum uma suggestão de eschola ou de systema de ensino, mas sim o fructo do empenho individual em transmittir a impressão sob o aspecto por que ella foi criticada no espirito de cada um, que influencia ha de ter o esforço do governo applicado á restauração da arte moderna? Se o governo não pode ensinar-nos o processo, que quer elle fazer? Quererá dar-nos um novo ideal? Quererá estabelecer um novo ministerio: o ministerio da *inspiração publica*?

Quer o governo saber o que falta aos artistas em Portugal? A mesma cousa que falta a todo o portuguez; a mesma cousa que falta ao paiz; a mesma cousa que falta ao mesmo governo: a instrucção. Não é da instrucção especial e technica que se trata. Trata-se da instrucção geral, que dá a coordenação das idéas, a discriminação dos principios, a disciplina mental, as convicções, a rectidão do criterio, finalmente as bases essenciaes da logica, da harmonia, da inteireza no destino de cada individuo e no destino de cada povo.

Francamente :— como querem ensinar-nos a affirmar-nos na arte, quando todos nós estamos inteiramente inaptos para nos affirmarmos a nós mesmos na razão e na consciencia?!

Nomeando uma commissão para reformar o ensino das Bellas Artes, o governo de sua majestade el rei o senhor D. Luiz parece-nos estar, com relação á comprehensão das necessidades intellectuaes do paiz, um tanto abaixo da sagacidade e da sabedoria patenteada ha seculo e meio pelo governo do senhor D. João V.

Em 1730, reconhecendo-se que o atrazo geral do paiz tinha — como hoje — o character de uma calamidade nacional, foi encarregado o conde da Ericeira, nosso embaixador em Londres, de ouvir a este respeito a opinião do sabio doutor portuguez Jacob de Castro Sarmento, residente em Inglaterra. Sarmento, comprehendendo todo o alcance e toda a importancia do alvitre que se lhe pedia, reuniu patrioticamente um pequeno congresso dos homens mais eruditos, mais versados na sciencia da politica e na sciencia da historia, e expoz-lhes miudamente o estado do espirito portuguez na comprehensão da politica, da religião, da arte; fez a pintura dos costumes, das instituições, dos caracteres, das personalidades.

Os sabios inglezes resolveram que toda a refor-

ma directa e immediata era impossivel n'uma sociedade tal como o dr. Sarmiento descreveu a nossa; que era preciso primeiro que tudo operar na opinião um renascimento do senso commum, introduzindo idéas, creando uma philosophia, refutando de cima abaixo a inveterada obra aristotelica do jesuitismo. Para este fim os conferentes propunham a traducção e a vulgarisação maxima do livro mais experimental, mais positivo, mais lucido da litteratura d'esse tempo, o *Novum organum scienciarum*, de Bacon, o grande renovador do bom senso, o precursor da philosophia moderna.

O governo de D. João V adoptou a medida proposta. O livro de Bacon foi trasladado a vernaculo, e tirou-se a primeira folha de impressão em dois formatos differentes *para sua majestade vêr*. A influencia jesuitica interceptou as provas, a publicação suspendeu-se, e a traducção do livro afundou-se no silencio e na sombra.

Á poderosa influencia de Bacon na criação dos methodos experimentaes da philosophia seguiram-se os trabalhos dos espiritos mais eminentes consagrados á restauração do criterio, á renovação intellectual, á fixação das idéas na justiça, na razão, na verdade. Veiu Kant com a logica; veiu Proudhon com a controversia; veiu Julio Comte com a philosophia; vieram Spencer, Bukle, Stuart Mill, Littré,

Karl Marx, Taine, trazendo os methodos, as systematisações, os processos criticos, as applicações do encyclopedismo ás questões sociologicas.

Não perguntaremos ao paiz se as suas classes pensantes e dirigentes, se os seus espiritos superiores e escolhidos, que constituem o fermento com que se leveda a opinião, estão ou não estão a par d'essa evolução da intelligencia moderna. Não sere-mos tambem demasiadamente severos com o proprio governo da nação: não indagaremos se elle está, ou não, dentro do espirito do seu seculo. — Bastar-nos-hia saber se elle tem a convicção de haver penetrado na primeira zona da razão, no espirito do seculo passado!

Baixinho, muito baixinho, meus senhores, ao ouvido: Antes de nos medicarem a nós — francamente — já se medicaram a si mesmos?

Já fizeram o remedio do dr. Sarmiento?

Já leram Bacon?... .

Aqui a esta esquina de rua, no escuro, com os nossos paletós abotoados até os olhos, aqui, onde ninguem nos vê, onde ninguem nos ouve, onde se não sabe quem somos, confessemol-o: Não! — Tu, meu velho — e digo-t'ó com a palmadinha mais amigavel e mais intima no ventre — tu, ministro! tu, conselheiro de Estado! tu, legislador! tu, poder executivo! tu, instituições! tu, Carta! tu, corôa! tu, ci-

vilisação! tu, progresso! tu, futuro! tu, grande pandigo! tu! ainda não leste Bacon. Pois bem! ahi tens defronte um trem de praça, uma tipoia de aventuras retardatarias, um noitibó, que espera os restos do poder, da lei, da corôa, da civilisação e do progresso, que ficaram ainda no Gremio saboreando o copinho cordial do curação que tão bem assenta sobre o chocolate confortativo das tres horas da noite: apodera-te d'esse noitibó! encafua-te para o fundo d'essa tipoia!

— Cocheiro, este senhor, é o governo da nação; elle vem do convento de Odivellas, onde tem passado os seus dias á grade, com os frades de S. Domingos, com os Arcades, com os poetas da *Phenix*, com o sr. corregedor do Rocio, a comer marmelada, a tomar rapé, a ouvir sermões e a fazer sonetos; elle quer ir agora para a civilisação: leve-o a lêr Bacon! leve-o a toda a brida, a lêr Bacon!

Dezembro 1875.

XXI

Quando ultimamente grassou a noticia de uma commissão nomeada pelo governo para ultimar uma questão pendente com relação ao theatro de D. Maria, suppuzemos que o trabalho incumbido a essa commissão era o de ir deitar abaixo o referido theatro; achamos que nunca se utilisára melhor o camartello de critico do sr. Francisco Palha, e a espada de sapador do sr. Luiz de Campos; e applaudimos enthusiasmicamente a deliberação do governo.

Soubemos, porém, em seguida, que o fim da commissão não era arrasar o theatro mas sim adjudical-o a uma empresa dramatica; e ficamos profundamente surprehendidos e pasmados.

O governo resolve e decide pala sua propria cabeça as questões mais importantes da fazenda, da instrucção publica, da hygiene, dos caminhos de ferro, da politica internacional. Sobrevem de repente um caso imprevisto: — a adjudicação do theatro de D. Maria. Deante de tal difficuldade o governo

ata as mãos na cabeça e fica, como o outro que diz, parvoinho.

E todavia a questão theatral é mais facil de resolver, sem duplicar os ministerios, sem abalar, como acaba de succeder, a imprensa, a critica, os partidos politicos e a opinião publica, que tem mais que fazer, — tudo isto a proposito de uma pura questão de desavença entre actores e actrizes.

A questão theatral, pelo que diz respeito á inter-ferencia governativa, resume se no seguinte:

O governo tem dois theatros: O theatro de S. Carlos e o theatro de D. Maria.

Estes theatros representam os dois focos de insalubridade mais perfeitamente constatados e garantidos que tem Lisboa. Tanto no edificio de S. Carlos como no de D. Maria a importantissima questão da renovação do ar, tão difficil de tratar na edificação de uma casa de espectaculos, pela complicação do problema da acustica com o da ventilação, está completamente por attender. Em noites de enchente, ao segundo intervallo, a sala atesta-se de fumo e de pó. O calor, a difficuldade de respirar, principalmente da segunda ordem para cima, torna se insupportavel.

O mau cheiro dos canos e do tabaco de fumo, reunindo os seus gazes mephyticos aos da illumina-

ção, da expiração pulmonar e da perspiração cutanea da muitidão accumulada n'um espaço insufficiente para a conter, viciam profundamente a atmosphaera; produz-se uma enorme combustão de oxygenio; o ambiente sobrecarrega se de acido carbonico, de materias animaes, de acido sulphydrico, de gazes ammoniacaes, que promovem a irritação das mucosas, os symptomas da asphyxia, a palpitação, a oppressão de todo o apparelho respiratorio, as perturbações da circulação, o refluxo do sangue ao cerebro ou aos pulmões, a frequencia do pulso, uma sensação de vertigem, a sêde de ar.

Dois invernos cujas noites se passem habitualmente em S. Carlos ou em D. Maria envelhecem as naturezas feminis, frescas e mimosas, mais profundamente do que cinco ou dez annos de vida em bom ar livre e puro.

Tal é, em resumo, a influencia dos theatros do Estado considerados como pontos de reunião da sociedade lisbonense.

Como casas de espectaculos propriamente dictas, como *templos da arte*, segundo alguns lhes chamam, o aspecto dos nossos theatros é ainda mais miseravel e mais lastimoso.

Os palcos têm a velha construcção do seculo passado, inteiramente rebelde á scenographia mo-

derna, á disposição technica dos quadros, aos effeitos scientificos da luz, á collocação das grandes telas de paizagem e de architectura, finalmente ás manifestações mais bellas e mais importantes das artes scenicas. O pequeno palco de um café cantante de Londres, onde um quadro de Watteau se reproduz n'uma vasta ampliação deslumbrante de verdade pela sábia disposição dos planos perspecticos e pelas profundas combinações opticas, tem muito mais recursos locais do que qualquer dos grandes theatros do governo em Portugal.

Para o drama, para a comedia contemporanea a perfeição da *mise-en-scene* não é unicamente um ornato ou um appenso de luxo á obra do escriptor; é um commentario essencial, uma condição insubstituivel, uma parte integrante do desenvolvimento da acção, da affirmação dos caracteres, da essencia da paixão e do drama, da revelação artistica do sentimento e da vida moral.

Por outro lado, na sala, a distribuição dos logares, combinada no ponto de vista da sociedade antiga, quando o povo não frequentava o theatro, não fornece senão um numero diminutissimo de logares baratos, de uma incommodidade e de um desconfôrto anti-democratico, humilhante e indigno. De sorte que, por mais escolhido que seja o repertorio, por maior que seja o favor do publico, as empresas

não poderão nunca aspirar ás grandes receitas. O theatro de D. Maria, inteiramente cheio, rende réis 360.000! Com tal producto pecuniario como querem que a arte mantenha, já não dizemos o seu prestigio, mas simplesmente o seu decoro? Como querem que sejam pagos os artistas dramaticos? Como querem que as actrizes, conservando-se na pura dignidade do estudo e do trabalho, tenham a *toilette* e as joias? Como querem que os galãs appareçam sem joelheiras nas calças e sem nodos do mólho das lulas dos restaurantes baratos no peito das sobrecasacas? Como querem finalmente que o proprio publico se ache nas elevadas condições de espirito de comprehender as delicadezas do drama, as intenções subtis da alta comedia, quando o publico está em camarotes forrados de papel enno-dado do suor das cabeças, debruçado em parapetos onde as camisas, as rendas e as luvas se sujam com uma poeira infecta, quando elle respira uma atmospherá de batota ou de enxovia?

O publico inglez aprecia mediocrementé a delicada comedia dos altos costumes modernos. Uma actriz de Londres fez-se empresaria de um theatro especial para este genero de espectaculos. É uma pequena sala destinada a poucos espectadores escolhidos. Os fauteuils da platéa são estofados de azul claro e cobertos com uma renda de crochet muda-

da todas as noites. Á porta dois creados de libré e calção curto desenrolam a ponta do tapete até o estribo de cada carrugem que chega. As senhoras passam por cima da alcatifa polvilhada com areia dourada e aromatica. Em cada camarote alugado, acha se um programma do espectaculo impresso em um papel de linho côr de perola, perfumado pelo Rimel, como um *sachet*, e sobre o parapeito, ao pé do logar superior, junto do programma, está collocado um fresco ramo de flôres. Depois da symphonia, executada por um brilhante quarteto de professores distinctos, vestidos de casaca preta e gravata branca, quando o panno de bôcca se arripia e sobe n'um fru-fru assetinado, quando o palco descoberto exhala sobre a sala um fresco halito de elegancia, de alto confôrto artistico e sabio, quando finalmente a comedia principia, o espectador está naturalmente collocado em espirito na corrente dos factos que se lhe vão representar; espera-os, comprehende-os, discrimina-os em todos os seus por menores mais requintados e mais primorosos. Assim é que o publico inglez consente em apreciar a comedia.

Em S Carlos, onde as vetustas paredes illustradas de desenhos de uma decencia equivoca, os estuques amarells, os denegridos labores de massa e

de cartão do interior da sala, as cortinas desbotadas da tribuna, o fôrro gorduroso dos camarotes e a mobília de antiga loja de barbeiro, tudo está impregnado de um nauseabundo cheiro de fumo de cigarros, de gaz extravasado, de suor, e de roupa suja, cheiro especial que nunca encontramos senão alli, na Boa-Hora e no Limoeiro; em S. Carlos, onde a limpeza da sala é de tal modo garantida que ainda o anno passado um dos nossos amigos se muniu de uma escôva que tinha em poder do porteiro para se fazer escovar — á sahida — afim de não entrar indecente na carruagem; em S. Carlos, onde a sujidade do monumento obriga já as senhoras a irem de vestidos velhos e afogados, e verão que muito breve começarão a ir de avental; em S. Carlos, onde o scenario, aliás bem pintado pelos srs. Rambois e Cinatti, offerece todavia frequentemente a confusão imbecil de um minarete tartaro, ao lado de uma ruina grega, no meio de uma paizagem suissa, com entrada por um arco de cathedral; onde o baixo está vestido de druida, o baritono de Luiz XI, o tenor de huguenote e os coristas de toureiros; onde um candieiro de Carcel pousa sobre uma mesa rococó, entre um tamborete romano e uma cadeira Luiz XIII; onde a lua apparece ao fundo á direita, enquanto o luar entra pelo primeiro plano é esquerda; onde a luz e a sombra saem juntas

do mesmo foco e se projectam sobre os os mesmos lados como duas irmãs gêmeas e inseparáveis; onde finalmente todo o apparatus scenico é a negação mais flagrante do respeito da arte, do estudo e do gôsto, — como querem que a grave musica, tão sentida, de uma profundidade tão severa e tão ideal como a das partituras de Weber, de Mozart, de Meyerbeer, seja escutada, comprehendida, interpretada?

E, depois, notem que nenhum phenomeno é perdido na evolução geral dos successos sociaes. Cada facto é o resultado de um impulso anterior e a origem de um movimento subsequente.

As pessoas que descansaram á noite durante quatro horas refazendo as suas idéas, as suas opiniões, os seus principios, deante de um spectaculo offensivo do gôsto, da arte, do senso commum, pensam fatalmente e procedem ao outro dia na coherencia mais logica com as impressões cerebraes suscitadas na vespera.

De modo que a moral, o criterio, a opinião dos individuos, fructo natural do meio em que se produzem, são em grande parte a obra de um grande agente invisivel — a hygiene social.

É d'essa influencia da salubridade publica, benefica ou nociva, que resulta para cada sociedade o valor correlativo dos productos da sua collectividade intellectual e moral: a sua arte, a sua litteratu-

ra, a sua critica, os seus feitos heroicos e os seus crimes.

Os theatros não são portanto, perante a consideração de um governo illustrado e serio, senão uma pura questão de saude publica.

Os dois theatros que o Estado possui em Lisboa estão, sim ou não, nas condições da hygiene? Eis a pergunta que o governo é obrigado a fazer a si mesmo ou aos seus delegados.

A esta pergunta a simples inspecção dos factos responde terminantemente: Não.

Logo o governo, se os mandar abrir nas condições em que elles se acham, commette um crime de burla com os empresarios e de envenenamento com os cidadãos.

Não é absolutamente indispensavel que o governo seja proprietario de theatros. É talvez mesmo util que o não seja. Assim, seria aberto o concurso não para uma empresa dramatica nem para uma empresa lyrica, mas para uma empresa edificadora, á qual o governo daria o terreno preciso com a condição de construir o theatro moderno, simples, elegante, facil, á americana; alegre, limpo, fresco, perfeitamente arejado; com um vasto *paraiso* com quinhentos logares assejados e commodos para o povo; com um palco modelo a que se adaptem todos os

machinismos modernos; com um *estaminet* separado do theatro, para os fumistas; com uma sala de espera para as senhoras; com um *foyer* para o publico; pelo plano dos melhores architectos e segundo os melhores modêlos existentes nos paizes cultos.

Em quanto á arte o melhor que o governo pode fazer é ser-lhe completamente indifferente. A arte é como a religião: pertence aos individuos, não pertence aos governos.

A arte — a arte dramatica principalmente — é um producto directo do meio social.

A comedia e o drama são a epopêa moderna da vida burgueza.

Onde ha uma forte burguezia, poderosa, instruida, com tradições, com costumes, com principios, a arte extrae dos interessantes conflictos da vida d'essa burguezia o grande elemento comico ou dramatico.

Quando a burguezia é, como em Portugal, uma classe que está por educar, que pelo lado intellectual e pelo lado moral se pode mesmo dizer que está por instituir, a arte não pode extrahir dos actos da sua vida senão a pequena chicana de ambições mediocres ou o episodio de uma sentimentalidade sem fé e sem paixão.

D'ahi a falta de dramas originaes.

Emquanto á commissão encarregada de conferir

um premio de 2257000 réis á melhor obra de arte, nada mais absurdo, nada que mais evidentemente demonstre a completa ausencia de critica no entendimento d'estes senhores.

Qual é ahi a commissão que ha de julgar uma obra superior?

Pois não comprehendem que a mesma circumstancia da superioridade põe a obra fora do campo da analyse de qualquer commissão?

Que vem a ser uma commissão qualquer, senão — mais ou menos bem feita — uma selecção de mediocres?

E são esses sujeitos — como quer que elles se chamem — que hão de constituir-se em tribunal para sentencear um espirito superior?!

A obra de arte não só está acima de todas as commissões imaginaveis mas acima da sociedade inteira.

O trabalho do genio lançado aos dominios da intelligencia humana produz uma evolução nova da critica, a qual muitas vezes leva centenaes de annos a percorrer a orbita superior a que a attrahiu o novo astro.

É precisa a confluencia de todos os nossos espiritos subalternos durante a vida de umas poucas de gerações para se poder ensinar uma sociedade a comprehender um grande artista.

A obra de Shakspeare, por exemplo, ainda hoje não acabou de se definir. E têm procurado interpretá-la, comprehendê-la, demonstrá-la centenaes de artistas, por meio da musica em muitas operas, por meio da pintura em innumeraveis quadros, em infinitos livros por meio das theorias do estylo, por meio da lexiconographia, por meio da ideologia, por meio da psychologia. N'esta mesma hora é a physiologia e a pathologia que estão explicando os livros do immortal dramaturgo. Nos Estados-Unidos, na Grã-Bretanha, em França, estão-se publicando os mais profundos trabalhos de sciencia medica sobre as enfermidades das personagens shakspeareanas. As alienações mentaes ou as allucinações de Hamlet, de Macbeth, do Othello, do rei Lear, são capitulos de profunda observação pathologica revelados pela arte á nova sciencia do cerebro, só ultimamente constituida pelos esforços da physiologia experimental. As personagens romanas do mesmo Shakspeare são egualmente a confirmação dos mais recentes estudos historicos e archeologicos da antiguidade romana.

Os senhores têm visto nos theatros, quando olham do palco por um dos buracos que tem o panno de bôcca, um sujeito humilde, sujo, quasi esfarrapado, que está na galeria, attento, ávido, rindo no meio da sua barba hirsuta, ou limpando as lagrimas da

face ao canhão da blusa? Pois esse miseravel, rôto, descamisado, desconhecido, sem nome, sem estudos, sem critica, sem *toilette*, sem nomeação official, vale para um artista mil vezes mais e tem mil vezes mais auctoridade do que todos os governos, todos os jurys e todas as academias. Os senhores, meus caros amigos, mudam de emprego, mudam de terra, passam de moda como as escholas que representam, desapparecem, morrem. Aquelle que lá está em cima, no *gallinheiro*, espreitando, esse é que não muda, que não desapparece, que não morre. Ha dois seculos que elle ahi vae sentar-se, obscuro, ignoto. D'aqui a outros tantos seculos lá o encontrarão ainda. É elle o que premeia e o que condemna definitivamente. Chama-se o Povo, chama-se o Publico. Elle é que é a historia. Elle é que é a immortalidade.

Vós, — bons homens, insignes burocratas, illustres ministros, grandes reis, — vós, para a arte, sois cousa nenhuma. E a vossa pretendida protecção ao talento lembra a lenda phantastica da sombra do escudeiro limpando a sombra do cavallo com a sombra de 2257000 réis.

INDEX DO TOMO IX

- I A superstição do talento.—As conferencias democraticas.—A liberdade de pensamento e a oratoria parlamentar.—Pinheiro Chagas..... 5
- II A nova lei de imprensa.—Um jornalista condemnado á cadeia.—Historia do processo.—O que é a injuria?—Os peritos do ponto d'honra.—A opinião publica sobre os delictos de imprensa.—Contradicções disciplinares no regimen das idéas: a Inquisição applica a tortura para que se fale, a lei vigente applica a *rólha* para que se não fale.—A inviolabilidade do soberano.—Influencia da repressão no estylo.—O pensamento é sagrado. Historia dos governos mortos sob a supressão da liberdade 15
- III A *Sociedade de Instrucção do Porto*. Seu programma, seus fins, sua influencia na arte.... 69
- IV De como a critica entende que se deve escrever a historia patria..... 80

V	Uma estatua a Bocage. — Bocage e o seu tempo. — O marquez d'Avila e o tempo moderno.....	86
VI	O estado dos sentimentos na litteratura dramatica. — A «Princesse Georges» no theatro de D. Maria.....	94
VII	A esthetica official. — Programma de um concurso na Academia Portuense de Bellis Artes.....	103
VIII	Intuitos philosophicos e recreativos da Real Associação Central da Agricultura Portugueza.....	108
IX	A musica e seus precarios destinos no Fundão	112
X	Um livro de Alexandre Herculano. — A philosophia e a tristeza d'este escriptor.....	116
XI	Um livro de João Felix Pereira. — Descobre-se que Eutropio traduzido por este cavalheiro é muito mais incomprehensivel para quem não sabe o latim do que o seria este cavalheiro traduzido por Eutropio	134
XII	Projecto de um monumento a Alexandre Herculano. — Rapido paralelo do Catão de Valle de Lobos e do Catão de Utica.....	
XIII	A arte satirica. — Raphael Bordallo Pinheiro e o <i>Antonio Maria</i> . — A caricatura, seu valor artistico e sua importancia historica. — A satira e seus inconvenientes perante a opinião. — Tristeza dos que riem. — Conselho aos jovens.....	149
XIV	Um drama original. — <i>Os Sabchões</i> , de Ernesto Biester.....	192
XV	A litteratura conservadora. — O que pensam	

	aquelles que a cutlivam das cousas que se encarregam de conservar.....	203
XVI	A litteratura dos curiosos.— Uma traducção de Sardou pelo actor Brazão.— Representa-se mal porque se não escreve bem.....	212
XVII	A litteratura d'observação.— <i>O Crime do Padre Amaro</i> .— Surpresa procedida da apparição d'este livro.— Da moral na arte, e do estado da opinião ácerca d'este assumpto.....	222
XVIII	Dois dramas historicos.— O dramaturgo Luiz de Campos e o dramaturgo Alfredo Ansur.— <i>Leonor de Bragança</i> .— Modos diversos de considerar pela arte a moralidade d'essa dama.— Prefere se o criterio de Ansur, e diz-se porque.....	240
XIX	<i>O Primo Basilio</i> .— Physiologia do adulterio burguez.— O Donjuanismo em Lisboa, suas origens, sua evolução e seu pelintrismo....	257
XX	A restauração da arte portugueza entregue pelo governo aos cuidados de uma commissão. O que é uma commissão e o que é a arte— A perfeição do processo entre os modernos.— Alguns exemplos.....	277
XXI	A questão dos theatros.— O theatro de D. Maria e o theatro de S. Carlos.— A missão do Estado.— O theatro moderno— Logar ao povo	304

